

Multiletramentos para uma prática inovadora na escola contemporânea



Emmanuelle Ferreira Requião Silva
Verônica da Cruz Oliveira
Organizadoras

Emmanuelle Requião e Verônica Oliveira
Organizadoras

**MULTILETRAMENTOS
PARA UMA PRÁTICA INOVADORA
NA ESCOLA CONTEMPORÂNEA**

1^a. Edição

Editora IGM
2021

Copyright © Editora IGM 2021 - Todos os direitos reservados

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

Catálogo: Editora IGM
Impressão: Gráfica Parceira
Revisão: Os Autores

Este livro pode ser transmitido através de meios eletrônicos (Redes Sociais, Internet, e-mail etc.), com a devida citação e créditos ao autor.

CONSELHO EDITORIAL - EDITORA

Dr. Gilson Xavier de Azevedo (UEG)
Dr. Helieder Côrtes Freitas (UEMG)
Dr. Marcos Roberto da Silva (UEG)
Dr. Robson Assis Paniago (FACEN)

CONSELHO EDITORIAL CONVIDADO

Dr. Abraão Felix da Penha (UNEB)
Ma. Emmanuelle Ferreira Requião Silva (UFBA)
Dra. Idália Helena Santos Estevam (UNEB)
Dra. Genira Carneiro de Araujo (UNEB)
Ma. Meire Ane Pitta da Costa (IFS)
Esp. Verônica da Cruz Oliveira (IF BAIANO - Guanambi)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M961 Multiletramentos para uma prática inovadora na escola contemporânea / Emmanuelle Ferreira Requião Silva; Verônica da Cruz Oliveira (Organizadoras). – Quirinópolis, GO: Editora IGM, 2021.

172 p. : il. ; 23 cm

ISBN: 978-65-87038-31-5

1. Educação. 2. Multiletramentos. 3. Prática inovadora.
I. Título.

CDU: 37

Sumário

PREFÁCIO.....	9
LETÍCIA MACHADO DOS SANTOS	
APRESENTAÇÃO	11
VERÔNICA DA CRUZ OLIVEIRA	
EMMANUELLE FERREIRA REQUIÃO SILVA	
CAPÍTULO I	17
MULTILETRAMENTOS POR MEIO DE AÇÕES PEDAGÓGICAS DA GESTÃO PARTICIPATIVA E ARTICULADORA NO CURSINHO PRÉ-VESTIBULAR DO PROJETO UNIVERSIDADE PARA TODOS (UPT)	
EMMANUELLE FERREIRA REQUIÃO SILVA	
IVANILDES SANTOS DA CONCEIÇÃO	
BRUNA ROSA DA SILVA SANTOS	
CAPÍTULO II	33
O TEATRO DOS INVISÍVEIS: A HISTÓRIA QUE A HISTÓRIA, NÃO CONTA – PRÁTICAS DE MULTILETRAMENTOS NA SALA DE AULA, DA ESCOLA DO SÉCULO XXI	
LUCAS CARVALHO NOGUEIRA	
DEIVISSON OLIVEIRA DOS SANTOS	
VERÔNICA DA CRUZ OLIVEIRA	
CAPÍTULO III.....	49
MULTILETRAMENTOS NOS ESPAÇOS EDUCATIVOS E O USO DE PRÁTICAS INOVADORAS NO ENSINO DA GEOGRAFIA	
LAÉRCIO TEODORO BAZÍLIO JÚNIOR	
VERÔNICA DA CRUZ OLIVEIRA	
EMMANUELLE FERREIRA REQUIÃO SILVA	

CAPÍTULO IV.....	65
A PEDAGOGIA DOS MULTILETRAMENTOS E A NEUROCIÊNCIA: SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
MIRIAM SANTANA TEIXEIRA NOEMI DA SILVA CALMON	
CAPÍTULO V	79
DESAFIOS DA PESQUISA CIENTÍFICA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DE NÍVEL MÉDIO: UMA ABORDAGEM DO CURSO TÉCNICO EM ALIMENTOS	
ROSEMARY DO NASCIMENTO PORTO BRAGANÇA ALINE SILVA COSTA E SOUZA	
CAPÍTULO VI.....	95
A POESIA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E CIÊNCIAS DA NATUREZA ALINHADA COM A PEDAGOGIA DE PROJETOS E MULTILETRAMENTOS	
ANA MARIA DOS SANTOS VALENTIM SIMONE MARIA DOS SANTOS NASCIMENTO CARVALHO	
CAPÍTULO VII	111
PROJETO “JUNTOS SOMOS UM SÓ”: EDUCAÇÃO E ARTE COMO TRANSFORMAÇÃO	
MARLI MARIA BAHIA DE SOUSA	
CAPÍTULO VIII	127
EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM ESPAÇOS FORMAIS DE APRENDIZAGEM: DIREITOS HUMANOS EM EVIDÊNCIA	
PRICILLA MENDES OLIVEIRA	
CAPÍTULO IX.....	143
A RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA E OS MULTILETRAMENTOS NO ENSINO DE HISTÓRIA	
JOÃO AUGUSTO LIMA DE OLIVEIRA	

CAPÍTULO X 157

**A COMPULSORIEDADE DO ENSINO REMOTO: DO PERCURSO DO
LETRAMENTO DIGITAL DOCENTE**

LISANDRA AMPARO RIBEIRO PIMENTEL

DÉBORA OLIVEIRA MOTA LEAL PEREIRA

ADEMÁRIO JESUS CARVALHO

FERNANDA FIGUEIRA FONSECA

PREFÁCIO

A obra intitulada “**Multiletramentos para uma prática inovadora na escola contemporânea**” consiste em uma belíssima iniciativa das organizadoras *Emmanuelle Ferreira Requião Silva* tendo formação em Química, Biologia e Pedagogia; e *Verônica da Cruz Oliveira* formada em Letras Vernáculas. Com essas formações e ampla experiência na educação básica e superior, da rede pública e particular, explica-se a tessitura da organização de um livro dessa magnitude.

O livro é formado por dez capítulos, construído por uma equipe de profissionais, com igual competência que as idealizadoras da obra, em que a maioria dos trabalhos foi desenvolvida por professores da SEC-BA, além dos estudantes da UNEB, IFBaiano de Catu, entre outros. Uma brilhante participação desses estudantes como futuros pesquisadores da área social, oriundos da rede pública da Instituição de Ensino Superior do estado da Bahia, um orgulho e ganho para toda sociedade.

A proposta do tema desse livro “multiletramentos na escola contemporânea” não foi à toa, pois tem sido um tema do século XXI, bastante discutido pelos autores Cope e Kalantzis (2000) através da “Pedagogia dos multiletramentos” que defende a prática em sala de aula, das várias linguagens, levando-se em conta os aspectos sociais, culturais e históricos, incluindo aí os vários tipos de interação – real e virtual. Uma prática educativa com essa percepção, necessita do desenvolvimento de aulas significativas, e que proporcionem aos estudantes relacionarem esses conteúdos escolares com os acontecimentos do seu cotidiano, de forma crítica e reflexiva.

É exatamente isso que iremos encontrar ao longo dos dez capítulos desse livro: práticas de experimentos com o uso de materiais de baixo custo; interdisciplinaridade para discussões de questões étnico-raciais no Ensino Médio; projetos de intervenção através de múltiplas

linguagens; pedagogia dos multiletramentos para a Educação de Jovens e Adultos (EJA); desenvolvimento da iniciação científica para a formação dos estudantes; uso da poesia no ensino de Língua Portuguesa e Ciências da Natureza; o ensino de Arte na promoção/desenvolvimento da autoestima dos estudantes; contribuições da Educação Ambiental (EA) na promoção dos direitos humanos; desenvolvimento de práticas pedagógicas, a partir do Programa de Residência Pedagógica; e o uso das tecnologias digitais para o ensino remoto durante a pandemia causada pelo Covid-19.

Aqui é apenas um pequeno aperitivo do que você leitor(a) irá encontrar ao adquirir essa preciosa obra, voltada para todos os níveis de ensino, e interessados, e também curiosos pela concepção do ensino e aprendizagem através da pedagogia dos multiletramentos. Para mim, é uma honra ter sido convidada para prefaciar esse trabalho, formado por pessoas que assim como eu, foram ou são oriundos de uma escola pública que precisa de profissionais comprometidos, e também responsáveis socialmente.

Lauro de Freitas, 09 de dezembro de 2020.

Letícia Machado dos Santos

Professora da Secretaria da Educação do Estado da Bahia
Mestre em Desenvolvimento Humanos e Responsabilidade Social (FVC)
Doutoranda em Difusão do Conhecimento (UNEB/UFBA)

APRESENTAÇÃO

É com satisfação e a certeza de dever cumprido que conseguimos concluir mais um livro intitulado: “Multiletramentos para uma prática inovadora no século XXI”, da Editora IGM, cuja função vai muito além de oferecer aos leitores, um conjunto de artigos produzidos por docentes e pesquisadores, das mais diferentes áreas de conhecimento. Trata-se de publicações que desejam exprimir de forma cuidadosa, o olhar para educação na contemporaneidade e o que ela exige, tendo como lema à importância de disseminar o saber, saber científico e democratizá-lo, fazendo uso de recursos digitais, uma vez que estamos em rede, em uma sociedade cada vez mais conectada, sendo, portanto, algo necessário e imprescindível, para o pleno desenvolvimento social e, porque não econômico.

Nessa edição, volume 1, os autores e coautores mergulharam no universo dos multiletramentos e o que essa tendência propõe. Nesse sentido, todos que desejam tornar o público estudantil de maneira geral mais preparado para enfrentar os desafios da sociedade contemporânea precisam beber dessa fonte, por entendermos que é um dever, é também uma responsabilidade social que foi jogada, literalmente, nas mãos de professores e educadores sociais. Esse compromisso em transformar cidadãos de todas as classes sociais e econômicas, em indivíduos capazes de aprender a lidar com as adversidades e os desafios impostos pela vida moderna foram atribuídos aos docentes.

Uma sociedade dita multiletrada, implica ter pessoas preparadas e aptas não apenas do ponto vista escolar e acadêmico, esses indivíduos precisam estar inseridos na cultura dos multiletramentos nos quais deem conta de adaptar-se e interagir com novos meios de informação e comunicação, oriundos da sociedade tecnológica, que até pouco tempo era geração do analógico.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) dispõe de um item, no qual atribui aos multiletramentos como pertinente para o ensino das Linguagens. Isso significa que a Língua Portuguesa deve ser estudada de forma crítica e reflexiva, sobretudo os gêneros discursivos que agora, têm uma outra configuração, porque estão no meio digital.

Roxane Rojo, referência nos estudos sobre os multiletramentos no Brasil, propõe aos professores e pesquisadores, através de publicação sobre os multiletramentos na escola, cujo nome é: “Multiletramentos na escola” lançado em 2012, apresenta aportes teóricos sobre aplicação dessas práxis na educação básica, na rede pública e privada de ensino. Experiências de professores de Língua Portuguesa seus métodos, suas práticas, sobretudo com foco na análise de texto e produção textual. Ao final dessa experiência que se verificou em publicações, surge o conceito de pedagogia dos multiletramentos.

Na Bahia, a autora Obdália Ferraz também é uma referência importante, quando se trata de: Educação, multiletramentos e tecnologias, uma vez que esse é o nome de uma publicação, no qual foi organizadora. Educação, (multi)letramentos e tecnologias, obra essa publicada em Salvador, em 2019 pela editora EDUFBA. Nessa publicação, a autora nos apresenta uma coletânea de artigos produzidos por várias áreas de conhecimento, no qual o eixo temático são: As Tecnologias Digitais (TD), a Cibercultura, os letramentos múltiplos que nada mais são os multi-saberes, multiletramentos. A organizadora ressalva na apresentação que: Ensinar na contemporaneidade exige colaboração. Nesse sentido, afirmou: “Porque ensinar e aprender, hoje, supõe um paradigma educativo que considere a conectividade, a colaboração, a interatividade, a mediação”. Aborda também, a formação continuada de professores como fundamental para inserir a cultura dos multiletramentos na educação, quer seja na educação básica ou no superior. Como se percebe, promover um ensino e aprendizagem que dialogue com os multi-saberes, por consequência os multiletramentos é algo urgente para tornar indivíduos mais preparados não apenas do ponto de vista didático-pedagógico, e sim para os tornar letrados frente aos novos recursos que se apresentam em nossa sociedade, cada vez mais digital.

Entretanto, os multiletramentos podem e devem se integrar com todas as áreas de conhecimento. Seu surgimento decorre da necessidade em ampliar o ato de alfabetizar alguém, como proposto no letramento. Entende-se que letrar ou tornar alguém letrado, tem a ver com o ato de desenvolver habilidades e competências que extrapolam o nível da palavra, podemos fazer uma intersecção com as teorias de Paulo Freire patrono da Educação Brasileira que afirmava: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”.

O que era urgente, na verdade era possibilitar que os estudantes em sua fase inicial de vida escolar, ampliassem seu desenvolvimento cognitivo, tendo a prática de leitura e escrita como algo indissociável. Autora Magda Soares em seus estudos sobre o letramento e alfabetização, deixou claro que nenhum método ou práxis é ineficiente, apenas fez um contraponto entre alfabetizar e letrar, apontando que as partes se integram e são resultantes de um mesmo processo, embora com suas particularidades. Letramento deseja tornar os indivíduos capazes de usar a língua escrita como práticas sociais, não se limita a desenvolver habilidades e competências em leitura e escrita, como propõem a alfabetização, já os multiletramentos abarca mais possibilidades, no que diz respeito ao ensino e aprendizagem.

Cada coisa em seu tempo. Teorias, métodos, tendências, tudo é reflexo do contexto, da conjuntura social, das mudanças de comportamento, que ocorrem por período e ou década, no qual a sociedade vai passando. O Sistema Nacional de Ensino no Brasil deve preconizar as particularidades de cada região, se no meio urbano ou rural, das condições socioambientais, dos índices de desenvolvimento, tudo isso deve ser levado em conta, quando pensamos em educação. É preciso saímos da caixa, pensar num todo e, em suas particularidades. Dessa maneira, as práxis pedagógicas que se conectam com as emergências e ou demandas de uma sociedade cada vez mais digital, através de um olhar sensível para essas especificidades, tem chances de dar certo.

Os multiletramentos surgem nos espaços escolares como algo necessário, já que no atual contexto precisamos atuar sem estarmos presentes pessoalmente, com linguagens múltiplas, possibilidades inumeráveis de recursos, entre outras questões.

Por fim, achamos que um livro que aborde os multiletramentos, a partir de experiências plurais relatadas por professores e pesquisadores, em diferentes áreas de conhecimento como aconteceu nessa edição, é algo relevante, porque isso constitui de fato um trabalho interdisciplinar e colaborativo.

No **capítulo 1: Multiletramentos por meio de ações pedagógicas da gestão participativa e articuladora no cursinho pré-vestibular do projeto Universidade Para Todos (UPT)**. Versa sobre as experiências das gestoras de polo do UPT em articular suas práticas pedagógicas, com os monitores, em programa de extensão à docência da Universidade do Estado da Bahia.

Já o **capítulo 2: “O teatro dos invisíveis: a história que a história, não conta”: práticas de multiletramentos na sala de aula, da escola do século XXI**. A ideia era unir por meio de um projeto interdisciplinar as áreas de História, Matemática e Língua Portuguesa, além do gênero artístico Teatro, e sua função social, socioeducativa, por excelência para estimular debates e discussões sobre o legado do povo negro no Brasil.

Em seguida o **capítulo 3: Multiletramentos nos espaços educativos e o uso de práticas inovadoras no ensino da Geografia**. Como está posto no título, a ideia é apresentar aplicação dos multiletramentos, enquanto recursos didáticos e pedagógicos para o ensino de Geografia.

No **capítulo 4: A pedagogia dos multiletramentos e a neurociência: suas contribuições para a Educação de Jovens e Adultos**. Vai tratar especificamente, como a neurociência contribui para EJA, numa perspectiva dos multiletramentos, claro.

No **Capítulo 5: Desafios da pesquisa científica na Educação Profissional de nível médio: uma abordagem do curso Técnico em Alimentos**. O cerne da questão era: como usar os multiletramentos para o ensino e aprendizagem, na educação profissional?

No **capítulo 6: A poesia no ensino de Língua Portuguesa e Ciências da Natureza alinhada com a pedagogia de Projetos e Multiletramentos**. De fato, teremos os multiletramentos sendo usado como foi proposto pela estudiosa e referência, cuja formação é na a área de

Língua Portuguesa, como a autora Roxane Rojo. Aulas de Língua Portuguesa conectadas com a práxis dos multiletramentos.

O capítulo 7: Projeto “juntos somos um só”: educação e arte como transformação. Apesar do nome, bem objetivo, o mesmo teve como objetivo apresentar o quanto a arte é transformadora dentro do espaço escolar. Conectando arte e educação como uma coisa só, e não como parte de um todo. Os arte-educadores são essenciais no ensino e aprendizagem, sobretudo na educação básica.

O capítulo 8, com uma abordagem pertinente e necessária para pensarmos nas questões ambientais no Brasil. **Educação ambiental em espaços formais de aprendizagem: direitos humanos em evidência.** Tratar de educação ambiental em espaços formais é urgente no Brasil, considerando os índices de desmatamento, poluição entre outras questões.

O capítulo 9: A Residência Pedagógica e os Multiletramentos no Ensino de História. Era importante abordar como os futuros docentes compreendem a prática de ensino? Quais são os desafios que irão enfrentar? Quais as práticas? Recursos?

E por fim, o **capítulo 10: A compulsoriedade do ensino remoto: do percurso do letramento digital docente.** Em tempo de pandemias, nada mais pertinente do que tratar das mudanças, da prática docente, do letramento digital, na ressignificação das coisas, de maneira geral.

Esperamos que você leitor, compreenda nossa proposta, nossas teorias e as divulgue.

Verônica da Cruz Oliveira
Emmanuelle Ferreira Requião Silva

Capítulo I

Multiletramentos por meio de ações pedagógicas da gestão participativa e articuladora no cursinho pré-vestibular do projeto universidade para todos (UPT)

Emmanuelle Ferreira Requião Silva¹

Ivanildes Santos da Conceição²

Bruna Rosa da Silva Santos³

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar a importância da gestão democrático-participativa na promoção de práticas pedagógicas na perspectiva dos multiletramentos junto às duas turmas de um cursinho pré-vestibular social – Universidade Para Todos – em dois polos

¹ Doutoranda em Química pela UFBA, Mestrado em Química pela UFBA (2015), Lato Sensu em Metodologia e Docência do Ensino Superior na UNIDOM (2013), Lato Sensu em Novas Tecnologias da Educação na ESAB (2015) e graduações em Química pela UNEB (2013), Ciências Biológicas e Pedagogia pela UNICSUL (2019). Tem experiência como docente no Ensino Fundamental Anos Finais e Ensino Médio na rede pública. Atuou como monitora de Química, palestrante e gestora de polo no curso de pré-vestibular do UPT.

² Lato Sensu em Gestão de Pessoas pela UFBA (2004), Lato Sensu em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela IEMAR (em curso), graduações em Comunicação Social pela UNEB (2001), Licenciatura em Letras pela FAC (2016). Tem experiência como docente do Ensino Fundamental Anos Finais e gestora de polo do curso de pré-vestibular do UPT.

³ Doutoranda em Química pela UFBA, Mestrado em Química pela UNEB (2015) e Graduada em Química pela UNEB (2013). Tem experiência como docente no Ensino Médio na rede pública e no curso de pré-vestibular do UPT.

de ensino da rede pública de Salvador-Ba. Para essa análise, foram tomadas como objeto de estudo as intervenções didático-pedagógicas promovidas pelas gestoras dos polos juntos aos monitores e estudantes na perspectiva da aprendizagem significativa por meio de projetos de experimentos com o uso de materiais de baixo custo, simulador virtual, redes sociais, música, palestras e atividades lúdicas.

Palavras-chave: Multiletramentos. Gestão Participativa. Cursinho pré-vestibular UPT.

Abstract: This work aims to analyze the importance of democratic-participative management in the promotion of pedagogical practices in the perspective of multi-courses together with two classes of a pre-university entrance exam course – Universidade Para Todos – in two teaching centers of the public network of Salvador-Ba. For this analysis, the didactic-pedagogical interventions promoted by the managers of the centers together with the monitors and students in the perspective of meaningful learning through experiment projects using low cost materials, virtual simulator, social networks were taken as object of study, music, lectures and recreational activities.

Keywords: Multi-tools. Participatory Management. UPT pre-university course.

Fundamentação teórica

Os cursinhos populares visam à transformação social das comunidades carentes, com intuito de ingressar os estudantes de escola pública no Ensino Superior. Dessa maneira, os gestores dos cursinhos sociais, para atuar com eficiência, devem possuir algumas competências como planejar e organizar, trabalhar em equipe, ser inovador, saber negociar, ter determinação e os conhecimentos fundamentais para alcançar as finalidades de participação da equipe, desenvolvendo ações positivas que ocasionaram em uma gestão participativa e articulada. Segundo Silva (2009), o gestor educacional por meio de uma gestão

participativa tem o desafio de provocar mudanças nas práticas pedagógicas que garantam a qualidade da educação ofertada, visando atingir as metas estabelecidas, construindo a identidade da escola e respeitando os indivíduos que dela fazem parte.

Os multiletramentos são utilizados para designar a importância em estabelecer diferentes modalidades de linguagens para uma aprendizagem mais consolidada, levando em consideração a diversidade cultural, social e econômica existente na sociedade (GARCIA *et al.*, 2016). Segundo Rojo e Moura (2012) há dois conceitos específicos para definir os multiletramentos, sendo: o primeiro fundamentado pela cultura, enquanto o segundo, também conhecido como multiplicidade semiótica, está baseado na informação e comunicação mediante textos. Essa visão semiótica está relacionada não apenas a gramática de linguagem, mas o significado que o estilo de linguagem proporciona (SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2010).

Nessa perspectiva, Melo (2014) aponta que os multiletramentos, além dos elementos que constitui as multimodalidades, a exemplo do som, da escrita e da imagem, devem considerar também a tecnologia, devido sua capacidade em modificar as interações já existentes. Assim, o indivíduo, inserido num ambiente informatizado composto por dispositivos inteligentes, tem a necessidade de se autoestruturar para adaptar a esse novo meio (SAITO; RIBEIRO, 2013). Não distante desse cenário encontra-se o professor que deve reciclar suas metodologias aplicadas em sala de aula com finalidade de acompanhar as ferramentas tecnológicas e as mídias sociais utilizadas pelos estudantes, a exemplo: *WhatsApp*, *Facebook* e *Instagram*. Desta forma, essas metodologias alternativas acabam corroborando em aproximar a escola do cotidiano no estudante (COSTA NETO; FERREIRA, 2012).

Outras formas de multiletramentos também podem ser encontradas, a exemplo, da utilização de palestras no processo de ensino-aprendizagem. Nela há possibilidade em trabalhar assuntos relevantes de uma determinada disciplina ou mesmo estabelecer uma interdisciplinaridade entre diversas áreas do conhecimento permitindo assim discussões e perguntas (MAZZIONI, 2013). Já na Química, os multiletramentos são de suma importância para uma melhor compreensão dos fenômenos que a contemplam. Por se tratar de uma ciência de cu-

nho abstrato em alguns aspectos e pela ausência de laboratório em determinados ambientes escolares, o professor muitas vezes tem que procurar alternativas metodológicas a fim de contornar os obstáculos encontrados em sala de aula. Assim, uma das maneiras utilizadas como metodologia são os experimentos de baixo custo que apresentam como características a simples operação, fácil aquisição, além de dispensar espaço adequado (MACHADO, 2019).

Contudo, existem experimentos químicos que necessitam de materiais específicos, ou devido o grau de periculosidade não podem ser realizados em sala de aula. Nesse caso, utilizam ambientes virtuais para simular tais processos. Um dos simuladores gratuitos empregados como ferramenta que auxilia o ensino e aprendizagem é o *PhET*. Nele os estudantes poderão construir conceitos, desenvolver competências e reforçar ideias prévias (SILVA; MELO, 2016).

No espaço escolar também deve levar em consideração a diversidade cultural e as diferentes formas como o estudante adquire o conhecimento. Para isso, Gardner deu o nome de Inteligências Múltiplas, o qual preconiza que o indivíduo pode apresentar duas ou mais inteligências, dentre elas: intrapessoal, interpessoal, lógico-matemática, etc. (GÁSPARI; SCHWARTS, 2002). A música, também considerada como uma das inteligências múltiplas, é uma ferramenta que permite a construção do conhecimento mediante a reflexão inserida no ato de ouvir. Tal inteligência está voltada na ludicidade por envolver humor e diversão além do aprendizado (MOREIRA; SANTOS; COELHO, 2014). Esse tipo de atividade pode ser empregado na inclusão social do deficiente visual dando subsídios com o objetivo de permitir a construção dos conceitos.

Procedimentos metodológicos

Em se tratando de procedimentos metodológicos, este composto teórico se fez concreto por meio de uma breve revisão bibliográfica sobre gestão democrático-participativa e pedagogia de projetos – de cunho descritivo e natureza qualitativa –, por registros de observação – realizados ao longo das práticas junto aos estudantes – e por relatos de

experiências – colhidos entre os monitores e os estudantes que participaram das iniciativas pedagógicas. De posse desse material, foi possível identificar os multiletramentos deflagrados pelas gestoras de dois polos da Universidade Para Todos (UPT) em Salvador (Colégio Estadual David Mendes e o Centro Social Urbano de Narandiba), programa gerenciado pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e conta com o apoio do Governo do Estado da Bahia.

Em 2014, no polo do UPT sediado no Colégio Estadual David Mendes (CEDM) a gestora (primeira autora) criou um grupo em uma rede social (*Facebook*), como atividade extraclasse, onde foram postados vídeos, reportagens da época e fóruns sobre atualidade, a fim de unir a comunidade do cursinho social (gestor, monitores e estudantes). Além disso, a gestora desenvolveu as seguintes ações: organizou um Ciclo de palestras sobre orientação vocacional e ações motivacionais para o ENEM/vestibulares; mediu em parceria com os monitores dos componentes curriculares de Ciências Exatas, um projeto de experimentos de baixo custo e laboratório de simulador virtual. O monitor de Química realizou o experimento sobre condutividade elétrica para explicar o conteúdo de Ligações Químicas, já o monitor de Física usou o simulador virtual *PhET* na explicação do seguinte conteúdo: força e movimento dos corpos, com auxílio dos recursos tecnológicos (*notebook* e *data-show*) disponibilizados pela unidade de ensino.

Vale ressaltar que no polo do CEDM, posto, no qual entre os estudantes se encontrava uma portadora de necessidades educacionais especiais – deficiência visual, a gestora estabeleceu parceria com o Centro de Apoio Pedagógico para deficiente visual (CAP), que fez o mini-módulo em *braille* a partir da transcrição da xerox do caderno de uma aluna. Outra ação aconteceu durante a realização da prova interdisciplinar, compreendendo a importância da inclusão; a gestora solicitou ajuda de dois monitores para desenvolverem os papéis de leitor e transcritor para auxiliar na prova da estudante.

No período de 2016, no polo do UPT no Centro Social Urbano de Narandiba (CSU de Narandiba), a fim de trabalhar e promover a orientação vocacional dos estudantes do cursinho, a gestora (segunda autora) convidou duas psicólogas do Centro de Psicologia da Universidade Federal da Bahia, as quais, por meio de entrevistas, identificaram as habilidades e competências potenciais de cada estudante. Nesse

mesmo ano, outras ações foram desenvolvidas a saber: a monitora do componente curricular de História lançou mão da criatividade para a composição de músicas a partir dos conteúdos relativos à disciplina em questão; a monitora de Química realizou experimentos com materiais de fácil acesso para conteúdo de substância inorgânica.

Em 2018, a gestora no polo do CSU de Narandiba, sob orientação da Coordenadora Geral do UPT – Dra. Simone Ferreira de Souza Wanderley, organizou um ciclo de palestras sobre a importância da universidade para a profissionalização e a busca por uma qualidade de vida por meio do investimento acadêmico, projeto esse intitulado de “Sou Aluno UPT e Caminho Rumo à Universidade”, com o objetivo de promover a integração dos estudantes antes do início das aulas e esclarecer dúvidas sobre os caminhos para a universidade.

De posse dos registros de observação e dos relatos de experiências, fez-se o cruzamento das informações fornecidas por monitores e estudantes junto ao embasamento teórico para, posteriormente, compor a presente análise.

Discussão

Pensar em educação nos tempos de crise é gerir os processos (in)formativos na perspectiva da proação intermitente, pois não se promove um processo de ensino e aprendizagem significativo, sem a participação de toda a comunidade escolar, a qual só se faz efetiva, a partir da consciência de pertencimento e da assunção de responsabilidade. Dessa forma, em seu artigo 14, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) – Lei 9.394/96 – estabelece princípios para uma gestão democrático-participativa, a saber:

Art. 14 – Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios: I. Participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola; II. Participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes (BRASIL, 2006).

E, com base nesses princípios, é que a equipe gestora do curso se prestou a observar o quadro ocupacional no Brasil, o qual se mostra cada vez mais problemático e competitivo, dada a crise econômico-financeira que se instalou, sobretudo que tange à formalidade laboral, e a busca pela inserção no mercado de trabalho e, por conseguinte, sua estabilidade também se tem constituído uma questão. Nesse interim, identificar habilidades e competências profissionais é uma prerrogativa para quem visa essa inserção, por isso, faz-se relevante a orientação escolar nesse processo de transição, ainda mais se consideradas as intensas e céleres mudanças que vêm sendo deflagradas em todo o mundo.

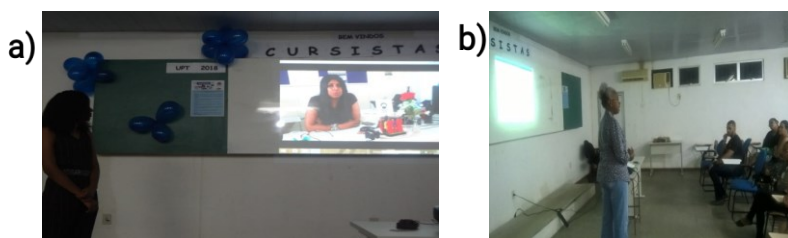
Nesse sentido, Leão (2007) pontua o crescente nível de exigência que as empresas têm determinado para a absorção de trabalhadores e sinaliza os reflexos que as transformações no mercado de trabalho possui evidenciado nos sistemas de educação, formação e emprego, inaugurando um novo paradigma de profissionalização de sujeitos.

A orientação escolar deve-se preocupar em auxiliar o estudante no planejamento do seu projeto de vida, criando alternativas ao seu papel tradicional de somente orientar jovens para a escolha de um curso superior. As abordagens devem possibilitar maior informação profissional e escolar, sem restringir as profissões de nível superior (SILVA, 2016, p. 243).

Pensando nesse contexto, a gestora do polo do CEDM organizou um 1º Ciclo de Palestras voltado ao esclarecimento desse panorama socioeconômico e mercadológico, no intuito de, a priori, auxiliar o estudante na escolha por uma profissão e por qual curso seguir na universidade, levando em consideração o seu autoconhecimento, suas habilidades, aptidões, seu contexto socioeconômico e suas demandas cotidianas. Um 2º Ciclo de Palestras foi promovido com o propósito de motivar os estudantes para a realização das provas do ENEM, de modo a despertar-lhes o interesse pela perspectiva da possibilidade de alcançarem uma melhor qualidade de vida. Nesse sentido, foram convidados ex-alunos do curso já ingressos na universidade por meio do ENEM para que relatassem suas experiências e vivências entre o curso e a graduação. No polo CSU de Nandiba, em 2018, iniciamos a abertura do projeto, com a apresentação do vídeo da Coordenadora Geral,

professora Dra. Simone Ferreira de Souza Wanderley (Figura 1a). Foram realizadas diversas palestras, das quais, com destaque, a palestra da professora Dra. Idália Helena Santos Estevam, que presenteou os estudantes com um tema muito relevante: “A Universidade do Estado da Bahia – Seus Cursos e Profissões” (Figura 1b). Com essa palestra, os discentes do UPT, tiveram todas as informações acerca de cada curso oferecido pela UNEB.

Figura 1 - Ciclo de palestras sobre Rumo a Universidade.



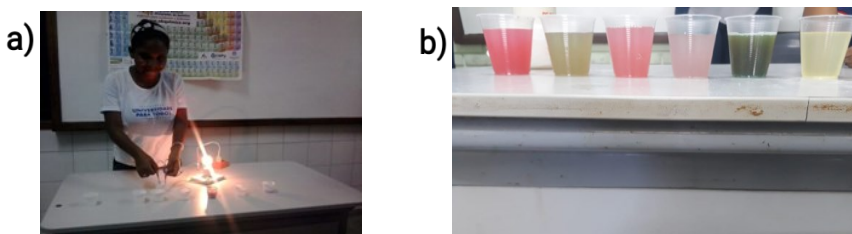
Fonte: Os autores da atividade pedagógica com documento de autorização de imagens.

Em se falando de ações motivacionais, outras ações foram propostas, especialmente tomando como referência o poder de influência que as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) têm sobre as pessoas, sobretudo sobre as gerações mais jovens, recursos utilizados para o desencadeamento de um projeto de experimentos, que foram realizados pelos monitores em sala de aula. A utilização das redes sociais, a exemplo do *Facebook*, teve como princípio motivador a interatividade e a acessibilidade entre gestores, monitores e os estudantes do polo do CEDM. A proposta visou à participação ativa de todos, tanto na proposição de temas, debates e fóruns quanto na sugestão e compartilhamento de materiais – vídeos, textos, *links*, matérias e atualidades.

Quanto ao projeto de experimentos, objetivando um processo de ensino e aprendizagem significativo, sobretudo na perspectiva do construtivismo inaugurado por Vygotsky, lançou-se mão não apenas de atividades lúdicas, mas também das experimentações baseadas em situações do cotidiano dos estudantes, fazendo uso de materiais comuns ao seu dia a dia (recursos alternativos e de baixo custo). Assim,

promoveu-se a construção e a consolidação de conhecimentos relativos aos componentes curriculares de Ciências Exatas, a exemplo das práticas realizadas pelos monitores de Química sobre condutividade elétrica para ilustrar as propriedades das ligações iônica, covalente e metálica (Figura 2a) e do indicador natural para explicar as características das substâncias inorgânicas, utilizando o extrato da cebola roxa, verificando o caráter ácido e básico dos materiais, tais como: água sanitária, detergente, vinagre, dentre outro (Figura 2b). Outra vertente foram os laboratórios virtuais que utilizaram o simulador *PhET* para auxiliar a explicação do conteúdo força e movimento, do componente de Física.

Figura 2 - Aula prática de Química: **a)** condutividade elétrica e **b)** indicador natural.



Fonte: Os autores da atividade pedagógica com documento de autorização de imagens.

No polo do CEDM, percebeu-se a necessidade de se lançar um olhar mais cuidadoso sobre a educação especial e a inclusão, na medida em que foi matriculada uma estudante portadora de deficiência visual. Como o projeto UPT não possui o módulo em *braille*, e não havia tempo hábil para a confecção de material didático completo nessa linguagem, a gestora buscou uma parceria com o Centro de Apoio Pedagógico para deficiente visual (CAP), que fez a transcrição da xérox do caderno de outra estudante para *braille*. No momento da aplicação do simulado no polo junto à estudante em questão, contou-se com a colaboração dos monitores na leitura e transcrição da prova, possibilitando, assim, a participação dessa no processo avaliativo de aprendizagem, o que lhe proporcionou a acessibilidade necessária. Sobre esse aspecto, Mittler (2003) assevera que a escola inclusiva deve buscar promover a acessi-

bilidade plural, ou seja, deve-se adaptar às demandas de cada estudante, e não o contrário, independente das necessidades especiais individuais.

No polo do CSU Narandiba, foi organizada uma aula *show*, ministrada pela professora de História, Raiza Cristina Canuta da Hora, quem criou músicas baseadas nos conteúdos desse componente curricular com o auxílio de instrumentos musicais (ver Figura 3), trazendo a ludicidade para o seio da sala de aula enquanto recurso motivador e interativo, visto que houve um intenso envolvimento de todos. Constituindo-se de uma prática social, a atividade lúdica exerce importante papel na formação do indivíduo, visto que os jogos e as brincadeiras permeiam seu cotidiano, devendo, assim, ser valorizados e trabalhados no contexto escolar com mais atenção e dedicação (MACEDO; PETTY; PASSOS, 2005).

Figura 3 - Aula *show* da disciplina de História.



Fonte: Os autores da atividade pedagógica com documento de autorização de imagens.

Toda equipe estava muito engajada com o projeto, pois há uma intensa parceria entre os gestores e os monitores, de modo que a busca por novas maneiras de entreter os estudantes e por um ambiente propício para o aprendizado é uma missão conjunta.

Considerações finais

As intervenções didáticas-pedagógicas propostas pelos gestores com a contribuição dos professores nos polos foram fundamentais

para melhorar o funcionamento do UPT sendo este promovido pelo curso de extensão da UNEB de Salvador. A partir dos relatos de experiências foi possível concluir a eficácia de utilizar os multiletramentos baseados nos usos de materiais de baixo custo, simulador virtual, rede social (*Facebook*), música, palestras e atividades lúdicas como forma de aprendizagem. E, assim permitindo que a participação coletiva e as ações positivas sejam desenvolvidas e aprimoradas ao longo do curso pelos gestores de polo.

REFERÊNCIAS

- BRASIL, Lei n. 9.394 n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário oficial da União, Brasília, DF, 2006.
- COSTA NETO, A. M. S.; FERREIRA, A. L. A. Redes sociais na educação: aprendizagem colaborativa no ensino de matemática. *In: 1º SEMINÁRIO NACIONAL DE INCLUSÃO DIGITAL DA UPF*, 1, 2012, Passo Fundo. **Anais...** Passo Fundo: UPF, 2012. Disponível em: http://www.pucrs.br/ciencias/viali/tic_literatura/artigos/redes/Costa_Ferreira.pdf. Acesso em: 4 ago. 2020.
- GARCIA, C. P.; SILVA, M. R.; CASTRO, S. P.; VIEIRA, V. F. Multiletramentos no ensino público: desafios e possibilidades. **Revista Práticas de Linguagem**, v. 6, p. 123-134, 2016.
- GÁSPARI, J. C.; SCHWARTS, G. M. Inteligências múltiplas e representações. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 18, n. 3, p. 261-266, 2002.
- LEÃO, A. P. A promoção do desenvolvimento vocacional em contexto escolar: O(s) tempo(s) e o(s) modo(s). **Revista Portuguesa de Investição Educacional**, n. 5, p. 63-78, 2007.
- MACEDO, L; PETTY, A. L. S; PASSOS, N. C. **Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar**. 1ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. 110 p.
- MACHADO, C. Atividades laboratoriais com materiais de baixo custo: um estudo com professores timorenses. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 18, n. 1, p. 198-223, 2019.
- MAZZIONI, S. As estratégias utilizadas no processo de ensino-aprendizagem: concepções de alunos e professores de ciências contábeis. **Revista Eletrônica de Administração e Turismo**, v. 2, n. 1, p. 93-109, 2013.
- MELO, R. Gêneros do discurso e multiletramentos: uma discussão dialógica. **Estudos Linguísticos**, v. 43, n. 2, p. 895-908, 2014.

MITTLER, P. **Educação Inclusiva**: contextos sociais. Porto Alegre: Ed. Arimed, 2003. 264 p.

MOREIRA, A. C.; SANTOS, H.; COELHO, I. S. A música na sala de aula – a música como recurso didático. **UNISANTA Humanitas**, v. 3, n. 1, p. 41-61, 2014.

ROJO, R. H. R.; ALMEIDA, E. M. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. 264 p.

SAITO, F. S.; RIBEIRO, P. N. S. (Multi)letramento(s) digital(is) e teoria do posicionamento: análise das práticas discursivas de professores que se relacionaram com as tecnologias da informação e comunicação no ensino público. **Revista Brasileira Linguística Aplicada**, v. 13, n. 1, p. 37-65, 2013.

SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. Bakhtin e os processos de desenvolvimento humano. **Revista Brasileira Crescimento Desenvolvimento**, v. 20, n. 3, p. 745-756, 2010.

SILVA, L. Estudo sobre a Orientação Vocacional e Profissional – escolas. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 20, n. 2, p. 239-244, 2016.

SILVA, S. R.; MELO, C. A. S. A utilização da simulação “força e movimento” da plataforma PhET, como recurso didático no processo de ensino-aprendizagem. **Revista Educação e Emancipação**, v. 9, n. 2, p. 257-277, 2016.

SILVA, E. P. A importância do gestor educacional na instituição escolar. **Revista Conteúdo**, v. 1, n. 2, 2009.

Capítulo II

O teatro dos invisíveis: a História que a História, não conta – práticas de multiletramentos na sala de aula, da escola do século XXI

Lucas Carvalho Nogueira⁴

Deivisson Oliveira dos Santos⁵

Verônica da Cruz Oliveira⁶

Resumo: Nesse trabalho pretendemos apresentar o “Teatro dos invisíveis, a história que a história não conta”, desenvolvido a partir da interdisciplinaridade que envolveu História, Língua Portuguesa e Artes,

⁴ Mestre em Estudos Étnicos-Raciais e Africanos na UFBA, 2019. Tem Especialização em Docência do Ensino Superior na FAVENI, 2020. Capacitação em Geografia, História e Meio Ambiente na FAVENI, 2020. Licenciado e Bacharel em História, pela UFBA, 2016. É professor de História na rede Estadual da Bahia, no Colégio Estadual Assis Chateaubriand, desde 2018.

⁵ Especialista em Lato Sensu em Metodologia do Ensino da Matemática e da Física FSV-SP, 2019. Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional UCSal, 2020. cursando Especialização em Ensino de Matemática: Matemática na Prática pelo Instituto Federal da Bahia. É Licenciado em Matemática pela UCSal, Salvador-Bahia, em 2017. Graduando em Pedagogia pela UNICSUL. É professor de Matemática na rede Estadual da Bahia, Colégio Estadual Assis Chateaubriand, desde 2018.

⁶ Especialista em Lato Sensu em Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa, Literatura e Artes FAVENI, 2020. Licenciada em Letras Vernáculas, pela UFBA 2016. Capacitou-se em Mediadora do Patrimônio na Demócrito Rocha, 2020. É professora de Língua Portuguesa e Redação no Instituto Federal Baiano (IF BAIANO), em Guanambi-Bahia desde 2019. Experiências nas redes pública/privada na Educação Básica.

bem como multiletramentos e suas práticas efetivas, que são imprescindíveis à escola contemporânea. Nesse sentido, a *práxis* pedagógicas envolveram o teatro associado ao gênero musical samba enredo, que se constituíram como elemento importante para discutir, tratar de questões étnico-raciais no Ensino Médio, em rede pública de ensino.

Palavras-chave: Multiletramentos. Interdisciplinaridade. Teatro. Samba enredo.

Introdução

Uma escola contemporânea, bem como docentes atualizados, capacitados que desejam aplicar uma prática docente de fato inovadora, precisam fazer uso de metodologias ativas, para empoderar seus estudantes e torná-los autônomos, protagonistas, sujeitos agentes de seu processo de ensino e aprendizagem (BACICH; MORAN, 2018). Foi proposto e discutido também por Freire (1999). Freire estava à frente de seu tempo ao afirmar que os professores são mediadores do conhecimento, não temos então, à capacidade de transferir conhecimento, podemos ajudar os discentes por meio de nossas habilidades e competências, além da paixão indicar os caminhos.

Contextualizando nosso trabalho, que foi produzir o *“Teatro dos invisíveis”*, os multiletramentos são imprescindíveis à prática docente na contemporaneidade, uma vez que sua função é fazer uso de linguagens distintas, para melhor ampliação do repertório linguístico e cultural dos estudantes, contribuindo assim, para uma aprendizagem diversificada e condizente com a escola contemporânea (MOURA, 2009). Para Rojo (2009), a sociedade moderna nos exige múltiplos letramentos, sobretudo, na escola. Embora, a escola não seja como em outrora, um único e/ou mais importante espaço de saberes e conhecimentos, ela é um lugar de socialização, de disseminação de informações e trocas. É na escola que se estabelece e se fortalece, muitas vezes, os vínculos que estão além de escolares, são vínculos de cunho afetivo, lugar de aconchego. Mas é preciso nos perguntarmos se nossas escolas estão preparadas e, se têm acompanhado as grandes transformações sociais, já que à velocidade no qual tem ocorrido os avanços tecnológicos, e por

consequências, às mudanças inerentes a eles, não nos permite mais resistir, mas sim adaptar-se e compreender como um fenômeno natural à contemporaneidade.

Para montar o “*Teatro dos invisíveis*”, é preciso compreender que “o teatro assume uma função eminentemente educativa, e a instrução ocorre através da diversão” (GARDAIR; SCHALL, 2009, p. 04), nesta perspectiva abre-se espaço para o teatro do oprimido, que é baseado numa concepção Freiriana, a educação libertária, assim o aluno de escola pública (nosso objeto) pode acessar uma ferramenta que lhe permita estabelecer uma relação de maior criticidade em relação a determinados conceitos, como por exemplo, a desigualdade social. A inspiração do projeto teatral partiu de um samba enredo, do Carnaval de 2019.

Assim, o objetivo deste trabalho foi abordar o samba enredo e o teatro enquanto gêneros artísticos uma vez que são recursos didáticos potentes, que contribuem para mudança de olhar para História do Brasil e, sobretudo, a cultura de maneira geral, servindo de base teórica e metodológica à docentes e estudantes que podem usar das práticas multiletradas na produção de conhecimento. Além disso, à integração dos componentes curriculares como: História, Língua Portuguesa e Artes representaram de fato, um ensino integrado, bem como inovador, como propõe à escola contemporânea do século XXI. Além da integração curricular, fez-se presente a interdisciplinaridade, uma vez que esta está voltada para a questão da prática de pesquisa, utilizada para o desenvolvimento do trabalho, e essa esteve fundamentada na não fragmentação disciplinar (BEANE, 1997). Ou seja, no rompimento das barreiras disciplinares. Já a integração por sua vez, esteve centrada na resolução dos problemas cotidianos do aluno, que era a da discriminação e desigualdade social/ racial. Integrando as disciplinas curriculares, os alunos puderam resolver um problema na articulação do projeto, bem como achar respostas para a sua prática cotidiana.

Metodologia

O projeto “*Contando o que a história não conta: a dramatização da história dos invisíveis sob uma perspectiva multiletrada*”, foi realizado durante o ano de 2019, no Colégio Estadual Assis Chateaubriand,

em São Caetano, Salvador/BA, com o contingente negro bastante expressivo, esse projeto é necessário e pertinente para essa comunidade, porque apresenta e se verifica maior índice de escolaridade média de apenas 4 a 7 anos dentre os chefes de família⁷.

No primeiro momento do projeto teatral, foi feita a escolha de temas, previamente, selecionados pelo professor, que eram ligados à História do Brasil, e das populações negras brasileiras desde a Colônia até a 1ª República. Os temas a serem escolhidos pelos alunos incluíam: Conjuração Baiana ou Revolta dos Búzios de 1798, uma vez que se trata de uma escola no Estado da Bahia e a valorização da cultura e histórica local é um dos fundamentos das Leis de Diretrizes e Bases - LDB (BRASIL, 1996). Outro fator importante foi a escolha do personagem histórico Luiz Gama, abolicionista, que viveu em São Paulo, 1830-1882; como também o Dragão do Mar e a abolição da escravidão no Ceará, 1884; e por fim, Luísa Mahin escravizada africana mãe de Luiz Gama, entre outros. Ao escolher o tema, os alunos teriam a tarefa de pesquisá-lo em suas casas, e essa procura foi feita na internet. Os resultados das pesquisas foram os mais diversos, desde textos que falavam sobre o assunto, as imagens e vídeos. O reflexo disso, foi verificar a capacidade dos alunos em ler e interpretar os textos multimodais, escritos e não escritos. Isso é um pré-requisito dos multiletramentos, uma vez que letramentos diz respeito à conexão entre leitura e escrita, linguagem verbal e não verbal, portanto.

Os estudantes envolvidos na tarefa do que chamaremos de “*Teatro dos invisíveis*”, pelas razões já apresentadas acima, apresentavam média de idade entre 16 e 18 anos, representando as turmas de 2ª e 3ª séries do ensino médio. Para efeitos de melhor exemplificação, definiremos como objeto a turma da 2ª série do ensino médio, que escolheu como tema de sua apresentação “*O Dragão do Mar*”, da província do Ceará em 1881. Neste sentido, o primeiro passo foi o compartilhamento dos resultados das pesquisas sobre o assunto com o professor e os colegas da turma, e para melhor compreensão do significado do que eles haviam pesquisados (ainda na modalidade escrita), o professor atuou como mediador entre o assunto que eles já sabiam, que era

⁷ Análise feita pelo Observatório em Geografia da Universidade Federal da Bahia. Disponível: <https://observatoriobairrossalvador.ufba.br/bairros/sao-caetano>. Acesso em: 01 jul. 2020

a escravidão e o Brasil Império, com o que eles deveriam descobrir, que era a participação dos subalternos, do povo na luta pela liberdade. Ao se fazer a leitura em conjunto eles puderem compreender que as classes populares, das quais eles pertencem, têm e são capazes de mobilizar-se em direção à sua emancipação.

Feito isso, deu-se início a uma nova etapa do trabalho que foi a delimitação de papéis, funções e responsabilidades; nesse momento, o professor deixou-os à vontade para de acordo com suas respectivas habilidades delimitarem suas funções e papéis. Entretanto, tais funções não poderiam ser engessadas, devendo haver uma simbiose entre os elementos de grupos distintos, sobre o assunto com o professor e os colegas da turma, e para melhor compreensão do significado do que eles haviam pesquisado (ainda na modalidade escrita). A culminância ocorreu em novembro de 2019.

Discussão

A discussão epistemológica teatro e escola, não é algo novo. Sendo ela, fruto de um intenso debate e pressão por ações efetivas do Estado ligadas ao seu ensino, sobretudo, nos níveis fundamental e médio, a sua aplicação nas escolas é o que Ingrid Koudela chama de “pedagogia do teatro” (KOUDELA, 2006). Embora, presente nos PCNs e na BNCC, a educação teatral está longe de ser realidade nas escolas do Brasil, ainda mais pela baixa, ou diminuta presença dos professores de teatro nos estabelecimentos de ensino (públicos).

É através da abordagem progressista, que olha a escola além muros, incluindo todo entorno no qual vive o aluno, que se pode pensar a transformação do sujeito e do mundo (FREIRE, 1992, p. 107). Contudo, além da abordagem de Paulo Freire soma-se a ela a Crítico social dos conteúdos, que adiciona elementos como gênero, raça, sexualidade na formação do estudante. José Carlos Libâneo (1985), que trata desta pedagogia defende a ideia pela qual os alunos precisam compreender à sua realidade histórica e social, para transformá-la, tendo o professor como mediador. Logo, é a consciência do mundo que impulsiona a ação para a transformação da realidade, feita pelo aluno, e essa mudança de realidade pode-se manifestar de diversas formas,

desde um simples trabalho em equipe a reflexão e subjugação de uma prática racista, ou machista por exemplo.

Neste sentido, o teatro pode ser um agente catalisador desse processo, que é claro, não é produzido de modo aleatório, e sim, por uma apropriação sistemática de práticas de letramentos, e multiletramentos orientadas pelo professor. Parêntesis, na comunidade em torno do colégio os parentes e responsáveis pelos alunos foram excluídos da chance de terem acesso a um direito básico e universal, que é a educação, pelo menos não o fizeram no tempo ideal, dos 4 aos 17 anos, como exposto antes. Os dados apontaram o quão significativo foi trabalhar a temática de resgate da história e memória, de personagens “esquecidos” pela história, como os escravizados, libertos, e mulheres, isso era dialogar com a realidade “esquecida” ou abandonada a qual estes jovens estavam inseridos, com o objetivo de não só fazê-los conscientes e críticos de seu papel na sociedade, como também de poder aumentar-lhes a autoestima, uma vez que estamos falando de um universo onde a maioria destes jovens são negros e pobres, historicamente vítimas do racismo e do descaso (PEREIRA, 2005).

O trabalho foi motivado e tem a ver com uma das maiores manifestações culturais brasileiras, o carnaval. No ano de 2019, a escola de samba Estação Primeira de Mangueira venceu o carnaval com o enredo “*História para ninar gente grande*”, que transmitiu mensagem forte e poderosa⁸. Não à toa a verde e rosa (como a Mangueira é chamada), conquistou o campeonato, mas o que nos interessa aqui, é que este enredo na verdade não é fruto aleatório da criação de músicos e carnavalescos, na verdade, ele é fruto de uma nova historiografia brasileira que leva em consideração à vida e trajetória das populações subalternas, como apontam os trabalhos de Wlamyra Albuquerque (2012); além de firmar-se como uma contra narrativa ao projeto político “*Escola sem partido*”. Daí a estrofe “mulheres, tamoios, mulatos, eu quero um país

⁸Samba enredo 2019 - Estação Primeira de Mangueira “História pra Ninar Gente Grande” composição: Deivid Domênico, Tomaz Miranda, Mama, Marcio Bola, Ronie Oliveira, Danilo Firmino, Manu da Cuíca e Luiz Carlos Máximo. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/wantuir/historias-para-ninar-gente-grande/>. Acesso 17 jul. 2020.

que não está no retrato”, significa dar destaque a essas pessoas, invisibilizadas nas grandes narrativas históricas nacionais; a letra destaca ainda, a valorização da história de luta das populações subalternas ao afirmar que: “não veio do céu, nem de Izabel, a liberdade é um dragão do mar de Aracati”. A liberdade não foi algo doado, e sim conquistado de baixo para cima, e não imposto de cima para baixo como uma mera bondade da Princesa Isabel, em 1888 (ALBUQUERQUE, 2012).

Tudo isso tem a ver com uma prática multiletrada, uma vez que os multiletramentos partem de uma aprendizagem não somente da escrita verbal (ROJO, 2013, p 8-9). Após, a leitura dos textos verbais, a turma da 2 série desenvolveu-se na análise de outros modais, como a música, vídeo, dança e linguagem corporal. Todos esses modais, escritos e não escritos deveriam compor o roteiro elaborado por eles, dessa forma os alunos da turma passaram a ser *designers* de significados, pesquisando para produzir, tendo ideias inovadoras para não repetirem conteúdos, criando-os autenticamente (ROJO, 2013, p. 19). Dentre os textos não escritos, estão as músicas selecionadas para apresentação, que deveriam ter uma estreita correlação com os atos (ou cenas) que a peça teve. Além de combinar um gênero musical com a cena em questão, os alunos foram introduzidos a analisar de maneira crítica aqueles textos selecionados, nas palavras de Rojo: “esse é outro espaço de atuação escolar: transformar o “consumidor acrítico” — se é que ele de fato existe — em analista crítico” (ROJO, 2013, p. 29), ou seja, é papel da escola e dos educadores levar os estudantes a ressignificarem, ou melhor criarem sentido aos textos escritos e não escritos.

Por se tratar de música, como uma das modalidades não escrita, podemos observar a maneira pelas quais alunos da turma ressignificam uma canção que veio a fazer parte de sua apresentação. Isso implica compreensão do que é ressignificar. Nesse ínterim, a interdisciplinaridade teve um papel crucial nesse trabalho, uma vez que o projeto do teatro, bem como as pesquisas realizadas pelos alunos tinham que ser redigidas de acordo com a norma padrão da língua portuguesa, exigindo dos alunos compreensão da mesma, e dos gêneros textuais, como por exemplo: pesquisa, análise de dados, produção de roteiros, habilidades e competências linguísticas. A Matemática enquanto ciência exata também teve uma função importante, já que era preciso saber analisar matematicamente às estatísticas apresentadas acima, sobre os índices escolares dos familiares dos estudantes do Colégio Estadual

Assis Chateaubriand, embora gráficos não tenham sido apresentados neste presente artigo.

O tema da peça teatral feito pela 2ª série do ensino médio, foi o “*Dragão do Mar*”, e a peça contou – mais ou menos – com a seguinte sequência cronológica: 1ª, Francisco da Matilde ainda criança; 2ª, ele jovem entrando na Marinha; 3ª, ele mais velho, jangadeiro e líder da rebelião que deu fim ao tráfico de escravos no Ceará, no ano de 1884. A música presente no segundo ato, foi a de uma banda pernambucana chamada: “*Academia da Berlinda*” – pouco conhecida entre os alunos, e inclusive entre os professores – chamada “*Dorival*”⁹. A música trata de um diálogo entre um pescador e sua companheira, que sofre aflita com os perigos que cercam a vida no mar, no caso os tubarões, ameaça marcante de parte do Nordeste Brasileiro, na região do Recife. E, embora os estudantes da turma não fossem de lá, eles tinham conhecimentos geográficos prévios acerca disso, e transformaram a narrativa da canção em um de seus atos. Mostrando a autonomia para criar novos significados à música e seus sentidos (LIBÂNEO, 2014), nela Chico da Matilde mesmo não sendo pescador, passou a ganhar sua vida no mar, e antes da jornada despediu-se dramaticamente de sua esposa, que não queria que ele fosse ao mar com medo de nunca mais vê-lo.

Após a volta ao lar, o dragão do mar começou a tramocar a revolta contra o tráfico de escravos, tema do terceiro ato da apresentação. O ponto alto da peça foi o dia da revolta, em que o porto de Fortaleza foi fechado pelos jangadeiros, impedindo a chegada de escravizados à cidade, em janeiro de 1881. Essa ação resultou na abolição da escravidão na província do Ceará, três anos após esse evento, e quatro anos antes do restante do então Império Brasileiro (XAVIER, 2009). Houve ainda, outras formas de multiletramentos utilizadas pelos alunos, tais quais

⁹Para compreender melhor a conceitualização e ressignificação feita por eles, vejamos parte da canção “*Dorival, vai não. Tá cheio de tubarão no mar / Val, vai não. Arranja um emprego no chão / Isso me destrói. Cê vai, meu coração dói / Você verá que irei voltar. Você, razão do meu mar / Paixão do meu aconchego. Cê chega, me chama de nega / E eu só te peço, meu nego. Val, vai não / Tá cheio de tubarão no mar. Val, vai não / Arranja um emprego no chão... Chorei... / Pensando que nunca mais fosse te ver novamente / Chorei. Com medo de tubarão / Das grandes ondas, e do canto da sereia / Voltei. Mais uma vez voltei pra teus braços / Tenho corpo fechado. Minha vida é o mar*” Dorival – Academia da Berlinda. 2016. Compositor: Alexandre de Freitas Barreto.

videoclipes da plataforma de mídia digital *YouTube*, mas, sua análise nos tomaria um demasiado tempo, não sendo possível, portanto, descrevê-la nesse presente capítulo. Contudo, não poderíamos encerrar essa discussão sem dar voz aos agentes desse processo, o “*teatro dos invisíveis*”. O relato de uma das produtoras do trabalho, a aluna Mailane Sales de Carvalho, que relatou os aprendizados e desafios dos multiletramentos na produção teatral:

Eu tive a oportunidade de ter no meu currículo escolar essa tão estimada produção, que foi “*Dragões do mar*”. Posso dizer com todas as palavras que: o trabalho feito em turma com a colaboração dos meus colegas e do professor, foi uma coisa que aconteceu comigo que nunca vou esquecer. Apesar de nós os alunos não sermos nenhum ator profissional, nós mesmo assim nos surpreendemos a todos. O resultado do nosso esforço para criar: roteiro, narração, encenações, trilha sonora, cenário e roupas, realmente valeu a pena, porque foi um trabalho emocionante, pois ver como a história tocou o coração de todo o Colégio me deixou transbordando de alegria. Eu consegui aprender muitas lições com a História que a História não conta. Sim, lições de vida, de igualdade, de luta, de amor ao próximo, de perseverança. Esse trabalho me fez notar como os nossos antepassados lutaram pela então liberdade que temos hoje. As músicas usadas na produção, até hoje, eu escuto e lembro de muitas lições e alguns significados que não tinha visto antes. Inclusive a música da escola de samba: “*Paraíso do Tuiuti*”. Depois da peça eu pude entender o significado de toda a música e imaginar tudo, essa música foi usada como o encerramento da produção nós fizemos uma roda e dançamos, isso foi muito legal. O meu papel na peça foi basicamente cuidar de uma parte do roteiro que criei com a ajuda do professor Lucas. E também eu fiz o papel de sub narradora: eu era a netinha que ouvia a história de dormir contada pelo avô. E até hoje eu lembro as minhas falas finais: “*Não somos escravos de nenhum senhor, nosso paraíso, é nosso bastião, nosso Assis, meu São Caetano o quilombo da favela, é sentinela da libertação!*” (CARVALHO, 2020)

As formas de múltiplos letramentos, como descritos e propostos por Rojo (2009) se verifica de forma expressiva nesse projeto, uma vez que a experiência de estudar a história do Brasil, dos povos que foram

marginalizados pela mesma ao longo do tempo, significou o reconhecimento da cultura de referência do aluno que para autora, em um deles ela fala em uma música do “Paraíso do Tuiuti”, do Rio de Janeiro. Trata-se do samba enredo de 2018, “Meu deus, meu Deus, está extinta a escravidão?”, que impressionou os espectadores com uma veemente crítica social, que contava com o seguinte refrão: “Não sou escravo de nenhum senhor, meu paraíso é meu bastião, meu Tuiuti, o quilombo da favela, é sentinela da libertação”¹⁰. Vimos que os alunos, fizeram não só uma readaptação, mas ressignificam a letra de acordo com a sua realidade, ao mencionarem o nome da escola, e o bairro o qual pertencem, São Caetano, periferia de Salvador. E embora, como ela mesmo afirma, não fossem eles atores profissionais –embora alguns de fato tenham demonstrado desenvoltura –, uma vez que eles não tiveram sequer contato com o teatro dada à falta de profissionais na área atuando na Educação básica, puderam desenvolver um satisfatório projeto. E é claro, projetos como esses poderiam ser potencializados caso fossem implementados de forma efetiva nas escolas e não dependessem apenas da iniciativa de professores esforçados.

Por fim, Mailane teve importante destaque na produção Teatral, mas ela não foi a única, junto a ela somam-se: Pedro, Rafaela, Renan, Cristiane, Thiago, Tiago, Nívea, Gerusa, Samantha, Evelyn, Milene, Lorena, Jean Clementino, Samuel, Geovana, Roseane; participaram e produziram uma experiência, que com certeza marcaram-nos bastante, e que mostra a viabilidade dos multiletramentos na pedagogia de projetos.

Considerações Finais

A interdisciplinaridade englobou História, Língua Portuguesa, Artes e Matemática, uma fusão um tanto inusitada e interessante, para esse trabalho que teve como elemento, o teatro enquanto recurso didático e o samba enredo, como objeto socioeducativo. Além disso, o

¹⁰ A letra na íntegra pode ser acessada em: <https://www.letras.mus.br/gres-paraiso-do-tuiuti/samba-enredo-2018-meu-deus-meu-deus-esta-extinta-a-escravidao/>. Acesso em: 01 jul. 2020.

samba do Rio de Janeiro é Patrimônio Cultural do Brasil, desde 2007, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Saliento que não se trata de uma fórmula, e, sim de uma sugestão baseada em um trabalho interdisciplinar que deu certo, e que rompe os paradigmas da escola tradicional, no qual os alunos de forma autônoma puderam aprender aprendendo, que é conhecido como a pedagogia de projetos. Neste sentido, durante a elaboração do projeto teatral “*Contando o que a história não conta: a dramatização da história dos ‘invisíveis’ a partir da perspectiva multiletrada*”, objetivou-se não, apenas apresentar-lhes uma solução para os problemas encontrados, e sim orientamo-los a investigar, oferecendo-os o prazer de descobrir, pela pesquisa e esforço as respostas que queriam.

Assim, através da experiência de que tiveram na elaboração da peça teatral, os alunos puderam aprender sobre a História do Brasil, e não só isso, de que as classes populares foram capazes de significativas mobilizações, e de que eles também são sujeitos históricos. Dessa forma, o pensamento crítico pôde ser estimulado, com os estudantes autônomos e socialmente ativos, não sendo meros receptáculos de conhecimento, mas produtores deste. Para que este objetivo seja alcançado, a prática multiletrada provou ser de extrema necessidade e pertinência. Mesmo diante dos grandes desafios que a Escola Pública nos oferece, desenvolver um projeto de tal natureza, reconforta-nos os corações e assinala que fizemos a escolha de carreira, certa.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, W. R. **O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

ARANHA, M. L. A. **História da Educação**. São Paulo: Moderna, 1996.

ARGYRIS, C. GARDAIR, T. L. C.; SCHALL, V. T. Ciência, teatro e aprendizagem no desenvolvimento de eventos culturais. VII. ENPEC – Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências. 2009.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9.394/96.

BACICH, L.; MORAN, J. **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

FAZENDA, I. C. **A teoria fecunda e a prática difícil da Interdisciplinaridade**. Disponível em: <http://www.pucsp.br/gepi>. Acesso em: 01 out. 2014.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e Gestão das Escolas - Teoria e Prática**. Goiânia: Alternativa, 1998.

LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 2008 (24^a. Ed.). 1^a. edição: 1985.

MENEZES, E. T. **“Aprender a aprender com a pedagogia de projetos”** *Educa Brasil*. São Paulo: Midiamix, 2002. Disponível em: <https://www.educabrasil.com.br/aprender-a-aprender-com-a-pedagogia-de-projetos/>. Acesso em: 28 de jun. 2020.

MATTAR, J. **Metodologias ativas para a educação presencial, blended e a distância**. São Paulo: Artesanato Educacional, 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 9^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

ROJO, R. H. R. "**Multiletramentos na escola**" / Roxane Rojo, Eduardo Moura [orgs.]. -São Paulo: Parábola Editorial, 2012. 264p. (Estratégias de ensino; 29).

XAVIER, P. História, Memória e Historiografia: o Dragão do Mar na escrita de Edmar Morel (1949). **ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**. Consultado em 20 de maio de 2020.

Samba enredo 2018 - Paraíso do Tuiuti. "Está extinta a escravidão?". Disponível em: <https://www.letras.mus.br/gres-paraiso-do-tuiuti/samba-enredo-2018-meu-deus-meu-deus-esta-extinta-a-escravidaao/>. Acesso em: 01 jul. 2020.

Samba enredo 2019 - Estação Primeira de Mangueira "História pra Ninar Gente Grande" composição: Deivid Domênico, Tomaz Miranda, Mama, Marcio Bola, Ronie Oliveira, Danilo Firmino, Manu da Cuíca e Luiz Carlos Máximo. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/wantuir/historias-para-ninar-gente-grande/>. Acesso em: 17 jul. 2020.

Observatório em Geografia da Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <https://observatoriobairrossalvador.ufba.br/bairros/sao-caetano>. Acesso em: 01 jul. 2020.

Capítulo III

Multiletramentos nos espaços educativos e o uso de práticas inovadoras no ensino da geografia

Laércio Teodoro Bazílio Júnior¹¹

Verônica da Cruz Oliveira¹²

Emmanuelle Ferreira Requião Silva¹³

Resumo: O presente trabalho é o resultado de vários projetos de intervenção pedagógica, que consistiram em promover dinâmicas de práticas inovadoras no ensino de Geografia. Por meio de ações educativas, considerou-se implementar *práxis* inovadoras que envolveram

¹¹ Possui especialização em Ensino de Sociologia no Ensino Médio pela Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (2018). Graduação em Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal da Bahia (2010), Bacharel em Geografia pela Universidade Federal da Bahia (2013). Atualmente é professor efetivo de Geografia e vice-diretor do Colégio Estadual Assis Chateaubriand, localizado em Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: laercio_ltbj@hotmail.com e laercio bazilio@gmail.com.

¹² Especialista em Lato Sensu em Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa, Literatura e Artes FAVENI, 2020. Licenciada em Letras Vernáculas, pela UFBA 2016. Capacitou-se em Mediadora do Patrimônio na Demócrito Rocha, 2020. É professora de Língua Portuguesa e Redação no Instituto Federal Baiano (IF BAIANO), em Guanambi-Bahia desde 2019. Experiências nas redes pública/privada na Educação Básica.

¹³ Doutoranda em Química pela UFBA, Mestrado em Química pela UFBA (2015), Lato Sensu em Metodologia e Docência do Ensino Superior na UNIDOM (2013), Lato Sensu em Novas Tecnologias da Educação na ESAB (2015) e graduações em Química pela UNEB (2013), Ciências Biológicas e Pedagogia pela UNICSUL (2019). Tem experiência como docente no Ensino Fundamental Anos Finais e Ensino Médio na rede pública. Atuou como monitora de Química, palestrante e gestora de polo no curso de pré-vestibular do UPT.

os multiletramentos e a pedagogia de projetos em aulas de Geografia, trazendo como exemplo o uso do teatro, da música, confecção de jornais e *banners*, como resultado da intervenção educativa. Essa atividade pedagógica teve como público-alvo os estudantes da 2ª a 3ª séries do Ensino Médio do Colégio Estadual Assis Chateaubriand, localizado em São Caetano, no município de Salvador, Bahia.

Palavras-chave: Geografia. Multiletramentos. Pedagogia de projetos.

Multiletramentos e pedagogia de projetos para auxiliarem nas práticas inovadoras em ambientes escolares

Apesar de ainda notarmos a centralização do processo de ensino e aprendizagem no espaço escolar, atualmente, verificamos a evolução da metodologia ou das práticas pedagógicas de ensino de modo a torná-la mais democrática e participativa. Os estudantes agora têm voz, são participativos e dividem o protagonismo com os professores na construção do conhecimento. Vivemos hoje em uma Cultura da Participação, em que os papéis frente à informação e ao conhecimento estão em constante movimento, requerendo do sujeito competências e habilidades variadas (JENKINS, 2009); desse modo, em se tratando do contexto pedagógico, encenam-se multiletramentos necessários. Para Silva e colaboradores,

[...] o professor pode trabalhar em sala de aula consiste em tornar o aluno protagonista da aprendizagem, em que há construção do conhecimento de forma que possa pesquisar, elaborar o material didático tendo o professor como mediador desse processo. Isso acaba tornando uma ferramenta que auxilia na avaliação do estudante através das suas competências e habilidades (SILVA, *et al.*, 2019, p. 25978).

Nesse sentido, é evidente que os espaços da aprendizagem não se restringem aos muros da escola, são cada vez mais diversificados os tempos, os espaços e os modais, porque o processo educacional acontece, posto que se faz fundamental uma educação tanto multicultural quanto híbrida, o que tornam os multiletramentos uma prerrogativa às práticas pedagógicas na atualidade. (COPE; KALANTZIS, 2000).

Os multiletramentos, no que diz respeito ao ensino de Geografia, são inseridos por meio do olhar geográfico de mundo trazida pelo professor, pois se trata de uma ciência que trabalha a reflexão fazendo vínculos com outras disciplinas ou ciências. Dependendo da temática, podemos fazer inúmeras abordagens que ajudarão o processo do ensino e aprendizagem, a exemplo do teatro (RICHITELI; VITORINO; GRACIOLI; LEANDRO, 2014), das músicas (SILVA, 2015) e do jornal (MELO; LADEIRA, 2019), que podem ser trabalhadas de modo multidisciplinar; vale dizer que o uso de multimodais constituem-se em metodologias relativamente novas no ensino público, especialmente se associadas às Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC).

Para Rojo:

A adição do prefixo ‘multi’ ao termo letramento não é uma questão restrita à multiplicidade de práticas de leitura e escrita que marcam a contemporaneidade: as práticas de letramento contemporâneas envolvem, por um lado, a multiplicidade de linguagens, semioses e mídias envolvidas na criação de significação para os textos multimodais contemporâneos e, por outro, a pluralidade e diversidade cultural trazida pelos autores/leitores contemporâneos a essa criação e significação (ROJO, 2013, p. 14).

No intuito de exemplificarmos esses usos, tomamos como exemplo o teatro, por meio do trabalho intitulado de “O Uso do Teatro como Método de Ensino de Geografia na Escola: Geoarte como Prática Educativa no Ensino Fundamental”, desenvolvido por pesquisadores, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Minas Gerais, que consiste em ensinar Geografia por meio da arte, voltado para os temas relacionados a esse componente e ao cotidiano dos alunos matriculados na escola. Para os autores: “[...] a partir do momento que se passa a trabalhar os conteúdos de maneiras diferenciadas, usando o teatro, por exemplo, podem levar temas específicos para a realidade das turmas, percebe-se identificação maior entre o aluno e o professor.” (RICHITELI; VITORINO; GRACIOLI; LEANDRO, 2014, p. 2063-2064).

Outro elemento contributivo é a música, que surge como um poderoso e importante recurso pedagógico, pois envolve o ouvinte com a sua melodia e existem infinitas letras que abordam o sentimento, o pertencimento, o cotidiano, o lugar, a migração, a paisagem, a natureza,

ou seja, muitos assuntos que são conteúdos da Geografia. Além disso, a música possui algo em especial, pois conquista o ouvinte e pode trazer muitos significados para o alunado, como aponta Silva (2015, p. 10):

[...] a música descreve diversas situações do cotidiano, com letras e melodias que retratam as diferentes formas de paisagem, ela poderá ser de grande valia quando se trata de trabalhar a paisagem dentro do ensino de geografia na sala de aula. Existem inúmeras músicas que trazem como temática os assuntos dessa disciplina tais como: lugar, território, migração, economia, política, preconceito, dinâmicas naturais dentre outras. (SILVA, 2015, p. 10).

Outro recurso interessante na construção do conhecimento é o jornal, pois é capaz de englobar todas as disciplinas, proporcionando uma prática multidisciplinar; além de possibilitar a abordagem de múltiplas temáticas, esse modal acaba envolvendo diversos tipos de linguagem, como textos, gráficos, imagens, charges, entre outros. Como já pontuado, em um mundo tão dinâmico, é importante incentivar o uso dos diversos recursos tecnológicos, especialmente na elaboração do jornal, seja no formato digital ou impresso.

Para Paula e Torres (2014, p. 05), “[...] o jornal é um recurso didático pedagógico que pode fazer uma interação entre a realidade do aluno com os conteúdos desenvolvidos dentro da sala de aula [...]”. Dessa forma, o aprendizado tem um significado por meio das cores, das formas e da textura, resultado da interação social e do processo de ensino e aprendizagem, tanto para o aluno quanto para o professor. Para Gracioli (2017, p. 15):

A pedagogia dos multiletramentos envolve a possibilidade da construção do processo de ensino e aprendizagem a partir de diferentes letramentos, seja pelo uso da linguagem visual ou verbal, no intuito de focar a abordagem crítica dos estudantes para melhores compreensões dos fenômenos geográficos.

Outra maneira, que podemos adotar como fundamento metodológico é a Pedagogia de Projetos, pois consiste em fugir um pouco do

ensino tradicional, configurando-se em um ensino mais criativo, diversificado e colaborativo. Por meio dessa prática, é possível acionar a criatividade dos alunos sob a mediação dos professores. Os recursos supracitados ou parte deles (teatro, música e jornal) podem ser amplamente utilizados dentro e fora da sala de aula, mas é preciso que haja direcionamento e orientação docente adequados. Segundo Prado:

[...] o aluno aprende no processo de produzir, levantar dúvidas, pesquisar e criar relações que incentivam novas buscas, descobertas, compreensões e reconstruções de conhecimento. Portanto, o papel do professor deixa de ser aquele que ensina por meio da transmissão de informações – que tem como centro do processo a atuação do professor –, para criar situações de aprendizagem cujo foco incida sobre as relações que se estabelecem nesse processo, cabendo ao professor realizar as mediações necessárias para que o aluno possa encontrar sentido naquilo que está aprendendo, a partir das relações criadas nessas situações (PRADO, 2005, p. 13).

Dessa maneira, o objetivo deste texto é tecer considerações sobre a promoção de dinâmicas de valorização de práticas pedagógicas inovadoras no ensino de Geografia, envolvendo os multiletramentos e a pedagogia de projetos, tomando como materialidades para a observação os seguintes projetos: o “Projeto Participação Política”; o “Projeto Conhecendo a Bahia” (consistiu na coleta de dados históricos, geográficos e culturais em pesquisas direcionadas sobre determinados municípios da Bahia); e o Projeto “O Jornal da Turma”.

Metodologia

No que se refere aos procedimentos metodológicos, observamos as metodologias desenvolvidas em 2018 junto aos discentes da 2ª e 3ª séries do Ensino Médio do Colégio Estadual Assis Chateaubriand (CEAC), na 1ª, 2ª e 3ª unidades. Foram propostas ações educativas que promoveram práticas inovadoras no ensino de Geografia e, consequentemente, contribuíram para o processo do ensino e aprendizagem no ambiente escolar, quais sejam: o “Projeto Participação Política”; o “Projeto Conhecendo a Bahia”; e o Projeto “O Jornal da Turma”.

O primeiro projeto chamado de “Projeto Participação Política” ocorreu durante as aulas da 3ª série C, da 2ª unidade do ano letivo de 2018. Nessa turma, uma vez por semana, era discutido o projeto, as pesquisas realizadas com a temática e o subtema que era “A História da Política Brasileira – Democracia, Ditadura e Redemocratização”. Como proposta de prática pedagógica, foram sugeridos uma peça teatral e um musical, abordando o mesmo assunto. Com a orientação do professor, os estudantes escreveram o roteiro e dividiram-se em grupos, abordando os três períodos: Democratização (1889-1937), Ditadura (1937-1945/1964-1985) e Redemocratização (1985-atual). Organizaram o cenário, escolheram as roupas para a apresentação, escolheram as músicas (representando cada período histórico). O projeto teve a sua culminância no pátio da escola, para os professores, alunos da escola e convidados.

Esse projeto teve a sua culminância nos dias 22 a 24 de agosto de 2018, com apresentações teatrais, musicais e seminários. Na ocasião, os alunos contaram com a participação especial da Banda de Reggae Adão Negro, que desenvolvia o projeto social “Adão Negro nas Escolas” (parceria fechada com o guitarrista Marcos Guimarães). A banda fez a abertura do “Projeto Participação Política” no dia 22 de agosto, palestrando sobre assuntos do cotidiano dos alunos, como o trabalho, o consumo, a política, dos momentos da história da banda, e principalmente, tocando os seus principais sucessos, contribuindo assim, com assuntos relativos ao cotidiano dos alunos e a temática do projeto.

O segundo projeto “Conhecendo a Bahia” foi desenvolvido no período entre fevereiro a setembro de 2018, envolvendo a 1ª, 2ª e início da 3ª unidade, com os alunos da 2ª e 3ª séries do Ensino Médio. O processo teve início no primeiro dia de aula, com as orientações de como ocorreria o projeto, formação de grupos com 6 alunos, sorteio do nome dos municípios, materiais utilizados (papel manteiga, lápis, régua, entre outros), uso dos mapas do Atlas Escolar Bahia (SILVA, 2004), pesquisas de *internet*, entre outros. Nas semanas seguintes, as aulas foram divididas em teoria e prática. Conforme orientação, cada grupo ficou responsável em coletar dados e informações sobre os municípios sorteados para cada grupo. Exemplo: na aula teórica, os alunos conheceram os conceitos sobre geologia e os tipos de rochas; na aula prática, os grupos pesquisaram sobre o tipo de rochas no âmbito do município. Na sequência, foram abordados conceitos sobre relevo e, na prática, os

grupos pesquisaram sobre os tipos ou o tipo de relevo do seu município.

Depois de coletadas todas as informações, os alunos, em equipe, produziram um *banner* sobre contexto histórico, social, cultural e ambiental dos 29 municípios do Estado da Bahia cada município. Por meio desse *banner*, no dia 06 de setembro, os alunos apresentaram o resultado de suas pesquisas no pátio da escola para os integrantes da escola e convidados.

Já no terceiro projeto “O Jornal da Turma”, a metodologia foi trabalhada junto aos estudantes da 3ª série C, na 3ª unidade, que, sob orientação do professor, desenvolveram o um jornal, cujo nome foi “JORNAL: O GRITO DO 3º ANO C”. Divididos em equipes, as matérias foram construídas pelos alunos, que puderam não apenas buscar conhecimentos como também produzi-los, vivenciando assim o protagonismo de seu aprendizado. Sobre o conteúdo desse instrumento, foram abordados os principais acontecimentos que ocorreram na escola e fora dela.

Resultado e discussões

A escola possui uma rede interna colaborativa bem estruturada, onde seus agentes têm participação efetiva na formação e conscientização de seus alunos, embora ainda existam grandes barreiras a serem transpostas e poucos recursos para tal tarefa. Quando os professores propuseram a pedagogia de projetos em outros espaços, extrapolando a sala de aula e até mesmo a própria instituição, pudemos observar o quão importante é a aplicação da multidisciplinaridade. Além disso, percebemos como é produtiva as abordagens pedagógicas na perspectiva dos multiletramentos, pois foi possível perceber com maior profundidade a situação política brasileira por meio das linguagens teatrais e musicais. Por intermédio de modais diferentes, pudemos aprender mais sobre os aspectos físicos e socioculturais de municípios baianos, resultando em uma atividade dinâmica bastante positiva, com boa aceitação dos alunos e da comunidade escolar.

Dentre esses modais, o teatro se destacou bastante na produção dos alunos, seguido de apresentações musicais, poesia e seminários,

quando se fala em trabalhar com projetos; e a culminância do “Projeto Participação Política” (Figura 1) demonstrou bem isso, saindo um pouco do modo tradicional de ensino.

Figura 1 - Momentos do Projeto Participação Política.



Fonte: Os autores da atividade pedagógica com documento de autorização de imagens.

A participação no projeto “Participação Política” da banda Adão Negro (Figura 2) foi algo importante e estimulante para todos. Foi uma prática muito interessante que enriqueceu mais o trabalho dos discentes. A apresentação empolgou o alunado, trazendo momentos relevantes de socialização e entretenimento.

Figura 2 - Participação especial da Banda Adão Negro.



Fonte: Os autores da atividade pedagógica com documento de autorização de imagens.

Em relação às perspectivas dos multiletramentos, como já pontuado, o projeto “Conhecendo a Bahia” surgiu como proposta de atividade teórico-prática, viabilizando uma aprendizagem interdisciplinar e os multiletramentos na disciplina Geografia. Ficando cada equipe responsável por um município da Bahia, a principal fonte de pesquisas utilizada foi o Atlas Escolar Bahia (2004), que possibilitou a coleta de dados, a análise e a interpretação de diversos mapas de cada unidade – paisagem de cada município pesquisado (geologia, geomorfologia, pedologia, clima, vegetação, entre outros aspectos físicos/naturais e aspectos econômicos/sociais).

Um dos instrumentos pedagógicos usualmente utilizado para a visualização de relevos e outras formações territoriais é o mapa, pois constitui-se em uma ferramenta bastante importante na análise dos fenômenos geográficos. Nela encontra-se o “[...] conhecimento socialmente produzido no decorrer da história [...]”, e o “[...] uso do mapa pode influenciar no gosto em aprender Geografia.” (MAGALHÃES; MAIA, 2011, p. 7). O mapa é uma escrita em forma de imagens, cores, símbolos e outras informações; em sua análise, são oportunizadas formas de ler e interpretar diversas, configurando os multiletramentos, uma vez que viabilizam aos alunos a aquisição de saberes múltiplos, ou seja, trata-se de um elemento importante na compreensão dos fenômenos que ocorrem no espaço geográfico.

Além do atlas, foram consultados sites diversos, como o do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o do Sistema Eletrônico de Informação (SEI), o da Companhia Baiana de Pesquisa Mineral (CBPM), entre outros. Com a construção do conhecimento, as informações foram sintetizadas em *banners*, abordando os aspectos geográficos, históricos, econômicos e sociais de cada município (Figura 3). O resultado do projeto foi mais que satisfatório, pois o produto do conhecimento do aluno – o *banner* – e sua respectiva apresentação possibilitaram que o professor percebesse a eficiência do processo.

Figura 3 - Culminância do Projeto Conhecendo a Bahia.



Fonte: Os autores da atividade pedagógica com documento de autorização de imagens.

O jornal da turma (Figura 4) foi um importante destaque e bastante promissor, pois os alunos da 3ª série C fizeram uma análise do seu próprio trabalho e sobre o que ocorreu dentro e fora da escola, desenvolvendo efetivamente sua aprendizagem.

Figura 4 - Jornal: O Grito do 3º ano C.



Fonte: Os autores da atividade pedagógica com documento de autorização de imagens.

Considerações finais

Se o propósito dos multiletramentos são proporcionar a alunos e professores um processo de ensino e aprendizagem significativo e

inserido em um contexto, cada vez mais dinâmico, os projetos aqui apresentados demonstraram efetivamente essa prática. Por meio da pedagogia de projetos, foi possível viabilizar uma prática pedagógica convergente às demandas da sociedade contemporânea, considerando a inserção da TDIC enquanto instrumentos facilitadores, posto que possibilitaram uma multiplicidade de pesquisas, a colaboração e a interatividade entre estudantes e professores, bem como a articulação de diversos modais – a música, o jornal, o teatro e os *banners*.

O processo de ensino e aprendizagem de Geografia pôde não apenas extrapolar os livros e a sala de aula, como também se articular com outras disciplinas, possibilitando a interdisciplinaridade, movimento necessário e urgente na educação básica na rede pública.

REFERÊNCIAS

COPE, B.; KALANTZIS, M. (Ed.). **Multiliteracies: Literacy Learning and the Design of Social Futures**. Routledge: Psychology Press, 2000. 350 p.

GRACIOLI, J. M. A. **Multiletramentos e Leitura de Mapas no Ensino de Geografia**. 2017. 100 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2017.

JENKINS, H. **A Cultura da Convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009. 432 p.

MAGALHÃES, D. S.; MAIA, D. C. Alfabetização cartográfica no contexto do Ensino Superior. **Revista de Ensino de Geografia**, v. 2, n. 2, p. 3-22, 2011.

MELO, J. D.; LADEIRA, F. F. O jornal como instrumento de auxílio no ensino de geografia na educação básica. **GEOTemas**, v. 9, n. 3, p. 41-57, 2019.

PAULA, C. P.; TORRES, E. C. **O uso de jornal como instrumento pedagógico no ensino de geografia**. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE Produções Didático-pedagógicas. Cadernos PDE Paraná, v. 1, 2014. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pde-busca/producoes_pde/2014/2014_uel_geo_pdp_claudia_ponciano_de_paula.pdf. Acesso em: 01 jun. 2020.

PRADO, M. E. B. B. **Pedagogia de projetos**. Gestão escolar e tecnologias: 2005. Disponível em: http://www.eadconsultoria.com.br/matapoio/biblioteca/textos_pdf/texto18.pdf. Acesso em: 29 jun. 2020.

RICHITELI, A. A.; VITORINO, B. M.; GRACIOLI, J. M. A.; LEANDRO, M. H. O uso do teatro como método de ensino de geografia na escola: Gearte como prática educativa no ensino fundamental. In: ISIMPÓSIO MINEIRO DE GEOGRAFIA, UNIFAL, 2014, Minas Gerais. **Anais...** Dispo-

nível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/simgeo/system/files/anejos/Aur%C3%A9lio%20Alberto%20Richiteli.pdf>. Acesso em: 30 mai. 2020.

ROJO, R. Gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e multiletramentos. *In*: ROJO, R. **Escol@ Conectada**: os multiletramentos e as TICS. São Paulo: Parábola, 2013. p. 13-36.

SILVA, B. C. N. **Atlas escolar da Bahia: espaço geo-histórico e cultural**. 2. ed. João Pessoa: Grafset, 2004. 224 p.

SILVA, E. F. R.; SANTANA, S. C.; SANTOS, B. R. S.; ESTEVAM, I. H. S. Construção de fotonovela com auxílio dos dispositivos móveis utilizado como estratégia de avaliação sobre estrutura e função das vitaminas no organismo. **Brazilian Journal of Development**, v. 5, n. 11, p. 25972-25993, 2019.

SILVA, R. S. **A importância da música nas aulas de geografia: práticas e métodos diferenciados no uso da música como metodologia de ensino nas aulas de geografia**. 2015. 45 f. Monografia (Trabalho de conclusão de curso em Licenciatura Plena em Geografia), Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2015.

Capítulo IV

A pedagogia dos multiletramentos e a neurociência: suas contribuições para a educação de jovens e adultos

Miriam Santana Teixeira¹⁴

Noemi da Silva Calmon¹⁵

Resumo: Este artigo busca refletir sobre as descobertas da neurociência relacionadas à educação de modo geral e, mais especificamente, à Educação de Jovens e Adultos (EJA), sinalizando como as descobertas da Neurociência podem contribuir para o desenvolvimento de uma pedagogia voltada ao multiletramento e para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem na EJA. Para tanto, realizou-se uma revisão da literatura, objetivando mostrar a necessidade do desenvolvimento de práticas de ensino que levem em consideração a multiplicidade de culturas e linguagens existentes em nossa sociedade e a forma como aprendem os jovens, adultos e idosos.

Palavras-chave: Neurociência. Multiletramento. Educação de Jovens e Adultos.

¹⁴ Mestre em Educação de Jovens e Adultos – UNEB. Especialista em Tecnologias em Educação – PUC-Rio. Licenciada em Pedagogia pela UCSAL. Professora – Secretaria da Educação do Estado da Bahia, atuando no Colégio Estadual Assis Chateaubriand.

¹⁵ Especialista em Gestão Educacional, pela Universidade Batista Brasileira e em Metodologia do Ensino, pesquisa e Extensão em Educação, pela Universidade do Estado da Bahia. Possui graduação em Filosofia pela Universidade Católica do Salvador, gestora da rede estadual de educação.

Introdução

No ano de 1996, professores e pesquisadores dos letramentos, reunidos em um colóquio em Nova Londres, elaboraram um manifesto, no qual salientavam a necessidade do surgimento de uma pedagogia que considerasse a multiculturalidade das sociedades globalizadas, assim como a multimodalidade dos seus textos (ROJO, 2012). Desta forma, o Grupo de Nova Londres, além de cunhar o termo multiletramento propôs uma pedagogia dos multiletramentos.

Mais recentemente, em 2016, a professora Leonor Bezerra Guerra - uma das referências nacionais no estudo da Neurociência aplicada à educação - em entrevista à Universidade de Viçosa, afirmou que à medida que entendemos o funcionamento do cérebro, compreendemos melhor as teorias da educação. Com isso, inferimos que os subsídios oferecidos pela Neurociência podem auxiliar a educação, dando o embasamento necessário para o desenvolvimento de uma pedagogia dos multiletramentos levando em consideração a forma como o cérebro funciona, favorecendo a construção de conhecimentos significativos pelos estudantes.

Dessa forma, realizou-se uma revisão integrativa de autores que tratam dos temas, visto que, conforme Botelho, Cunha e Macedo (2011, p. 128), tal método possibilita “a síntese e análise do conhecimento científico já produzido sobre o tema investigado”. Objetivando identificar as contribuições da Neurociência para educação e como estas contribuições podem auxiliar os professores, que atuam na EJA, na seleção de estratégias pedagógicas e no desenvolvimento de práticas que favoreçam o multiletramento dos estudantes e a construção de aprendizagens significativas, considerando a forma como eles aprendem e as demandas da sociedade contemporânea que requer cidadãos autônomos, críticos e aptos para enfrentar as novas formas de produção e socialização do conhecimento, assim como com as novas formas de viver, conviver. Para tanto, foram seguidas as seis etapas que estruturam uma revisão integrativa de acordo com Botelho, Cunha e Macedo (2011).

Neurociência na educação de jovens e adultos

Durante um longo período, no Brasil, a EJA esteve à margem e até mesmo fora das políticas públicas (ARROYO, 2006; DI PIERRO, 2004). Arroyo (2014, p. 109) ressalta que os sujeitos da EJA tiveram até mesmo sua cultura ocultada, visto que, “ocultar a cultura popular tem sido uma forma de ocultar o povo como sujeito de cultura”. Contudo, temos observado avanços na maneira de pensar e fazer a EJA (HADDAD, 2007) e na formação dos profissionais, para a atuação nesta modalidade de ensino (SOARES, 2011). O reconhecimento de que os jovens, adultos e idosos são sujeitos do direito ao conhecimento socialmente produzido é o que legitima uma visão progressista da Educação de Jovens e Adultos (ARROYO, 2017).

De acordo com Arroyo (2017), nem todos os grupos sociais, raciais, de gênero foram reconhecidos, historicamente, sujeitos de direitos humanos e sujeitos do direito ao conhecimento. Para o autor, a organização do nosso sistema escolar viabiliza o direito ao conhecimento, produzido e acumulado a poucos, reproduzindo as hierarquias sociais de classe e as hierarquias de direito ao conhecimento. O autor enfatiza ainda:

Os educandos tornam-se atores não apenas por trazerem suas vivências, indagações e saberes, mas pelo trabalho de busca de seus significados e do diálogo com a diversidade de significados acumulados por outros coletivos, em outros tempos, que viveram e interpretaram essas vivências (ARROYO, 2017, p. 137).

Por sua vez, Rojo (2012) salienta que o Grupo de Nova Londres, em seu manifesto, chamava a atenção para a premência de a escola buscar formas de construir uma prática pedagógica que pudesse dar conta dos novos letramentos e da variedade de culturas, existente nas sociedades globalizadas, superando a inflexibilidade na coexistência com a diversidade cultural. Para Rojo:

Essa visão desessencializada cultura(s) já não permite escrevê-la com maiúscula - A Cultura -, pois não supõe simplesmente a divisão entre culto/inculto ou civilização/barbárie, tão cara à escola da modernidade. Nem mesmo supõe o pensamento com base em pares antitéticos de culturas, cujo segundo termo pareado escapava a

esse mecanismo dicotômico – cultura erudita/cultura popular, central/marginal, canônica/de massa – também esses tão caros ao currículo tradicional que se propõe a “ensinar” ou apresentar o cânone ao consumidor massivo, a erudição ao populacho, o central ao marginal (ROJO, 2012, p.14-15).

Para que a aprendizagem dos estudantes da EJA aconteça e a negação do direito ao conhecimento seja superada, é necessário que os docentes possuam competências e saberes que favoreçam situações de aprendizagem, desenvolvendo as habilidades fundamentais para o mundo do trabalho e a vida social, marcada pelas rápidas e constantes transformações, que caracterizam a sociedade contemporânea. Para Paulo Freire:

Faz parte das condições em que aprender criticamente é possível a pressuposição por parte dos educandos de que o educador já teve ou continua tendo experiência da produção de certos saberes e que estes não podem a eles, os educandos, ser simplesmente transferidos. Pelo contrário, nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. (FREIRE, 1998, p. 29).

Os estudos atuais sobre a mente, o cérebro e os processos envolvidos no pensamento e na aprendizagem legitimam o que Freire nos diz. Conforme a Neurociência, a construção de novas aprendizagens e comportamentos só é possível quando as conexões neurais são estimuladas, resultando na reorganização das estruturas cerebrais, no seu desenvolvimento e, conseqüentemente, na construção de novas aprendizagens. Cosenza e Guerra (2011, p. 38) esclarecem que “a aprendizagem se traduz pela formação e consolidação das ligações entre as células nervosas. É fruto de modificações químicas e estruturais no sistema nervoso de cada um”. Logo, a aprendizagem é um processo que requer atividade dos educandos, eles precisam ser sujeitos desse processo para que a aprendizagem se efetive.

Conforme Kolb e Whishaw (2002), a aprendizagem é uma característica intrínseca do ser humano e essencial para sua sobrevivência. Guerra (2011) destaca ainda, que o cérebro humano recebe e processa

os estímulos ambientais e elabora respostas adaptativas que buscam garantir o bem-estar, a sobrevivência do indivíduo e a preservação da espécie. Dessa forma, para a autora:

A evolução nos garantiu um cérebro capaz de aprender, para garantir nosso bem-estar e sobrevivência e não para ter sucesso na escola. A menos que o bom desempenho escolar signifique esse bem-estar e sobrevivência do indivíduo. Na escola o aluno aprende o que é significativo e relevante para o contexto atual de sua vida. Se a “sobrevivência” é a nota, o cérebro do aprendiz selecionará estratégias que levem à obtenção da nota e não, necessariamente, à aquisição das novas competências (GUERRA, 2011, p. 01).

Então, de acordo com as contribuições da neurociência, os jovens, os adultos e os idosos podem, sim, aprender ao longo de suas vidas (inclusive quando estão dormindo!) contanto que seus cérebros percebam que o conteúdo da aprendizagem é “significativo e relevante” para o seu bem-estar, para sua sobrevivência, para o seu contexto de vida. Maturana e Varela (2005, p. 13), afirmam que “viver é conhecer e conhecer é viver”, explicitando que o aprender é elemento intrínseco à condição humana.

Carvalho (2011) acrescenta que quando o professor consegue oferecer a seus alunos situações de aprendizagem fundamentadas em experiências ricas, estimulará as atividades intelectuais dos estudantes, favorecendo novas sinapses. O autor ainda afirma que as situações vivenciadas em sala de aula poderão estimular reflexões recursivas sobre os pensamentos, sentimentos e ações, possibilitando que a aprendizagem seja entendida como um processo reconstrutivo, no qual ocorre a autorreorganização mental e emocional dos sujeitos que interagem nesse contexto.

De acordo com Oliveira (2011) possuir um cérebro capaz de realizar suas funções, com todas as suas estruturas bem formadas anatomicamente, sem desvios no seu desenvolvimento, nem em sua genética, não garante a aprendizagem. O autor adverte que o desenvolvimento do cérebro, que se dá pela organização das conexões e pelo processo de maturação, é influenciado tanto por fatores ambientais como por fatores biológicos, ou seja, a mente, o pensamento, a emoção, as

experiências precoces têm um impacto no potencial de desenvolvimento de cada pessoa. Com isso, o autor chama a atenção dos professores:

Se a intenção da aprendizagem se restringir a conhecer os conteúdos seu ensino não estaria estimulando todo o potencial do complexo cérebro-mente. Desenvolver habilidades e competências que correspondam às exigências do mercado restringe a aprendizagem somente a um desenvolvimento intelectual. Quando o aprendizado se orienta por metas, como tomada de decisão, planejamento e execução de planos, escolhas de comportamentos mais adequados para uma dada situação serão incluídas funções mentais com comportamentos complexos (OLIVEIRA, 2011, p. 88- 89).

Com isso, percebemos que descobertas da Neurociência têm contribuído para a fundamentação de práticas pedagógicas, pois demonstram que as estratégias de ensino que levam em consideração a forma como o cérebro funciona tendem a ser mais eficientes. Para Stern (2005), apesar da Neurociência sozinha não fornecer o conhecimento específico necessário para a elaboração de ambientes e estratégias de aprendizagem mais eficientes, ela nos fornece as condições de compreender sobre as capacidades e limitações do cérebro durante o processo de ensino-aprendizagem, ou seja, a Neurociência nos ajuda a entender porque algumas situações de aprendizagem funcionam, enquanto outras fracassam.

A pedagogia dos multiletramentos na EJA

A sociedade contemporânea é marcada por rápidas transformações socioeconômicas e culturais, exigindo dos sujeitos a capacidade de aprender continuamente ao longo da vida, assim sendo, a escola também precisa buscar formas de atender as necessidades educativas dos estudantes para enfrentar esta nova realidade, superando, como diz Paulo Freire (1987), as práticas da educação “bancária” e opressora e desenvolvendo novas práticas que valorizem os saberes locais e as experiências dos estudantes, preparando-os para um mundo globalizado e multicultural, deixando para trás a visão tradicional de currículo e percebendo, como nos diz Macedo (2016, p. 34), que o currículo

deve ser “uma construção social incessante, como uma *com-versação* cultural complexa, portanto um texto em constante escrita e reescrita”.

Também Ramal (2002) nos fala da necessidade de superarmos as práticas pedagógicas tradicionais, buscando novas práticas que levem em consideração as transformações trazidas pelos avanços das tecnologias digitais, que alteraram significativamente as nossas maneiras de viver, conviver, produzir e socializar conhecimentos.

O mundo digital, no qual cada navegante é um autor de seus percursos, questiona a escola e sua incapacidade de personalização – na medida em que todos devem estudar tudo ao mesmo tempo e no mesmo ritmo –; suas classes organizadas em função da faixa etária dos alunos; seu esquema sequencial de níveis, como se o conhecimento fosse um estoque que pudesse ser acumulado; seu monologismo, no qual sobressaem as vozes mais autorizadas (RAMAL, 2002, p. 12).

As tecnologias podem, inegavelmente, tornarem-se grandes aliadas na educação em geral, e particularmente, na EJA, pois através delas é possível criar uma polissemia em nossas escolas, dando voz aos estudantes e os autorizando a tornarem-se autores, superando as práticas centradas no professor.

Para tanto, faz-se necessário uma pedagogia que favoreça o multiletramento dos estudantes, partindo dos saberes e culturas trazidos por eles, articulando-os com outros saberes e culturas, ampliando assim, o universo cultural destes sujeitos e ajudando-os a se transformarem em analistas críticos “dos diferentes modos de significação e das diferentes “coleções culturais” e seus valores” (ROJO, 2012). Para Rojo:

Hoje, no Brasil, é não só perfeitamente possível, como desejável (e de certa forma, desejada por uma grande parcela dos professores) a adoção de uma didática dessas. Sinto uma grande adesão dos docentes aos princípios que subjazem a esse tipo de concepção de educação (ROJO, 2012, p. 30).

Contudo, conforme Bonilla (2005) a escola parece, ainda hoje, se fechar para as mudanças que aconteceram e continuam a acontecer na

sociedade, insistindo em manter a lógica da transmissão de informações, o que tem levado ao distanciamento entre o “mundo da escola e o mundo fora dela” (BONILLA, 2005, p. 69). Para a autora, é fundamental que a escola busque um entendimento mais amplo de leitura, além do contexto alfanumérico, uma leitura de mundo, essencial na sociedade da informação, na cibercultura. Demo (2008) também adverte para o imperativo de se reconhecer que a alfabetização se tornou plural, demandando novas habilidades para o enfrentamento da vida e do trabalho na contemporaneidade.

Para Teixeira (2019, p. 77), a introdução das tecnologias no cotidiano escolar é essencial, pois possibilitará “aos estudantes em geral e, especificamente ao estudante da EJA, uma educação próxima da realidade da sociedade tecnológica, na qual vivemos”, propiciando a inclusão digital desses sujeitos. Favorecerá ainda o que, para Paulo Freire (1992), é a fundamental tarefa de educação: a emancipação. Conforme destacam Bonilla e Oliveira:

As perspectivas emancipatórias, como propostas por Gilson Shwartz (2006) e por Maria Helena Bonilla e Nelson Pretto (2007) buscam mudar o foco das políticas e ações, enfatizando a produção de conteúdo digital articulada com as culturas tradicional e digital, superando a dependência das comunidades e estimulando-as à tomada de decisões. Tal abordagem enfatiza a importância da articulação das ações de inclusão digital com as questões educacionais e culturais, e com a promoção da participação política do cidadão, através das TIC (BONILLA; OLIVEIRA, 2011, p. 37).

Fonseca (1998, p. 315) observa que cabe ao professor o papel de preparar o estudante para pensar. Para aprender a serem flexíveis, estando assim, aptos “a sobreviver na nossa aldeia de informação acelerada”. Assim sendo, é preciso que se dê atenção às diferenças e individualidades existentes na sala de aula, é de fundamental importância que o professor entenda que os métodos pedagógicos instrucionais, não permitem que os alunos se tornem sujeitos de sua aprendizagem, visto que, não respeitam suas características pessoais.

Considerações finais

As descobertas da Neurociência podem contribuir para fundamentação teórica da prática docente, adicionando informações científicas relevantes para a compreensão da aprendizagem como um fenômeno complexo. Podem ainda contribuir para a formulação de diretrizes pedagógicas que busquem otimizar a ação educativa em direção a uma pedagogia dos multiletramentos.

Tais descobertas também fornecem apoio às ideias, há muito sustentadas por educadores de jovens e adultos, de que é possível aprender durante toda a vida; que o sujeito só aprende o que é significativo para ele; que é preciso se considerar o aprendiz com um sujeito ativo em seu processo de aprendizagem e, por fim, que as estratégias de ensino-aprendizagem devem estar adequadas às necessidades e interesses dos jovens e adultos, tendo como ponto de partida sua cultura para que sejam motivadoras no processo de aquisição do conhecimento por parte desses sujeitos.

As escolas que pretendam assumir a sua função social, o seu caráter formador precisarão também “incorporar as práticas de multiletramento e vincular as linguagens hipermidiáticas presentes na sociedade no contexto pedagógico” (SILVA; BONILLA; FLORÊNCIO, 2020, p. 60-61).

O futuro já chegou. A sociedade da informação é uma realidade e exige que gestores, professores e estudantes estejam preparados para as novas formas de ensinar e aprender. As escolas precisam estar aptas a formar os cidadãos do século XXI, desenvolvendo nestes sujeitos as novas habilidades imprescindíveis para viver e produzir nesta época de rápidas e constantes transformações.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. R.; DI PIERRO, M. C. A construção de uma política de educação na reforma agrária. *In*: ANDRADE, M. R.; DI PIERRÔ, M. C.; MOLINA, M. C.; JESUS, S. M. S. A. *et al.* (Orgs.). **A educação na Reforma Agrária em perspectiva**. São Paulo: Ação Educativa; Brasília: PRONERA, 2004.

ARROYO, M. G. Formar educadoras e educadores de jovens e adultos. *In*: **SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE FORMAÇÃO DO EDUCADOR DE JOVENS E ADULTOS**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ARROYO, M. G. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2014.

ARROYO, M. G. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis, RJ: Vozes. 2017.

BONILLA, M. H. **Escola Aprendente**: para além da Sociedade de Informação. Rio de Janeiro: Quartet, 2005.

BONILLA, M. H. S.; OLIVEIRA, P. C. S. Inclusão digital: ambiguidades em curso. *In*: BONILLA, M. H. S.; PRETTO, N. L. **Inclusão digital**: polêmica contemporânea. Salvador: Edufba, 2011.

BOTELHO, L. L. R.; CUNHA, C. C. de A.; MACEDO, M. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e Sociedade**, v. 5, n. 11, p. 121-136, 2 dez. 2011.

CARVALHO, F. H. Neurociências e educação: uma articulação necessária na formação docente. **Trabalho, educação e saúde**. Rio de Janeiro, v. 8 n. 3, nov.2010/fev.2011.

COSENZA, R. M.; GUERRA, L. **Neurociência e educação**: como o cérebro aprende. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DEMO, P. A autoria. *In*: OKADA, A (Org.). **Cartografia cognitiva**: Mapas do conhecimento para pesquisa, aprendizagem e formação docente. Cuiabá: KCM, 2008.

FONSECA, Vitor. **Aprender a aprender**: a educabilidade cognitiva. Porto Alegre: Artmed, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GUERRA, L. B. O diálogo entre neurociência e a educação: da euforia aos desafios e possibilidades. **Revista Interlocução**, v. 4, n. 4, 2011.

HADDAD, Sérgio. Por uma nova cultura de educação de jovens e adultos: um balanço de experiências de poder local. *In*: HADDAD, Sérgio. *et al.* **Novos Caminhos em Educação de Jovens e Adultos – EJA**: um estudo de ações do poder público em cidades de regiões metropolitanas brasileiras. 1^a ed. São Paulo: Global, 2007.

KOLB, B.; WHISHAW, I. Q. **Neurociência do Comportamento**. São Paulo: Manole, 2002.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A teoria etnoconstitutiva de currículo**: teoria-ação e sistema curricular formacional. Curitiba: CRV, 2016.

MATURANA, H.; VARELA, F. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. São Paulo: Palas Athena, 5^a. ed., 2005.

OLIVEIRA, Gilberto Gonçalves de. **Neurociência e os processos educativos**: Um saber necessário na formação de professores. Dissertação (mestrado). Universidade de Uberaba. Programa de Mestrado em Educação, 2011.

RAMAL, A. C. **Educação na cibercultura**: hipertextualidade, leitura escrita e aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editora, 2012.

SILVA, H. M. F. Q; BONILLA, M. H; FLORÊNCIO, R. R. Práticas de multiletramento: uma realidade ainda distante nas escolas contemporâneas. **Revista Entreideias**, Salvador, v. 9, n. 1, p. 5-64, jan/abr 2020.

SOARES, Leôncio. **As especificidades na formação do educador de jovens e adultos**: um estudo sobre propostas de EJA. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, p. 303-322, ago. 2011.

STERN, Elsbeth. Pedagogy meets Neuroscience. **Science**, v. 310, p. 745, 2005.

TEIXEIRA, M. T. **A formação continuada de professores da educação de jovens e adultos**: potencialidades para a construção da autoria e produção de recursos educacionais abertos. 2019. 116 f. Dissertação (Mestrado Profissional) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação de Jovens e Adultos – MPEJA, Campus I, Salvador, 2019.

Capítulo V

Desafios da pesquisa científica na educação profissional de nível médio: uma abordagem do curso técnico em alimentos

Rosemary do Nascimento Porto Bragança¹⁶

Aline Silva Costa e Souza¹⁷

Resumo: A produção científica para construção do conhecimento requer muita determinação e engajamento, e em escolas de educação profissional pública os desafios e dificuldades enfrentadas para sua efetivação são enormes por diversos motivos, tais como: falta de equipamentos e materiais, inadequação dos espaços físicos para laboratórios e escassez de investimentos para este fim. O presente estudo visa apresentar perspectivas, importância da pesquisa na formação técnica dos estudantes do curso Técnico em Alimentos na difusão e na aplicação do saber científico no processo de inovação e de devolutiva à sociedade.

Palavras-chave: Educação Profissional. Pesquisa Científica.

¹⁶ Graduação e Licenciatura em Nutrição e Dietética e Bacharelado em Nutrição pela Universidade do Estado da Bahia (1994/2000). Especialização em Gestão de Segurança dos Alimentos pelo SENAC-SP (2009). Mestrado em Ciência de Alimentos pela UFBA (2017). Docente do Centro Estadual de Educação Profissional Empreende Bahia – Secretaria de Educação do Estado da Bahia.

¹⁷ Graduação em Engenharia de Alimentos (2008) e Mestrado em Recursos Genéticos Vegetais (2011), ambos pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Atuou como Professor na UNIVASF (Universidade Federal do Vale do São Francisco) e como Pesquisador no SENAI BA. Docente do Centro Estadual de Educação Profissional Empreende Bahia.

Introdução

Historicamente, a Educação Profissional no Brasil veio para atender uma demanda capitalista/instrumentalista, no qual a ciência era minimizada em detrimento de técnicas meramente operacionais. Hoje, o Art. 39 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) alterada pela Lei 11.741, de 2008 diz que: “A educação profissional e tecnológica, no cumprimento dos objetivos da educação nacional, integra-se aos diferentes níveis e modalidades de educação e às dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia.”.

Com isso, o fazer por fazer não pode ser mais a realidade da educação profissional no Brasil. A escola precisa criar meios de agregar o pensar ao fazer, o estudante tem que ser capaz de apontar e resolver problemas, levantar hipóteses, serem críticos, atendendo assim a uma das finalidades do Ensino Médio que é “a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina” segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Tratando-se da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) de nível médio, atender a estas dimensões e finalidades se torna um desafio principalmente na realidade do ensino público nacional.

O perfil dos estudantes da EPT do Ensino Médio na forma Subsequente (cursos destinados a quem já concluiu o Ensino Médio) geralmente é de jovens e adultos que precisam voltar ao mundo do trabalho, muitas vezes alunos que concluíram o Ensino Médio anos atrás. Esses alunos estão acostumados, na maioria das vezes, com a metodologia de ensino tradicionalista que é embasada na mera dominação de conteúdos. Isso pode dificultar a introdução dos conhecimentos científicos no ensino profissional. A pressa por saber fazer, o que muitas vezes implica para os alunos, ter uma profissão, induz uma falsa sensação de que o conhecimento científico é uma perda de tempo. Exemplificando, os alunos querem aprender a fazer pão o mais rápido possível, pois acreditam que isso garantirá sucesso profissional, no entanto eles apresentam resistência quando é introduzida a ciência do fazer pão, não compreendendo que esses fundamentos serão também a base do êxito profissional, assim como terão um diferencial no mundo do trabalho.

Segundo Köche (2008), o conhecimento científico não é derivado somente da necessidade de resolver os problemas do dia a dia, mas da vontade de dar explicações que serão explorados e criticados através de provas experimentais. Para a ciência, não basta fazer pão, é fundamental saber como e, o porquê isso ocorre. Uma das alternativas para introdução da ciência no EPT é através do desenvolvimento de pesquisas científicas. Contudo, sabe-se que vários percalços terão que ser ultrapassados, mas com engajamento, vontade de professores e gestão escolar o resultado pode ser positivo principalmente se for levado em conta que estudos sobre educação, tecnologia e pesquisa tem levantado reflexões acerca dos desafios enfrentados pela escola e docentes para a implementação de novas práticas pedagógicas que envolvam multi conhecimentos através da interdisciplinaridade. Neste sentido, os multiletramentos na educação técnica profissional propiciam à análise crítica e conseqüentemente a utilização de uma gama de possibilidades de expressão a favor da difusão do conhecimento adquirido.

Metodologia

O processo de construção do estudo em questão foi baseado em pesquisas em livros técnicos, periódicos, bases legais e nas experiências das autoras em sala de aula e laboratórios como também no processo de escuta das inquietações e curiosidade dos aprendizes frente aos desafios da pesquisa durante as aulas.

A pesquisa científica na educação profissional

O ser humano através de suas observações e ações propicia uma análise das descobertas para construção do conhecimento. A reflexão acerca das experimentações se apresenta como forma de entendimento e busca da origem do saber científico. O saber nasce do despertar da utilização dos diversos achados para inovação e avanços tecnológicos visando a prestação de serviço à sociedade. De acordo com Minayo (1994, p. 25): “A pesquisa é um labor artesanal, que se prescinde

da criatividade, se realiza fundamentalmente por uma linguagem fundada nos conceitos, proposições, métodos e técnica, linguagem esta que se constrói com um ritmo próprio e particular”.

Deste modo, orchestra o processo da pesquisa que tem início com um problema ou situação problema, um questionamento e conclui com um produto e este normalmente dará origem a novas buscas e assim se concretiza a pesquisa científica. Na nossa experiência docente é muito comum a observância do grau de curiosidade e atenção despertado pelos estudantes durante as aulas práticas e as inúmeras perguntas geradas. Tal fato transforma o ambiente escolar favorável para pesquisa científica. Entretanto, existem grandes dificuldades para alavancar o processo científico principalmente, em escolas técnicas públicas devido aos trâmites burocráticos no processo de aquisição de recursos materiais e humanos.

É muito comum encontrar escolas com escassez de laboratórios, falta de investimentos, equipamentos, materiais de consumo, vidrarias e reagentes, enfim, falta de espaço físico adequado para instalação de laboratórios. Fazer educação científica no Brasil, não é tarefa fácil e ainda com tantos obstáculos, torna-se um verdadeiro desafio.

Conforme Silva e Medrado (2013), atendendo as demandas atuais da educação profissional, da necessidade de estudos interdisciplinares para o desenvolvimento de pesquisa, orientação profissional, iniciação científica e de preparação para realizar intervenções sociais e estímulo a produção de tecnologias sociais a partir das observações por meio de atividades de campo e visitas técnicas. Tais atividades fomentam as ideias e estas levam ao reconhecimento de situações problemas e possíveis meios para busca de soluções. Conforme Lavaqui e Batista (2007), entende-se por interdisciplinar, a interação existente entre duas ou mais disciplinas. Essa interação pode ir da simples comunicação de ideias à integração mútua dos conceitos diretores da epistemologia, da terminologia, da metodologia, dos procedimentos, dos dados e da organização referentes ao ensino e à pesquisa. Um grupo interdisciplinar compõe-se de pessoas que receberam sua formação em diferentes domínios do conhecimento (disciplinas), com seus métodos, conceitos, dados e termos próprios.

Destarte, a contribuição da interdisciplinaridade é de suma importância no que refere a abrangência e profundidade do objeto em

estudo e sua potencialidade científica. A partir da proposta de ensino interdisciplinar torna-se possível um maior estudo de fundamentações teóricas, diálogo e uma ampliação na escuta dos estudantes sobre o tema ora em investigação. Entretanto, a elaboração de um projeto científico com participação compartilhada demanda estratégias e planejamento para efetivação. Dentre os entraves existentes estão: a disponibilidade de tempo entre as aulas para o desenvolvimento dos testes e para escrita instrumental. Contudo, apesar das dificuldades, muitas unidades escolares de ensino técnico vêm firmando parceria com instituições públicas e privadas, empresas e voluntários que tem auxiliado em trabalhos feitos no chão da escola.

A aproximação das escolas técnicas de nível médio com instituições de ensino superior traduz um avanço no processo de difusão de conhecimento e desperta no estudante novas possibilidades profissionais e acadêmicas.

Importância da pesquisa científica para inovação na área de produção de alimentos

A alimentação é uma necessidade básica do ser humano. Atualmente, a obtenção de alimentos é por meio da compra em mercados, feiras, quitandas, etc. E de alguma forma há aplicação da ciência ou tecnologia de alimentos para a produção destes, desde o campo até o beneficiamento e industrialização da matéria-prima, armazenamento e distribuição do alimento final.

Para Gava (1984), a introdução da tecnologia na produção de alimentos pode trazer vários benefícios para a sociedade, como por exemplo, a introdução de determinados nutrientes em produtos deficientes, a utilização de alimentos prontos e semiprontos, que hoje é uma realidade para a maioria das famílias, redução da perda de alimentos, fornecimento uniforme dos alimentos durante todo o ano e utilização de métodos que diminua a perda de nutrientes devido o processamento.

Hoje, a ciência e tecnologia de alimentos precisam solucionar outros problemas da produção de alimentos. Os recursos naturais estão

cada vez mais escassos, existe também preocupação com a sustentabilidade advindo do aumento populacional que demandará mais alimento. O mercado está cada vez mais competitivo, além das expectativas dos consumidores, que estão mais exigentes, eles querem alimentos que possuam características sensoriais aceitáveis, que sejam nutritivos e seguros. Assim, para corresponder a estas demandas, a produção de alimentos requer investimentos em inovação. Marques *et al.* (2014) fez uma análise sobre o depósito de patentes referentes a tecnologia de alimentos industrializados. Eles constataram que as exigências do mercado forçaram o desenvolvimento de tecnologias ligadas a alimentos funcionais e a ao *fast food*. O primeiro se deve à necessidade de se consumir alimentos saudáveis e que influenciam no envelhecimento com qualidade de vida e o segundo, pela característica da população de priorizar a facilidade, praticidade e rapidez nas alimentações. Eles também chegaram à conclusão que o mercado mundial de alimentos ainda tem perspectivas de crescimento, o que permite ainda, o desenvolvimento de pesquisas e a inovação nessa área.

Existem no Brasil duas leis que incentivam a inovação nas empresas, universidades, centros e institutos tecnológicos, bem como a cooperação entre as universidades e as empresas, a Lei nº 10.973 e a Lei nº 11.196. A primeira lei estabelece medidas de incentivo à inovação e à pesquisa científica e tecnológica no ambiente produtivo, assim como à capacitação tecnológica. Já a segunda lei trata no Art. 17 sobre incentivos fiscais que pessoas jurídicas podem obter quando desenvolvem inovação tecnológica. Leis de suma importância, pois segundo Araújo e Carvalho (2017), a maioria das indústrias alimentícias não dispõe de um departamento especializado para o desenvolvimento de produtos e processos. Então, parte das tecnologias existentes na área de alimentos foi desenvolvida durante pesquisas científicas em Instituições de Pesquisa Científica e Tecnológica – ICT, como por exemplo, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – EMBRAPA e as Universidades. Mas é importante salientar que as escolas profissionais também têm potencial para o desenvolvimento de pesquisas uma vez que faz parte do técnico a compreensão dos conhecimentos científicos e tecnológicos, mas para que isso aconteça dependerá do grau de capacidade técnica e engajamento do corpo docente bem como interesse dos discentes em busca de inovações e empreendedorismo na área de atuação. Assim, para o desenvolvimento de produtos e processos inovadores são necessários, o fomento e o desenvolvimento de pesquisa

científica nessas instituições, acarretando em benefícios significativos para a sociedade.

Experiências exitosas no Curso Técnico em Alimentos no Centro Estadual de Educação Profissional Empreende Bahia

As experiências relatadas neste estudo ocorreram no Centro Estadual de Educação Profissional Empreende Bahia (CEEP Empreende Bahia), situado em Água de Meninos, Salvador – BA. Escola da rede estadual, que só trabalha com as articulações Subsequente e PROEJA (Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica). O curso utilizado como referência foi o Técnico em Alimentos, que apenas funciona na articulação Subsequente.

O CEEP empreende Bahia vem estimulando seus estudantes, principalmente do Curso Técnico em Alimentos a iniciação do estudo científico por entender que dessa forma além do aprendizado da teoria e prática, a criatividade se faz presente de forma contextualizada e empreendedora no aprofundamento na área de produção alimentícia propiciando assim um diferencial na formação profissional para o mundo de trabalho.

Segundo o Catálogo Nacional de Cursos Técnicos do MEC (2016), o curso Técnico em Alimentos forma profissional capaz de: planejar e coordenar atividades relacionadas à produção alimentícia, à aquisição e manutenção de equipamentos; executar e supervisionar o processamento e conservação das matérias-primas e produtos da indústria alimentícia e bebidas; realizar análises físico-químicas, microbiológicas e sensoriais; implantar programas de controle de qualidade; realizar a instalação e manutenção de equipamentos, a comercialização e a produção de alimentos; aplicar soluções tecnológicas para aumentar a produtividade e desenvolver produtos e processos. Portanto, o técnico em alimentos possuirá competências e habilidades que podem contribuir para o desenvolvimento científico na área de alimentos. Contudo, desenvolver projetos de pesquisa no EPT do Ensino Médio é uma tarefa árdua.

Um dos desafios é aguçar o pensamento crítico/questionador nos alunos. É necessário mostrar aos alunos que a tecnologia existente

é oriunda de estudos científicos. Esses estudos, na maioria das vezes, são advento de dúvidas, observações ou simples inquietações nas quais foram investigadas e testadas até a obtenção de respostas. Com esse intuito, nas aulas práticas e teóricas, os estudantes do curso Técnico em Alimentos são estimulados a buscar respostas para situações-problemas e a criatividade através das hipóteses. As discussões acerca da prática geram uma gama de dúvidas, idéias e possibilidades principalmente no desenvolvimento de novos produtos e estes os direcionam à pesquisa e experimentos nas cozinhas experimentais, laboratório de alimentos (físico-química) e laboratório de análise sensorial da unidade escolar. Essa metodologia é interessante, já que, provavelmente, esses alunos são oriundos de escola com metodologia tradicionalista, no qual apenas conteúdo é passado pelo professor nas aulas teóricas e nas aulas práticas as técnicas também são apenas demonstradas para mera replicação. Na Figura 1, têm-se dois exemplos de experimentos frutos das respostas dos alunos aos questionamentos feitos durante as aulas.

Figura 1. Experimento realizado pelos estudantes do curso Técnico em Alimentos do CEEP Empreende Bahia.



Fonte: arquivo pessoal da autora Aline Souza e da estudante Rayane Cruz.

A Figura 1a mostra os alunos com o produto desenvolvido por eles, refrigerante de jaca, resultado da discussão sobre a falta de produtos industrializados com frutas regionais. Essa atividade foi desenvolvida com uma turma de segundo semestre do curso Técnico em Alimentos, na disciplina de Tecnologia de Produtos de Origem Vegetal. Na aula teórica foi apresentada aos alunos a situação atual do agronegócio e da agroindústria nacional e regional. Após o panorama geral, uma discussão foi aberta. Dentre vários aspectos abordados, a falta de produtos alimentícios utilizando matéria-prima regional intrigou os alunos que aceitaram o desafio de desenvolver um novo produto utilizando essas matérias-primas a fim de agregar valor a fruta escolhida. A turma foi dividida em grupos e cada grupo ficou responsável por desenvolver um produto inovador. Após a escolha da ideia por cada grupo, o primeiro passo foi realizar uma pesquisa bibliográfica no laboratório de informática da escola (dados sobre produção, preço, nutrição, formulação, etc.), em repositórios de conteúdos acadêmicos. Depois disso, passou-se para os primeiros testes práticos no desenvolvimento do produto, dentro da Cozinha Didática da unidade escolar, partindo de uma formulação base de produtos similares, seguido de ajustes até a formulação final. Os estudantes também foram responsáveis pelo desenvolvimento da embalagem, rotulagem e *marketing*, com base na compilação dos resultados de pesquisa de mercado (virtual e *in loco*) com produtos já estabelecidos no mercado.

Na Figura 1b tem um experimento pensado pelos alunos, que propuseram a utilização de casca de abacaxi para o amaciamento de carnes, depois das discussões sobre uma aula prática sobre amaciamento de carnes utilizando polpa de abacaxi, visando assim o aproveitamento integral do fruto. Essa atividade foi realizada com uma turma do primeiro semestre do curso Técnico em Alimentos na disciplina Química dos Alimentos. Primeiro foi realizada uma aula teórica para explanação do conteúdo “Enzimas nos alimentos e suas aplicações”. Depois foi realizada uma aula prática na qual testou-se enzimas presentes em vegetais para amaciamento de carnes. Os alunos foram provocados a pesquisar sobre o tema em livros e sites acadêmicos para posterior discussão em sala de aula. Durante a discussão, alguns alunos sugeriram a utilização das cascas ao invés da polpa (como feito na prática) para o aproveitamento integral do fruto. Assim, foi planejada outra aula prática com o intuito de testar a utilização da casca do abacaxi para o amaciamento da carne, as concentrações e o tempo de aplicação.

As duas atividades apresentadas são exemplos de como o despertar do pensamento crítico-científico dos alunos, os tornam mais capacitados para o mundo do trabalho, além de potencializar o desenvolvimento tecnológico e inovador para o setor de alimentos.

Outro ponto desafiador para os estudantes é a escrita científica. Um precário ensino básico, implicando em deficiência de leitura e escrita, longo afastamento do convívio acadêmico após conclusão do Ensino Médio; consumo demasiado e errado da *internet*, fazendo com que exista a prática de copiar e colar ao invés da produção de seu próprio conteúdo. Todos esses fatores dificultam a produção de textos acadêmicos e científicos pelos alunos. A inserção da leitura, interpretação e apresentação de artigos científicos nas disciplinas do curso, foi uma forma encontrada para diminuir essa deficiência, ao mesmo tempo em que motiva os alunos para a prática da escrita científica.

Um limitante para maior número de pesquisas desenvolvidas é a escassez de equipamentos mais específicos, manutenção destes e materiais para maior aprofundamento dos estudos e ensaios devido ao grau de burocracia dos setores responsáveis no processo de aquisição dos itens. Além da ausência de carga horária específica dos professores para o acompanhamento da pesquisa desenvolvida pelos aprendizes.

Diante dos resultados observados durante as aulas e dos desafios encontrados para os trabalhos científicos, a parceria com instituições de ensino superior surge como forma de alavancarmos os estudos em prol da ciência e geração de oportunidades aos jovens estudantes e futuros empreendedores na área alimentícia. A parceria firmada em especial com a Faculdade de Farmácia, mais especificamente com o Programa de Pós- Graduação em Alimentos - PGALI da Universidade Federal da Bahia trouxe um novo ânimo e consistência ao trabalho desenvolvido no CEEP Empreende Bahia, visto que dessa união foi aberto espaço para bolsa de iniciação científica de uma discente do curso de alimentos para IC Junior do PGALI. Essa inserção foi de grande importância para a estudante, pois, além do aprofundamento prático e teórico também apresentou novos caminhos e oportunidades de ingresso no mundo acadêmico.

Os trabalhos desenvolvidos em sala de aula e nos laboratórios experimentais despertaram nos alunos e professores-orientadores a vontade de socializar as descobertas e estudos no sentido de difundir

e estimular a comunidade escolar para continuidade e futuros estudos. Sendo assim, o CEEP Empreende Bahia promove Mostras de Cultura, Culminância e Seminários Temáticos, deste modo, o compartilhamento de conhecimentos se efetiva.

A pedagogia dos multiletramentos é uma aliada importante para efetivação do pensamento crítico na educação contemporânea. No decorrer das atividades, o professor instrui o correto uso das mídias sociais, como nos exemplos citados acima (nos repositórios acadêmicos, na pesquisa de mercado, dentre outros) e incorpora recursos tecnológicos nas aulas (*data-show*, *chromebook*, laboratório de informática, etc.), permitindo dessa forma que o aluno tenha acesso a novos conteúdos facilitando o processo de ensino aprendizagem, bem como o deixa mais apto para o mundo do trabalho.

Considerações Finais

O interesse no desenvolvimento de metodologias e práticas visando o despertar dos estudantes no campo da ciência e para elaboração de projetos têm sido crescentes, visto que um dos pilares do ensino profissional é o retorno do conhecimento adquirido na forma de produtos e processos tecnológicos que tragam benefícios para a sociedade e a pedagogia de multiletramentos é uma alternativa para facilitar esse processo. É recorrente e estimulada a ideia do estudante como pesquisador por entender que através das buscas chegamos a grandes reflexões e possíveis soluções. Nesse sentido, apesar das dificuldades encontradas, o CEEP Empreende Bahia vem se engajando em esforços no sentido de aprimorar as ações assertivas não só na instrumentação dos laboratórios e cozinhas experimentais como também no apoio às iniciativas propostas pelos professores pesquisadores e seus estudantes.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: Presidência da República, [1996]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 29 jul. 2020.

BRASIL. **Lei nº 11.892 de 29 de dezembro de 2008.** Altera dispositivos da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para redimensionar, institucionalizar e integrar as ações da educação profissional técnica de nível médio, da educação de jovens e adultos e da educação profissional e tecnológica. Brasília, DF: Presidência da República, [2008]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm. Acesso em: 29 jul. 2020.

CARVALHO, J. M.; ARAÚJO, L. O. **Inovação na indústria de alimentos e sua interface com o setor regulador no Brasil.** Caderno de Prospecção. Salvador, v. 10, n. 3, p. 405-415, jul./set. 2017. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/nit/article/view/23062/23062>. Acesso em: 02 ago. 2020.

GAVA, A. J. **Princípios de tecnologia de alimentos.** São Paulo: Nobel, 1984.

KÖCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica - teoria da ciência e iniciação à pesquisa.** 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

LAVAQUI, V.; BATISTA, I. L. **Interdisciplinaridade em ensino de Ciências e de Matemática no Ensino Médio.** Ciência & Educação. Bauru, v. 13, n. 3, p. 399-420 sep./dec. 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-73132007000300009&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 20 jul. 2020.

MARQUES, N. S.; CAJAVILCA, E. S. R.; MELO, E. M.; SANTANA, V. G.; SALES, G. F.; LOBO, R. S. **Análise de patentes do mercado de alimentos industrializados no mundo com base na classificação "A" da WIPO.** Cadernos de Prospecção. Salvador, v. 7, n. 4, p. 612-621,

out./dez. 2014. Disponível em: https://portalseer.ufba.br/index.php/nit/article/view/11944/pdf_71. Acesso em: 25 ago. 2020.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). **Catálogo Nacional de Cursos Técnicos. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica**, 2016.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

RAUEN, F. J. **Roteiros de investigação científica**. 2. ed. rev. e atual. Tubarão: Fábio José Rauen, 2018.

SILVA, F. P. S. (Org.). **Turismo de Base Comunitária e Cooperativismo: articulando pesquisa, ensino, extensão no Cabula e entorno**. Salvador, BA: EDUNEB, 2013.

Capítulo VI

A poesia no ensino de língua portuguesa e ciências da natureza alinhada com a pedagogia de projetos e multiletramentos

Ana Maria dos Santos Valentim¹⁸

Simone Maria dos Santos Nascimento Carvalho¹⁹

Resumo: Este artigo, busca relatar os processos da aplicabilidade e os resultados da Pedagogia de Projetos alinhada com os Multiletramentos no ensino de Língua Portuguesa e Ciências da Natureza nos anos iniciais, da Escola Municipal Alzira Tapety, povoado Briona, situada na cidade de Oeiras - PI. Para tal, nas aulas, usa-se a poesia como ferramenta multidisciplinar, agregadora e incentivadora, por ser uma prática que proporciona o aprendizado de forma atrativa, lúdica e dinâmica, estando sempre correlacionada com a realidade do cotidiano dos alunos do 1° ao 5° ano.

Palavras-chave: Poesia. Multiletramentos. Língua Portuguesa. Ciências da Natureza.

¹⁸ Graduada em Química. Especialista no Ensino de Ciências pela UESPI, Mestranda em Ciências da Educação e Multidisciplinariedade na FACNORTE. Atuou como supervisora do Pibid DIVERSIDADE/UFPI. Interessa-se por poesias.

¹⁹ Graduada em Licenciatura Plena em Língua Portuguesa – UESPI. Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa – IESSC. Aprecia a literatura de modo geral.

Introdução

Sabe-se que por conta do advento tecnológico no século XXI, segundo Rojo (2012) tornou-se necessário e urgente o incentivo dos Multiletramentos, um termo ou conceito novo, que envolve a multiculturalidade e a multimodalidade dos textos, e que tem o intuito de intermediar as metodologias e práticas educacionais com as mudanças do mundo globalizado, que incide no aprendizado das crianças, antes mesmo de irem para a escola. Assim, o mundo cada vez mais produz tecnologias avançadas nos variados setores da sociedade, inclusive na educação, que precisa acompanhar essa evolução adotando metodologias que exija do aluno tomada de decisões mediante a resolução das atividades didáticas, para que passe pelo processo educacional com proatividade e determinação, evitando, conseqüentemente, a evasão escolar.

Para garantir a aprendizagem nos dias atuais é preciso alinhar as atividades práticas com desafios, contextualização, ludicidade, tecnologias digitais e outros. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) orienta no desenvolvimento das dez competências gerais da educação básica - que gira em torno da “mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho” (BRASIL, 2017, p. 8). Almeja-se ainda uma educação que contemple todas as dimensões do desenvolvimento humano: cognitivo, acadêmica intelectual, físico, social, emocional e cultural.

A poesia é uma ferramenta de expressão, “uma das artes encantadoras e humanizadas, uma vez que toca com nosso sentimento, com nossa sensibilidade” (OLIVEIRA, 2014, p.12) e como declara Oliveira (2014, p. 13): “o lado lúdico da poesia sucinta a curiosidade do aluno, facilita a ação do docente além de aprimorar e ampliar os possíveis campos discursivos da oralidade, leitura e escrita”. Por isso, a poesia tem sido utilizada no universo escolar para despertar a autonomia e criatividade dos alunos por meio dos diferentes recursos linguísticos e estéticos, a exemplo disso temos as interpretações poéticas dos conteúdos em que o professor pode orientar para serem produzidas de forma oral e escrita.

Desse modo, as linguagens múltiplas e os diferentes tipos de arte devem ser trabalhados de forma significativa, preparando “a criança para ‘entrar’ no texto, convidá-la a interagir” (DEBUS; SILVEIRA, 2017, p. 74). Conhecer a leitura e as múltiplas vozes presentes nas suas entrelinhas, não sendo um processo aleatório e sem conexão com a realidade, como tem sido ao longo do tempo nas escolas, deixando: os discentes sem interesse de ser leitor crítico, as aulas enfadonhas e sem um propósito real de aprendizagem.

Portanto, a finalidade deste artigo é apresentar um relato de experiência com foco no ensino de Língua Portuguesa e Ciências da Natureza no Ensino Fundamental Anos Iniciais, partindo da reflexão sobre a pedagogia de Projetos e Multiletramentos, usando a poesia como ferramenta norteadora das práticas pedagógicas para incentivar o ato da leitura. Isto com o intuito de proporcionar um aprendizado significativo e facilitar o passeio entre as duas áreas do conhecimento de forma ativa e dinâmica com o projeto piloto/principal “Aprendendo com” Ilan Brenman em 2019 e Leo Cunha em 2020 bem como com o projeto complementar “Educação ambiental e saúde” com a temática inspirada na obra “Água comovida” de Ana Lúcia Leite.

Metodologia

Os projetos têm a participação de todas as áreas do conhecimento. Atende a etapa que vai da Educação Infantil até o Ensino Fundamental Anos Finais, da rede municipal, tanto zona urbana como rural. Entretanto, este relato tem como foco central destacar as etapas da aplicabilidade e resultados dos projetos na zona rural no ano de 2019 e 2020, na Escola Municipal Alzira Tapety, Povoado Briona, pela professora (primeira autora), que ministra aulas de Português e Ciências da Natureza nas turmas do 1º ao 5º ano.

O projeto “Aprendendo com” durante todo o ano letivo de 2019 no componente curricular Língua Portuguesa aconteceu na sala do 5º ano com 25 alunos, incluindo uma Pessoa com Deficiência (PCD).

As atividades pedagógicas realizadas em 2019 com o autor homenageado Ilan Brenman foram: pesquisas; painéis; momento “Era

uma vez” para as leituras silenciosas, compartilhadas, reflexivas; escolha da obra para ser trabalhada, o livro escolhido foi “O alvo”; produção de um livro baseado na obra escolhida nomeado pelos educandos de “Arqueiros da esperança”; interpretações das obras de forma poética; roda de conversa; peças teatrais; danças; paródias; seminários; Maleta viajante com livros de vários gêneros textuais, em que o aluno lê os livros juntamente com a família e escolhe um para compartilhar com a turma, no momento “Ciranda da leitura”, entre outros.

Ainda em 2019, foi aplicado o projeto complementar “Educação ambiental e saúde” na disciplina de Ciência da Natureza. Dividido em duas partes, uma com o meio ambiente relacionado com os 4 elementos (terra, água, fogo e ar) e a outra com a saúde em parceria com a Educavisa – Educação em Vigilância Sanitária. Esse projeto aconteceu na sala multisseriada com 11 alunos do 3º ano, incluindo uma PCD, e 22 alunos do 4º ano. Teve como metodologias produções de painéis, paródias e brinquedos com materiais reciclados coletados na comunidade; pesquisas; palestras; apresentações teatrais; leituras; criação de livro com as produções, entre outros.

A escola na qual foi aplicado os multiletramentos, fica situada na zona rural em um povoado bem desenvolvido, onde a maioria das famílias tem acesso à *internet* em suas casas. Em 2020 ao encerrarem as atividades presenciais, devido ao contexto de transformação (pandemia do corona vírus) em todo o Brasil, a escola passou por um processo de adequação. Sendo assim, o corpo docente elegeu alinhar o aprendizado com a inserção da tecnologia de forma constante, auxiliando e facilitando o acesso ao conhecimento por meio do aplicativo *WhatsApp*, *Kits* impressos e aulas via rádio.

Em 2020, o projeto “Aprendendo com” aconteceu na sala multisseriada com 11 alunos do 1º ano e 11 alunos do 2º ano, novamente a poesia foi utilizada como ferramenta norteadora das práticas pedagógicas, alinhada com a música, arte, pintura e teatro. Devido ao contexto de transformação as ações pedagógicas passaram por um processo de adaptação, no qual, o ensino tornou-se remoto focando o distanciamento social para preservar a saúde, ou seja, as aulas passaram a ser *online*, usando as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) como instrumento primordial para o desenvolvimento das competências e habilidades nos alunos.

Desse modo, as atividades realizadas com o autor homenageado Leo Cunha, são aplicadas pela escola juntamente com a participação ativa de todas as famílias, sendo mediadas pela disponibilidade de *Kits* com atividades fotocopiadas, programa “Espalhando saberes” via rádio e criação de grupos no aplicativo *WhatsApp*.

Os alunos do 1º e 2º ano tiveram como algumas das atividades: momento “Aprendendo brincando” para as leituras e ações relacionadas ao projeto; pesquisas; escolha da obra para ser trabalhada durante o ano, o livro escolhido foi “Cachinhos de Prata”; interpretações de forma poética; leituras das obras compartilhadas por meio de áudios e vídeos no grupo do *WhatsApp*; produção de poesias com os diferentes temas contidos nas obras, com o objetivo de desenvolver competência e habilidades descritas na BNCC do determinado nível; produção textual e ilustrações; reescrita textual que acontece no grupo com a professora, pais e alunos.

Já o projeto de Ciência da Natureza, em 2020, foi aplicado na sala do 1º ano e 2º ano, a temática é inspirada na obra “Água comovida”, de Ana Lúcia Leite, as metodologias foram intermediadas pela poesia nas mais diferentes formas de expressão proporcionando aprendizagens significativas e produções textuais, teatrais e musicais.

O Atendimento Educacional Especializado (AEE) das PCD’s do 3º e 5º ano realiza-se em parceria com a profissional atuante juntamente com a professora regente da sala e a família. No qual, as estratégias de ensino são focadas em músicas, fábulas, gibis, ilustrações, poesias e artes visuais. Com intuito de desenvolver as habilidades e eliminar as barreiras para a plena participação dos alunos no processo de ensino e de aprendizagem, considerando as suas necessidades específicas.

Resultados e discussões

Com o foco de melhorar a leitura, desenvolver a capacidade autônoma e tornar os alunos da rede básica de educação protagonista de seu aprendizado, a Secretaria Municipal de Educação (SEMED) de Oeiras, Piauí, criou o projeto norteador “Aprendendo com” que desde 2013 homenageia nomes importantes da literatura infanto-juvenil brasileira.

As ações dos projetos na sala de aula baseiam-se na afirmativa que para interpretar os textos multimodais (muitas linguagens) produzidos na contemporaneidade, os alunos precisam dominar os multiletramentos para atribuir os devidos sentidos e significados a leitura, de forma contextualizada (ROJO 2012). Assim,

(...) trabalhar com os multiletramentos partindo das culturas de referência do alunado implica a imersão em letramentos críticos que requerem análise, critérios, conceitos, uma metalinguagem, para chegar a propostas de produção transformada, redesenhada, que implicam agência por parte do alunado (ROJO, 2012, p. 8).

Neste contexto, os projetos propuseram ao alunado empoderamento ativo e crítico com a importância do ato de ler e produzir diferentes gêneros, especialmente os contos, poesias e paródias com as linguagens verbais, não-verbais e mistas.

Para conduzir de forma contínua e dinâmica, as aulas direcionadas ao projeto “Aprendendo com” Ilan Brenman no ano de 2019, teve como cronograma das atividades: na segunda-feira, leitura individual dos textos produzidos; terça-feira, escolha de um texto para fazer a reescrita com toda a turma; quarta-feira, contação de histórias; quinta-feira, releitura das obras e na sexta-feira, produção textual e ilustração. A professora inicia as aulas com leituras deleite (do homenageado ou outros), cantando uma música ou paródia, para tornar o momento único, pois acredita-se que “o lado lúdico da poesia suscita a curiosidade do aluno, facilita a ação do docente além de aprimorar e ampliar os possíveis campos discursivos da oralidade, leitura e escrita” (OLIVEIRA, 2014, p. 13).

Após o conhecimento de todas as obras do autor, propôs-se aos alunos fazer as interpretações de forma poética, dando ênfase as leituras compartilhadas, escritas e apresentações orais. Com isso, os estudantes do 5º ano produziram o livro “Poemas de luz” e também escolheram a obra “O alvo” como inspiração para a produção do livro “Os arqueiros da esperança”, contendo os contos e ilustrações (Figura 1).

Figura 2 - Livro “Poemas de luz” e livro “Os arqueiros da esperança” com produções e ilustrações dos alunos do 5º ano, apresentados na culminância do projeto piloto “Aprendendo com” Ilan Brenman.



Fonte: As autoras. Atividade com documento de autorização de uso da imagem.

Pode-se constatar que o uso da poesia para as interpretações dos alunos, possibilitou aulas lúdicas, criativas e que rendeu diversas produções de textos multimodais. Proporcionando assim, a criação do livro com as produções dos alunos para significar o aprendizado. Portanto,

A importância da poesia na escola está na sua ação formadora, pois ela representa uma forma que ajudará a ampliar o domínio da linguagem e capacita o leitor na construção do conhecimento. Assim, o texto poético possibilita ao indivíduo conhecer a si mesmo e ao outro e ainda o mundo que está à sua volta. Leva à recriação e à busca de novos sentidos que um texto pode oferecer. (NUNES, 2016, p. 157).

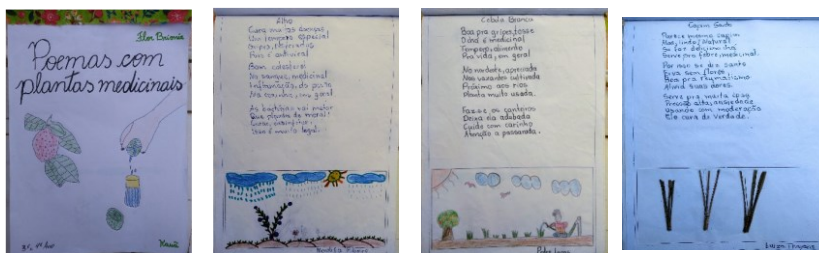
A culminância do projeto aconteceu na escola e em praça pública, na VII FLOR – Feira Literária de Oeiras, com todas as escolas da rede apresentando as produções feitas ao longo do ano letivo.

Neste mesmo ano, paralelamente com o projeto “Aprendendo com” acontece o projeto complementar “Educação ambiental e saúde” na disciplina de Ciências, aplicado pela professora com o intuito de reforçar o aprendizado quanto a leitura de forma lúdica, proporcionando uma prática significativa com os elementos da natureza.

Fazendo um paralelo entre os projetos e os objetivos indicados, a docente seleciona obras que passeiam entre as duas áreas do conhecimento para o desenvolvimento dos trabalhos utilizando produções poéticas, pois, “ciência e poesia pertencem à mesma busca imaginativa humana, embora ligadas a domínios diferentes de conhecimento e valor” (MOREIRA, 2002, p. 17).

Seguindo a dinâmica entre a poesia e saúde, foi trabalhado junto com os técnicos do Centro Educacional São Francisco de Assis – CEFAS de Oeiras-PI, uma cartilha com o poder fitoterápico das plantas medicinais e suas contraindicações. Os alunos levaram mudas para plantar, a escola passou a fazer chá com as ervas. Este trabalho resultou na produção do livro “Poemas com plantas medicinais” (Figura 2).

Figura 3 - Fotos do livro de poesias com produções e ilustrações dos alunos 3º e 4º ano na Culminância projeto auxiliar “Meio ambiente e saúde”.



Fonte: As autoras. Atividade com documento de autorização de uso da imagem.

Figura 4 - Fotos da culminância do projeto Aprendendo com Ilan Brenman e Leo Cunha, Meio ambiente e saúde e plantas medicinais da escola, plantadas com as mudas dos alunos.



Fonte: As autoras. Atividade com documento de autorização de uso da imagem.

Na culminância do projeto (Figura 3) que aconteceu na escola no Dia Mundial do Meio Ambiente, 5 de junho de 2019, pode-se perceber os bons resultados, como o de uma aluna não alfabetizada que se desenvolveu rapidamente a ponto de recitar a poesia que produziu, sendo uma inspiração para os demais alunos para as apresentações do livro “Poemas com plantas medicinais”, paródias, poesias, exposições dos brinquedos criados, entrega de mudas medicinais, entre outros

“Aprendendo com” Leo Cunha em 2020, não foi diferente, buscou-se uma relação de afinidade com a palavra através da poesia, firmando-a como pilar de todas as atividades. A obra preferida dos alunos foi “Cachinhos de Prata”. Aprofundaram-se no texto, e comoveram-se com a história da vovó isolada. Inicialmente a professora de português produziu uma poesia para inspirar os alunos do 1º e 2º ano e despertar o interesse.

Sabe! / Minha vovozinha / Àquela que ama / Seus netinhos / Mas, esquecidinha / Está isolada! / Junto com o vovô / Seu Varela o Dr / Àquele da televisão / Disse que netinhos / Pode passar COVID / Pra vovó do coração / Mora na zona rural / Se alimenta bem / Tudo natural / Lá é bem legal / Mas deve-se cuidar / Pra o COVID / Não

pegar / Então, como sei que / "Cachinhos de Prata" / Ama
Arte, poema, literatura! / Fiz hoje uma travessura /
Coloquei vários livros / Numa sacola bem /
Higienizada, claro! / Deixei lá na porta / Com o vovô /
Eram todos do Leo Cunha / Nosso homenageado da
FLOR! / Tchau amiguinhos / Já vou. (Ana Maria)

Em seguida, os alunos fizeram suas produções inspirados no livro e no seu cotidiano. Por ser uma temática que desperta sentimentos com relação a vovó, o resultado foi surpreendente, como mostra a poesia intitulada "Homenagem a vovozinha" feita pela aluna Maria Eduarda do 2º ano.

Hoje de joelho no chão / Agradeço de coração / Pela
vovozinha querida / Que me ama de montão / Pessoa
meiga e amiga / Dedica todo seu dia / Para cuidar das
suas / Netas queridas. / Estou falando da vovó / Mas não
esqueço do vovô / Que a cada dia que passa / Cresce mais
o meu amor. / Vovozinha e vovô / Uma dupla sem igual /
Andam juntos todo dia / Sem cobrar nenhum real /
Vovozinha nunca vou te deixar / Quero sempre estar
contigo / Onde quer que vá. (Maria Eduarda)

De tal modo, "todos devem expressar a poesia de diferentes formas: recortando, colando, desenhando, pintando, dramatizando, dançando. E, principalmente, lendo" (OLIVEIRA, 2014, p.16) pois, é uma ferramenta que promove a inclusão social. No qual, possibilitou aos alunos do AEE do 3º e 5º ano interação com outros alunos, fazendo com que "se sinta dentro de um grupo, compartilhe ideias, vivencie experiências, (...) e desenvolva sua linguagem; elas envolvem emoções, afetividade, companheirismo, percepção e argumentação" (GOMES, 2009, p. 8-9).

Segundo a professora, Maria Medianeira do AEE, o uso de "adivinhas, quadrinhas, parlendas, dentre outras poesias curtas, fez com que os alunos manifestassem um maior interesse pela leitura, claro que dentro das suas especialidades", completa dizendo que "ao trabalhar a poesia associando o texto/áudio com imagens, houve uma maior concentração/atenção dos discentes nas atividades, além das crianças terem se divertido, segundo relato das famílias". Esses artifícios faz os alunos expressarem seus sentimentos "através dos traços, cores, sons ou ritmos, rimas, etc." como afirma a professora:

Ouvindo o texto e vendo as imagens foi muito melhor do que uma simples leitura do texto em um papel. Além disso, a criança se diverte, fica feliz. Nessa época de pandemia, onde a saudade da escola, dos colegas, dos professores, etc. pode deixar todos tristes, um pouco de música, rima e ritmo pode alegrar e preencher o vazio que a criança e todos nós estamos passando nesse momento (Maria Medianeira).

Em 2020, a culminância com as aprendizagens construídas com Leo Cunha vai acontecer na VIII FLOR, assim como no ano de 2019, porém devido ao contexto de transformação (isolamento por conta da pandemia do Covid 19) a data tornou-se inserta.

Considerações finais

Esse Projeto educacional surgiu com o pressuposto básico, mostrar aos educadores e pais que é possível trabalhar os multiletramentos contextualizado com uma ferramenta metodológica lúdica, prazerosa, significativa, motivadora, cheia de aventura, que nos faz descobrir fenômenos sobre o mundo que nos cerca, também ser provocado a explicá-los, ampliar conhecimentos sendo um leitor crítico, pesquisador e atuante, usando a “POESIA” nos seus mais variados aspectos no incentivo da leitura com projetos literários. Que ao interagir com a natureza entra-se em contato com os mais diferentes tipos de linguagem possibilitando experimentar vários sentimentos, fazer inúmeras relações com o cotidiano, do mundo real ou da imaginação, ampliar horizontes de modo a se construir como sujeito no processo ensino aprendizagem junto com a escola e a família.

Assim, comprometidos com a formação de cidadãos o objetivo ao relatar as experiências parte do princípio que a arte bem como a poesia facilita o gosto da comunidade escolar pela leitura e o empoderamento que isso gera, principalmente nesse cenário que vem continuamente desrespeitando o meio ambiente, a saúde, a educação, desvalorizando o ser humano e a criança como um ser pensante ativo. Nunca foi tão importante incentivar o ato de ler brincando, selecionar informações, interpretá-las de acordo com os seus contextos e transformá-las em conhecimento, desenvolver competências e habilidade num

processo que a aprendizagem é uma necessidade contínua, sem a qual se corre o risco de não participar efetivamente na sociedade. Nunca foi tão imprescindível.

Desse modo, é relevante usar a Poesia como piloto nesse contexto multicultural, pois não importa a idade, o ano e século esse tipo de linguagem é atual, dinâmico, prazeroso, fonte inesgotável de delicadeza, empatia, algo espontâneo e desafiador, sendo um trampolim para os pequenos enfrentar os desafios nas diferentes etapas da vida, do planeta, da cultura, história, política e educação.

REFERÊNCIAS

- ALVES, E. D.; QUEIROZ, M. C. **A importância do brincar no ensino da leitura**. Instituto Superior de Educação do ICESP. Brasília, 2013.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.
- DEBUS, E. S. D.; SILVEIRA, R. F. K. **A palavra poética na sala de aula: um estudo no curso de Pedagogia da UFSC**. Revista Linhas. Florianópolis, v. 18, n. 37, p. 64-77, 2017.
- ELIAS, V. M. **Ensino de Língua Portuguesa: oralidade, escrita e leitura**. São Paulo: Contexto, 2011.
- GOMES, K. F. **O Lúdico na escola: atividades lúdicas no cotidiano das escolas do ensino fundamental I no município de Araras**. Rio Claro: [s.n.], 2009. 34 f.: il., quadros, fotos.
- MORERIA, I. C. **Poesia na Aula de Ciências? A Literatura poética e possíveis usos didáticos**. Física na Escola, v. 3, n. 1, 2002. Disponível em: <http://www.sbfisica.org.br/fne/Vol3/Num1/a07.pdf>. Acesso em: 08 set. 2020.
- NUNES, G. C. **Poesia e letramento Literário no Ensino Fundamental**. Id online Revista Multidisciplinar e de Psicologia. Ano 10, Nº. 29. 2016.
- OLIVEIRA, M. F. **Poesia na sala de aula [manuscrito]: uma proposta para a formação de leitores** / Marinalva Figueiredo de Oliveira. 2014. 28 p.: il, color.

Capítulo VII

Projeto “juntos somos um só”: educação e arte como transformação

Marli Maria Bahia de Sousa²⁰

Resumo: Este artigo trata-se de um relato de experiência sobre o projeto “Juntos somos um só”, desenvolvido no componente curricular Arte (Artes Visuais e Música), com estudantes do 6º ao 8º ano do Ensino Fundamental. Tendo como finalidade proporcionar vivências estimulantes e prazerosas que elevassem a autoestima dos estudantes através do conhecimento de si, de suas limitações e ampliando as suas possibilidades, tornando possível o estabelecimento de relações saudáveis e enriquecedoras, este projeto reforça o papel da educação, e igualmente do ensino da Arte, enquanto potencializadoras de transformação.

Palavras-chave: Ensino de Arte. Autoestima. Vivências Significativas. Práticas Pedagógicas Exitosas.

Introdução

Este artigo trata-se de um relato de experiência sobre o Projeto *Juntos Somos um só*, desenvolvido no componente curricular Arte (Artes Visuais e Música), com estudantes do 6º ao 8º ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Dantas Júnior, localizado na Ladeira dos Fiás, Santa Luzia do Lobato, cuja faixa etária é entre 10 e 17 anos, no ano letivo de 2018.

²⁰ Especializações Lato Sensu: Musicoterapia; Educação Especial e Inclusiva com Libras; Gestão e Coordenação Pedagógica. Licenciada em Música e Pedagogia. Atua como professora da Rede pública e privada da educação básica e cursos de Pós-graduação (especialização), além de Musicista, Musicoterapeuta Organizacional e Palestrante.

O projeto “Juntos somos um só” foi elaborado a partir da análise comportamental dos estudantes do Colégio Estadual Dantas Júnior diante de tantos problemas sociais que afligem a comunidade do entorno. Marcada pela pobreza, violência e tráfico de drogas, a comunidade de Santa Luzia do Lobato vive sempre na expectativa da tomada de poder entre facções criminosas, bem como da intervenção da Polícia Militar e, sob essa tensão, vivem os nossos estudantes e suas famílias envolvidas ou não nesse submundo de vulnerabilidade social.

Vivendo nessa aflição, os estudantes acabam por desenvolver um comportamento agressivo, destrutivo e desafiador, comprometendo o processo de ensino aprendizagem, a aquisição de novos conhecimentos e a qualidade das relações interpessoais. O resultado dessa situação conflitante é a falta de credibilidade em si mesmo e no potencial que possuem. Desse modo, a maioria dos estudantes vai à escola apenas para cumprir com as obrigações sociais. É comum circular o discurso entre os estudantes que frequentam a escola, porque precisam manter o benefício do Programa Bolsa Família. Nesse universo, são acometidos pela falta de estímulo e ausência de motivação. Tais aspectos de um lado dificultam e, por outro, desafiam a escola para o desenvolvimento de uma formação integral do sujeito, incluindo-se, aqui, a formação cidadã.

O referido projeto foi desenvolvido no turno vespertino e a maioria desses alunos reside na comunidade do entorno da linha férrea, convivendo com a vulnerabilidade social devido às condições sociais e econômicas precárias a que estão submetidos. São crianças e adolescentes com baixa autoestima e conflituosas, carentes de afeto e atenção, porém a comunidade respeita e valoriza a instituição escolar, proibindo a aproximação das facções criminosas no seu entorno.

Como os estudantes possuem baixa autoestima, isso reverbera em dificuldades de aprendizagem escolar, revelando um quadro de defasagem no processo de leitura e escrita, bem como na interpretação de textos, além de não dominarem as quatro operações básicas da matemática, dentre outras limitações que permeiam o processo de escolarização. Ademais, possuem dificuldade de relacionar-se uns com os outros e pouco valorizam a comunidade escolar. Esta realidade complexa e desafiadora, motivou-nos a criação e desenvolvimento do projeto “Juntos somos um só”, cujo objetivo fulcral é elevar a autoestima

dos alunos através do conhecimento de si, de suas limitações e ampliando as suas possibilidades, proporcionando relações saudáveis e enriquecedoras, por meio da Arte e de suas possibilidades transformadoras. Afinal, “todas as artes contribuem para a maior de todas as artes: a arte de viver” (BRECHT, 1957, p.173).

Por outro lado, os estudantes são produtivos, sensíveis e gostam de realizar atividades artísticas e lúdicas. Tem-se desenhistas, pintores, músicos, dançarinos, youtubers. Durante o Projeto, reativamos a Rádio Dantas que, nos momentos de intervalo, festividades e culminâncias é utilizada para informar e também como forma de interação e diversão. É sob esse horizonte interpretativo que pensamos a educação: faz-se necessário valorizar as potencialidades dos sujeitos e através delas despertar a curiosidade, a criatividade, o desejo de aprender e pesquisar, a motivação, a interação, bem como a percepção positiva de si e do outro.

Modificando a forma como o estudante se enxerga o outro, é possível promover uma maior compreensão do que é ser sujeito, através da construção de valores pessoais, o desenvolvimento da empatia e a boa convivência. Nessa perspectiva, é possível transformar a escola em um lugar importante e significativo para a formação pessoal e coletiva. Afinal, todo ser humano deve se reconhecer como protagonista de sua própria vida, mobilizando suas potencialidades para a construção do conhecimento e a formação cidadã, de modo a reverberar na própria transformação e da sociedade.

O desenvolvimento e resultados do projeto “Juntos somos um só”

Diante do cenário complexo e das condições de vulnerabilidade social a que estão submetidos os estudantes da referida instituição escolar, desenvolvem um comportamento afrontoso e destrutivo, comprometendo o processo de ensino aprendizagem, a aquisição de novos conhecimentos e a qualidade das relações interpessoais. Tal realidade convoca à escola ao desafio de tornar a educação um processo significativo e igualmente transformador.

Para dar início ao Projeto, realizou-se uma pesquisa de satisfação com os estudantes, através de um questionário escrito, cujas questões versavam sobre a vida pessoal, a comunidade em que vivem e a escola. A partir da análise desse questionário, realizada pela professora em parceria com a coordenação pedagógica e a gestão escolar, promoveu-se discussões em sala de aula durante duas semanas tendo em vista identificar o que seria de mais relevante para a mudança de atitude e uma convivência mais saudável na escola. Como fruto desse diálogo, que se estendeu também aos estudantes, elaborou-se combinados que foram ilustrados e partilhou-se pequenos textos produzidos pelos estudantes, tal como uma “rede social”. Só após uma reflexão profunda sobre os resultados desse diagnóstico, através de um diálogo entre a professora e os estudantes, resolveu-se criar o projeto “Juntos somos um só”, para que os alunos pudessem ressignificar a si mesmos, a família, os outros e suas vivências na escola, despertando o desejo de aprender, pesquisar e buscar novos conhecimentos.

Tal como já evidenciamos, o projeto “Juntos somos um só” almejou, principalmente, atuar na elevação da autoestima dos estudantes, proporcionando relações expressivas e pertinentes, como molas propulsoras do crescimento integral e o estímulo da esperança para um futuro promissor. Segundo Cavalcanti (2003), a autoestima e a aprendizagem se relacionam de maneira direta, uma vez que as dificuldades do aprender podem provocar uma baixa na autoestima e os problemas de baixa valorização podem reverberar em desajustes e dificuldades de aprendizagem.

Sendo assim, entende-se que a autoestima do sujeito afeta em seu aprendizado.

As pesquisas sobre a autoimagem e o desempenho escolar mostram a forte relação entre a autoestima e a capacidade de aprender. A elevada autoestima estimula a aprendizagem. O aluno que goza de elevada autoestima aprende com mais alegria e facilidade. Enfrenta as novas tarefas de aprendizagem com confiança e entusiasmo. Seu desempenho tende a ser um sucesso, pois a reflexão e o sentimento precedem a ação, demonstrando “firmeza” e expectativas positivas, diferente de um que se sente incompetente, fracassado (BEAN, 1995 *apud* SOUZA, 2002, p. 19).

Na perspectiva de tornar a escola um ambiente saudável, prazeroso, agradável e atraente para os nossos estudantes, decidiu-se, primeiramente, trabalhar a autoestima, pois esta é uma qualidade pertencente ao indivíduo satisfeito com a sua identidade, ou seja, um indivíduo confiante, respeitoso, digno e que valoriza a si mesmo. Estando satisfeito consigo mesmo, o indivíduo torna suas relações interpessoais mais saudáveis, promove valores e percebe a importância da integração entre pessoas e/ou grupos, buscando soluções para possíveis situações de conflito na sala de aula e na vida cotidiana, o que implica e favorece positivamente no aprendizado. Para Antunes:

Relações interpessoais é o conjunto de procedimentos que, facilitando a comunicação e as linguagens, estabelece laços sólidos nas relações humanas. É uma linha de ação que visa, sobre bases emocionais e psicopedagógicas, criar um clima favorável à escola e garantir, através de uma visão sistêmica e integração de todo pessoal envolvido, por meio de uma colaboração confiante e pertinente (ANTUNES, 2007, p 9).

Perfazendo esse caminho compreensivo, o projeto “Juntos somos um só” desenvolveu-se em três partes distintas, a saber: “Eu sou assim”; “Eu e minha família” e “Eu e os outros”. As três etapas da proposta desenvolvida, articuladas entre si, almejavam os seguintes objetivos: a) o desenvolvimento da reflexão sobre si mesmo, reconhecendo-se como um ser importante; b) a valorização da própria identidade pessoal, bem como da própria história de vida; c) o fomento da reflexão sobre a importância da família como a raiz, base da formação humana, ou seja, espaço onde o indivíduo faz a experiência de amar, repartir e crescer; como fonte de educação, amor, respeito e aceitação do outro como ele é; d) a promoção da interação entre os estudantes, através da reflexão sobre a amizade; e) o desenvolvimento da empatia em relação ao outro, de modo a conhecê-lo e se sensibilizar com sua história; f) ampliação da percepção e do sentimento de que humanos com necessidade de afeto, tendo em vista produzir e viver em harmonia.

No decurso do projeto, realizou-se muitas rodas de conversa, socialização de pesquisas e opiniões, apreciação de vídeos e canções, leituras de poemas e textos temáticos, produção de textos individuais e

coletivos, produção artística (desenho, recorte, colagem, pintura e atividades musicais), montagem de painéis integrados e vivência de experiências concretas (dinâmicas, “amigo secreto” e lanche coletivo, além do Transformaê). As atividades foram diferenciadas, inovadoras e lúdicas para favorecer a interação dos alunos com o Projeto. Trabalhou-se a diversidade, valorizando cada percepção e opinião, além das criações, produções e exposições, de modo a valorizar cada sujeito como singular e sua elaboração como única e especial. Como previsto nos combinados elaborados coletivamente, os estudantes respeitaram as opiniões dos colegas, em um exercício democrático de fala e escuta, de modo que as aulas foram bastante significativas e igualmente produtivas. A cada encontro uma nova descoberta e o “gostinho de quero mais”.

Alguns obstáculos iniciais, a exemplo do desinteresse, pouco engajamento, indisciplina, relações conflituosas, dentre outros, foram sendo contornados através das produções artísticas individuais cuja apresentação foi sob forma de painel integrado. A partir das produções individuais, estendemos as criações para produções em duplas, trios e depois grupos. O mais significativo foi perceber a interação saudável e a mudança de comportamento dos estudantes no decorrer e após as vivências do projeto. Os depoimentos, a seguir, exploram o potencial transformador dessa prática escolar:

A vivência do Projeto ‘Juntos somos um só’, no Colégio Estadual Dantas Júnior, tem refletido na formação dos estudantes de maneira surpreendente. Durante o primeiro trimestre, após o desenvolvimento do projeto, observei que os estudantes apresentaram mudanças no comportamento, tornando-se mais interativos, participativos, e, sobretudo, mais envolvidos com o processo de aprendizagem. Neste contexto, percebemos o quanto é importante o trabalho interdisciplinar na perspectiva de projetos, pois os estudantes ficam mais motivados em aprender novos conhecimentos (Sílvia Celeste Ferreira da Conceição, Professora de Geografia e Vice-diretora²¹ do Colégio Estadual Dantas Júnior, depoimento concedido em 2018).

²¹ Atualmente é diretora da Instituição.

Participar de atividades interdisciplinares envolvendo Ciências da Natureza e Artes favoreceu o aprendizado significativo e a ampliação do conhecimento de mundo tornando as aulas participativas, prazerosas e bastante produtivas (Maria Rosa de Almeida Andrade, professora de Ciências da Natureza do Colégio Estadual Dantas Júnior, depoimento concedido em 2018).

Nota-se, a partir dos relatos, a importância do projeto no desenvolvimento dos estudantes, impactando nas relações interpessoais, na interação com o conhecimento e no engajamento dos sujeitos em relação à aprendizagem.

Neste processo pedagógico, objetivando promover atividades significativas, prazerosas e igualmente inovadoras, fez-se necessário a utilização de multimeios - recursos audiovisuais ou meios multissensoriais - veículos para se comunicar uma ideia, questões, imagem, áudio, informação ou um conteúdo qualquer (PARRA, 1985). Com isso, o intuito maior foi favorecer o processo de ensino aprendizagem, pois estratégias inovadoras promovem uma maior interação e diálogo entre estudantes e professores, incentivando a confiança, afetividade, autonomia, a socialização, bem como os multiletramentos dos sujeitos.

Nesse universo contemporâneo, marcado pelos multimeios e multiletramentos, tal como argumentam Roxo e Moura:

Faz-se necessário que a escola atue na mediação do contato dos alunos com as novas tecnologias e novas culturas, proporcionando uma visão crítica do mundo. Sugere-se envolver na prática pedagógica a diversidade de mídias, culturas e linguagens utilizando-se das novas tecnologias da informação e comunicação, refletindo acerca de inúmeros recursos que vão muito além de textos, imagens, áudio e vídeo, validando a construção de novas formas de aprender e novos significados (ROXO; MOURA, 2012, p. 13).

Atividades lúdicas estimulam novas experiências e descobertas, despertando a curiosidade, construindo novas competências e contribuindo para a formação integral dos estudantes além de “garantir a integração social, equilíbrio emocional e atividade intelectual” (KISHIMOTO, 2000, p.32).

No percurso do projeto “Juntos somos um só”, dinâmicas de interação, vídeos e músicas, além das produções artísticas favoreceram a compreensão e aceitação de si e dos outros como forma de viver harmoniosamente não só na escola e/ou família, mas na comunidade, bem como em toda a sociedade. Ao discutir sobre o papel da ludicidade na educação, Almeida argumenta e elucida o seguinte:

A educação lúdica, na sua essência, além de contribuir e influenciar na formação da criança e do adolescente, possibilitando um crescimento sadio, um enriquecimento permanente, integra-se ao mais alto espírito de uma prática democrática enquanto investe em uma produção séria do conhecimento. A sua prática exige a participação franca, criativa, livre, crítica, promovendo a interação social e tendo em vista o forte compromisso de transformação e modificação do meio (ALMEIDA, 1994, p. 41).

Atividades interdisciplinares foram desenvolvidas visando uma compreensão mais ampla de si, do outro e do mundo em que se vive. Produziu-se textos individuais e coletivos, elaborou-se cartazes de divulgação, painéis integrados, despertando nos alunos a curiosidade, a capacidade de criar e a vontade de buscar e construir novos conhecimentos.

Valorizar o indivíduo, elevar a sua autoestima e fazê-lo respeitar-se, compreender-se e sentir-se pleno proporciona reflexão e mudança de atitudes, promove relações saudáveis e favorece a formação de cidadãos críticos e conscientes, evocando o papel e a capacidade transformadora do ser humano, de seu mundo e da realidade que vive.

Dentro da perspectiva de aprender como construção do saber, o ‘Projeto Juntos somos um só’ ao longo do primeiro trimestre no Colégio Estadual Dantas Júnior permitiu observar a interação dos professores envolvidos com as turmas e as atividades desenvolvidas colaboraram no despertar para a aprendizagem e mudança comportamental, estimulando um olhar singular dos alunos, colegas e gestores, certamente. (Anna Patrícia Freitas de Castro, Professora de Língua Portuguesa do Colégio Estadual Dantas Júnior, depoimento concedido em 2018).

Os resultados obtidos com a vivência desse projeto foi a mudança do comportamento dos estudantes nas suas relações interpessoais, bem como no processo de ensino aprendizagem. Elevar a autoestima foi fator relevante para que os objetivos fossem alcançados, pois acreditar em suas potencialidades é um fator importante para a formação pessoal e a transformação individual e coletiva. O depoimento, a seguir, embora longo, merece ser exposto na íntegra, dada a sua relevância para o entendimento da experiência ora relatada:

O ensino das artes nas escolas, em suas diferentes linguagens, é fundamental para a formação integral dos estudantes em todos os níveis e modalidades de ensino. A arte como Ciência, como manifestação cultural, como objeto de estudo, como prática, como exercício de libertação, ... torna o currículo mais leve, mais humano, mais afetivo; a aprendizagem mais dinâmica, atrativa e prazerosa e as relações na escola muito mais interativas, sociáveis e cooperativas. Segundo, Ana Mae Barbosa, pioneira da arte educação no Brasil e precursora da proposta triangular do ensino da arte, envolvendo a contextualização histórica, a apreciação artística e o fazer artístico, "é absolutamente importante o contato com a arte por crianças e adolescentes. Primeiro, porque no processo de conhecimento da arte são envolvidos, além da inteligência e do raciocínio, o afetivo e o emocional, que estão sempre fora do currículo escolar. Além disso, grande parte da produção artística é feita no coletivo. Isso desenvolve o trabalho em grupo e a criatividade". Essa perspectiva da arte enquanto pensar e agir coletivamente, enquanto manifestações e representações da vida na escola e da escola na vida, retratadas sob diversas formas de linguagens, tem sido ao longo dos últimos anos a tônica do trabalho na disciplina de Arte, no Colégio Dantas Júnior, especialmente sob a batuta da Professora Marli Bahia, arte-educadora por excelência, musicoterapeuta, incentivadora e mobilizadora de saberes junto aos seus estudantes e a toda a comunidade escolar, seja em suas aulas, seja desenvolvendo projetos especiais com suas turmas, ou mesmo no fortalecimento dos laços e contribuições em eventos na escola ou até levando o nome da escola a espaços além. A professora Marli Bahia, tem nos levado a conhecer não apenas a Arte enquanto componente curri-

cular ou a música enquanto terapia, mas a sua arte, enquanto educadora, tem nos mostrado que ARTE, ESCOLA e VIDA são elementos indissociáveis e que estes três elementos precisam estar juntos, porque cada vez mais **“Juntos somos um só”** (Maria Léa Guimarães, Coordenadora Pedagógica do Colégio Estadual Dantas Júnior, depoimento concedido em 2020).

Os relatos dos alunos, apresentados a seguir, também ratificam a relevância da proposta seu potencial transformador:

Participar do projeto, escrever sobre nossas vidas, conhecer a nós mesmos e aos outros, me fez acreditar que vir para o Dantas vale a pena e quero continuar crescendo (MAS, aluno do 6º ano, depoimento concedido em 2018).

Desejo mudar de vida. Não quero acabar morrendo cedo e cheio de bala como alguns vizinhos meus (ES), aluno do 8º ano, depoimento concedido em 2018).

No tocante ao desenvolvimento da aprendizagem, avaliou-se o desempenho e a construção do conhecimento dos estudantes através das produções de texto (pesquisas, poemas, notícias) e artísticas (painéis, murais), a participação nas reflexões e discussões em grupo, apresentações orais individuais e coletivas. Do ponto de vista da aprendizagem qualitativa, notou-se que os estudantes aprenderam a se valorizar, a respeitar o outro e a comunidade, bem como ressignificar o papel da escola enquanto propulsora do conhecimento, da melhoria de vida e da formação cidadã.

Aprendizagens significativas através de ações inovadoras e prazerosas, tais como as desenvolvidas no projeto “Juntos somos um só”, promovem a busca e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos e vivenciados de forma diferenciada, por meio do diálogo e da escuta, da capacidade de criar, de produzir e se posicionar de modo singular, revelando sua eficácia e eficiência pedagógica.

As atividades propostas foram acolhidas e a participação foi efetiva de tal forma que as ausências dos estudantes às aulas foram mínimas e o envolvimento e o engajamento extremamente notórios. Ideias novas foram surgindo ao longo da vivência desse projeto e aprendeu-

se que ao adentrar no coração dos alunos e deixar-se cativar e ser cativado, pode se configurar em um caminho profícuo para elevar a autoestima dos sujeitos e ensiná-los a valorizarem a si mesmos como sujeito da própria vida, tornando-os capazes de transformar-se em pessoas melhores e agentes de transformação do mundo em que vivem. Nesse sentido, a educação e arte assumem um papel de notória relevância.

A música está presente em todos os cantos, nas ruas, nas festas, nas casas, nas escolas e em todos os momentos da nossa vida. Mas usar a música como forma de inserção de jovens e crianças na educação é uma ferramenta salutar, que tem se mostrado eficaz, como prova todos os dias a professora e musicoterapeuta Marli Bahia, que leva sua arte para o processo de socialização no Colégio Estadual Dantas Júnior, em Salvador. Além do trabalho lúdico que a música proporciona, Marli leva paixão para seu trabalho como arte educadora, educadora musical e musicoterapeuta.

Como já diz a própria definição da terapia que se utiliza dos elementos da música, musicoterapia é uma forma de tratar os alunos e pacientes através da arte e do som. Não conheço a fundo o trabalho de outros musicoterapeutas, mas conheço e acompanho de perto o amor e dedicação de Marli Bahia no processo de ensinamento de jovens e crianças que, muitas vezes, não tem perspectiva de um futuro promissor.

Meu desejo é que ela continue levando sua arte e ensinamentos com muito fervor e afinco, capazes de arrebatam corações e modificar histórias de vida, num ambiente árido, onde muitas vezes não há esperança nem otimismo. Que a música continue sendo capaz de melhorar o humor, a atenção, concentração, a memória e, mais ainda, as lembranças profundas. Que sua arte continue tocando e encantando corações, mas também, salvando vidas.

(Oswaldo Lyra, jornalista, editor-chefe do portal Muita Informação, colunista do jornal A Tarde e da rádio Globo Salvador, depoimento concedido em 2020).

Considerações finais

Acredita-se que a experiência vivida neste projeto possa se expandir e ser partilhada entre os Colégios Estaduais, pois obteve-se grandes mudanças no comportamento dos estudantes e na aprendizagem, ressignificando o papel da escola e do ensino da Arte, reafirmando seu compromisso pedagógico, ético e social.

Faz-se necessário encontros mais assíduos sobre experiências vividas no ambiente escolar, troca de ideias e conhecimentos, bem como disseminação de projetos e práticas pedagógicas exitosas para que a escola seja propulsora de conhecimento e igualmente formadora integral do ser, de modo a superar os múltiplos desafios que emergem na educação contemporânea, sobretudo em cenários complexos e desafiadores, a exemplo dos que envolvem vulnerabilidade e desigualdade social. Assim, a escola reafirma sua função social de promover a aprendizagem, a formação do ser de transformação da realidade.

Dentre muitos desafios, é necessário que os professores, inclusive os de Arte, sejam mais valorizados em suas práticas pedagógicas, de modo que o Estado ofereça condições de trabalho adequadas, seja pela aquisição de equipamentos e recursos que favoreçam a qualidade das aulas, seja pela melhoria da estrutura física das salas e da formação mais humana dos funcionários, os quais fazem parte da comunidade escolar. É imprescindível a valorização do professor para que esse sujeito se sinta sempre motivado a ressignificar aprendizagens, a ser criativo, a continuar estudando e a promover conhecimentos relevantes para os estudantes, cujos impactos recaiam, portanto, sobre a aprendizagem e a formação integral do sujeito, reafirmando o papel transformador da educação e do ensino de Arte na escola.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, P. N. **Educação lúdica**. São Paulo: Loyola, 1994. 120 p.
- ANTUNES, C. **Relações Interpessoais e a autoestima: a sala de aula como espaço de crescimento integral**. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2007. 72 p.
- BRECHT, B. **Escritos sobre teatro**. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1957. 210 p.
- CAVALCANTI, M. J. A. **Aprendizagem & autoestima**. 2003. 45 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.
- KISHIMOTO, M. T. (Org). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2010. 208 p.
- PARRA, N., PARRA, I. C. C. **Técnicas audiovisuais de educação**. 5. ed. São Paulo: Pioneira, 1985. 204 p.
- ROJO, R.; MOURA, E. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012. 264 p.
- SOUZA, C. M. M. **A afetividade na formação da autoestima do aluno**. 2002. 36 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia) - Centro de Ciências Humanas e Educação, Universidade da Amazônia, Belém, 2002.

Capítulo VIII

Educação ambiental em espaços formais de aprendizagem: direitos humanos em evidência

Pricilla Mendes Oliveira²²

Resumo: O presente trabalho visa analisar como a educação ambiental em espaços formais de aprendizagem contribui para efetivação dos direitos humanos, sendo um instrumento e caminho para se alcançá-los. Considerando assim, que o acesso ao meio ambiente sadio é um direito universal e fundamental, apesar de ter sido banalizado durante muito tempo. Para executar os objetivos propostos foi realizada um levantamento teórico, com revisão bibliográfica. Este trabalho se faz importante para o entendimento das temáticas em questão. Alcançará assim, diversos públicos da sociedade civil, pois a educação ambiental é um processo que requer envolvimento de todos.

Palavras-chave: educação ambiental, escola, direitos humanos, direito ambiental.

Introdução

Os direitos humanos estão intrínsecos ao acesso ao meio ambiente sadio que proporciona qualidade de vida, não só às atuais gerações como às futuras. Assim, engloba questões de sustentabilidade e culturais. A Educação Ambiental não se limita aos espaços formais de aprendizagem, mas é na escola que é possível fomentar as estratégias de luta, e torná-la instrumento de transformação da realidade. Dessa forma, pode ser entendida como o conjunto de práticas transmitidas

²² Especialista em Direitos Humanos e Contemporaneidade (UFBA), em Análise do Espaço Geográfico (UESB) e em Gestão Ambiental (UNIGRAD). Licenciada em Geografia (UNEB). E-mail: pricillamendes23@gmail.com

às descendências que possibilita melhoria do meio ambiente, auxiliando nas mudanças de atitudes que viabilizam a dignidade humana.

O direito ambiental garante (ou deveria garantir) pautas que impulsionam a proteção ao meio ambiente natural, desde a criação de algumas áreas de preservação, aos princípios do poluidor pagador e outras medidas incluídas na Política Nacional do Meio Ambiente. No âmbito do ensino formal, a Educação Ambiental é um dos temas transversais definidos pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9394/96) que deve ser abordada de maneira interdisciplinar nas diversas áreas do conhecimento, ressaltando a necessidade de discussões e práticas que incluam toda comunidade escolar.

No entanto, quando falamos de direitos humanos raramente, remetemos à questão ambiental. Esquecemos que todos os direitos inclusive os fundamentais à existência humana exigem espaços socialmente saudáveis. Logo, fomentar a educação ambiental é garantir sua efetivação.

Os direitos humanos precisam ser assegurados para toda população e não podemos difundir a falácia de que é algo dado a um determinado grupo conforme o seu merecimento. Assim, todas as pessoas precisam estar em um meio ambiente com qualidade. É válido ressaltar que

[...] nos dias atuais não se admite mais uma discussão de direitos humanos de forma relativizada, alheia ao contexto histórico, social, econômico e aos avanços da própria humanidade, seja nos aspectos tecnológicos, culturais, intelectuais, dentre inúmeros. A teoria crítica busca a reconstrução de novas concepções de direitos humanos, voltados para vários direitos fundamentais que, em tempos passados, não eram considerados como essenciais e que, portanto, deixavam de serem tutelados de forma contundente pelo Estado, dentre estes podemos falar no direito a um meio ambiente saudável, direito este que hoje, indiscutivelmente é caracterizado como um direito humano, face ao reconhecimento do meio ambiente como um direito das gerações presentes e futuras (HAMMARS-TRÖN; CENCI 2012, p. 827).

Nesse sentido, temos a escola como um meio que precisa desenvolver práticas inclusivas e de preservação ambiental, que garantam a todos a efetivação dos direitos.

Somente com uma educação crítica é possível estimular nas instituições de ensino a efetivação dos direitos humanos, pois estes não podem mais serem limitados e abarcam a conservação ambiental. “O direito ao meio ambiente é um exemplo de ‘direito fundamental como um todo’, à medida que representa um leque paradigmático das situações suscetíveis de considerações, no âmbito de normas tuteladoras de direitos fundamentais.” (SPERANDIO, 2006, p.14).

Portanto, observa-se a necessidade de promover nos espaços formais de aprendizagem o contato com a educação ambiental e o reconhecimento de como esta possibilita a efetivação dos direitos humanos, a partir do cuidado ao espaço social inserido e uso dos bens naturais.

Este trabalho se desenvolveu mediante uma pesquisa bibliográfica norteado pela seguinte questão: Qual a importância da educação ambiental na escola para efetivar os Direitos Humanos? E para o entendimento dessa problemática, delineou-se alguns objetivos principais, tais como: entender o papel das instituições de ensino para reprodução e/ou violação dos direitos humanos e compreender que estes devem ser garantidos para as presentes e futuras gerações mediante o processo educativo.

O Papel da Escola para Efetivação dos Direitos Humanos

Qual seria o real papel da escola para a sociedade? De que forma ela pode contribuir para formar cidadãos críticos e atuantes na luta por garantia de direitos e para construção de um meio ambiente mais harmônico? Buscando responder a estas questões que permeou nossas análises sobre a função da escola atualmente e sua relação na garantia de direitos. “Mais do que nunca, torna-se emergente que se assuma o papel de criar condições para que cidadãos possam desenvolver competências para lidar com essas informações ou desenvolver o senso de discernimento.” (DUVOISIN; RUSCHEINSKY, 2012, p. 94).

As escolas se desenvolveram juntamente com o sistema econômico a qual estão inseridas. O capitalismo influenciou e modificou seus objetivos, fazendo da preparação do indivíduo para o mercado de trabalho uma das funções da educação institucionalizada, tornando o ensino mecanizado e tecnicista.

A escola como espaço de educação formal deveria ser um lugar da construção de saberes e autonomias e um ambiente de inclusão. Porém, muitas vezes exclui e traumatiza na tentativa de impor uma homogeneização para seres tão diversos e com conhecimentos peculiares. O respeito pelo outro vai se tornando relativo aos valores individuais, deixando de ser de fato um direito. Passando a servir meramente ao sistema capitalista em sua atual fase globalizante que precisa formar mão de obra não pensante, e acaba por aniquilar muitas habilidades. Como Mészáros (2008, p. 36) afirma

A educação institucionalizada, especialmente nos últimos 150 anos, serviu - no seu todo - ao propósito de não só fornecer os conhecimentos e o pessoal necessário à máquina produtiva em expansão do sistema do capital, como também gerar e transmitir um quadro de valores que *legitima* os interesses dominantes, como se não pudesse haver nenhuma alternativa à gestão da sociedade, seja na forma 'internalizada' (isto é, pelos indivíduos devidamente 'educados' e aceitos) ou através de uma dominação estrutural e uma subordinação hierárquica e implacavelmente impostas. A própria História teve de ser totalmente adulterada, e de fato frequente e grosseiramente falsificada para esse propósito.

Com isso, o que observamos são instituições de ensino que afastam seu alunado, que não respeitam as diversidades e contribuem para aprofundar as desigualdades sociais. E muitos casos de violações dos direitos humanos são presenciados nas escolas, desde a violência física como psicológica e culturais.

A presença da violação dos Direitos Humanos no âmbito escolar é algo assustadoramente forte. Muitos educadores, sociólogos, juristas e psicólogos discutem e abordam indagações em relação ao tema, na atualidade. Ainda que a escola tente cumprir o seu papel de combate a violação dos Direitos Humanos, a maior parte dos estudantes traz

consigo uma cultura própria, sendo que a própria escola muitas vezes, repete sem perceber uma “cultura da violência.” (ANDRADE, 2015, s. p.).

Infelizmente, as escolas têm se tornado espaços de violações dos direitos humanos e ao se tornar um ambiente da exclusão, alguns temas como direitos humanos, homossexualidade, racismo e educação ambiental são tratados com banalidade ou ainda são negligenciados e tidos como tabu.

É necessário resgatar esse ideal de inclusão das instituições de ensino, pois em meio as diversidades é que se é possível construir noções de cidadania e respeito mútuo. E apesar de todas as violações de direitos presenciadas na escola, reconhecemos que

[...] é um espaço privilegiado para estabelecer conexões e informações, como uma das possibilidades para criar condições e alternativas que estimulem os alunos a terem concepções e posturas cidadãs, cientes de suas responsabilidades e, principalmente, perceberem-se como integrantes do meio ambiente. A educação formal continua sendo um espaço importante para o desenvolvimento de valores e atitudes comprometidas com a sustentabilidade ecológica e social. (LIMA apud CUBA, 2010, p. 24).

Os direitos humanos como tema transversal da educação básica, indicado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação, LDB, Lei 9394/96, é um conteúdo que precisa ser inserido nos currículos, como trata a lei supracitada “conteúdos relativos aos direitos humanos e à prevenção de todas as formas de violência contra a criança e ao adolescente serão incluídos, como temas transversais.” (BRASIL, 2017).

Diante o exposto, os currículos precisam ser alterados e o tema inserido nos projetos políticos pedagógicos de cada escola, adotando novas formas de aprendizagem, multiletramentos que possam alcançar diversas linguagens e públicos. É preciso pensar e construir uma escola efetivamente inclusiva afinal são espaços que abarcam uma pluralidade de ideias que podem ser utilizadas como instrumentos de transformação social.

O tema educação ambiental deve ser abordado de maneira crítica onde os sujeitos envolvidos no processo percebam o seu papel de atuação, consigam reconhecer o que é meio ambiente, desmitificando

estereótipos de que este é algo distante das relações sociais, de maneira superficial. Mas, se tornar um instrumento familiarizado às instituições de ensino, a fim de externar para além da escola o conhecimento construído.

E mesmo diante das barreiras sociais impostas pelo sistema atual é necessário romper estes obstáculos e pensar uma nova realidade crítica inclusiva e reflexiva.

Sabe-se, [...] que é a escola o principal agente de atuação na contribuição de ações educativas que desenvolvam e estimulem a cultura dos Direitos Humanos no ambiente escolar. Neste sentido, cabe a ela promover e desenvolver uma pedagogia voltada para a transformação, para a democracia e que envolva todos em seu trabalho; exercitando procedimentos que incluam valores, conteúdos e atitudes amparando os direitos humanos na escola. (ANDRADE, 2015).

Assim, podemos ter na escola o fortalecimento dos direitos humanos através da construção de conhecimento, onde o indivíduo passa a se enxergar como parte do processo e protagonista da sociedade.

Educação Ambiental como Realidade/ Instrumento

No âmbito da educação no Brasil, a Educação Ambiental passa a ter ênfase a partir da década de 1980, e ganha maior destaque com a Política Nacional de Educação Ambiental, Lei 6 938 de 31 de agosto de 1981. Surge em um contexto que emergiam discussões ambientais por todo mundo, e as pessoas percebiam a necessidade de se estudar o assunto, apesar do pouco conhecimento, como demonstra uma pesquisa realizada em 1997 divulgada pelo Ministério da Educação e Desporto

Início de 1997 - uma equipe de cem pesquisadores do Ibope começa a visitar lares de todas as regiões brasileiras, para conversar com homens e mulheres, jovens ou idosos, pobres ou ricos, empregados ou não. Durante dois meses eles trabalham com um único objetivo: conhecer as percepções, os sentimentos e as atitudes de brasileiros em relação ao meio ambiente[...] A pesquisa nacional descobriu outro fato importantíssimo para quem trabalha

com educação: para 95% dos brasileiros, a educação ambiental deve ser obrigatória nas escolas. Ou seja, a maioria absoluta entende que esta é a grande chave para a mudança das pessoas em relação ao ambiente onde vivem. Esta foi uma opinião quase unânime: só 2%, isto é, duas em cada cem pessoas entrevistadas, discordaram da ideia de obrigatoriedade da educação ambiental. (BRASIL, 1998, p.17).

Destarte, houve também uma pressão interna para se produzir leis que viessem a garantir a produção da educação ambiental no Brasil. Como consequência das discussões internas e internacionais a Constituição Federal de 1988 deu ênfase também à questão ambiental em seu Artigo 225 que deliberava algumas obrigações do Estado para fomentar a preservação ambiental.

A educação ambiental se faz necessária cada vez mais, pois potencializa a luta por justiça social e nos espaços formais de aprendizagem constitui uma ferramenta de integração social, devendo abarcar a todos. “Na educação ambiental o conhecimento é a educação *sobre* o ambiente, enquanto os valores e as atitudes positivas são uma educação para o ambiente.” (EDWARDS *apud* KITZMANN; ASMUS, 2012, p. 187).

Por conseguinte, as escolas se constituem como espaços de debates e questionamentos, onde a diversidade impera e é a partir dela que se pode fomentar as noções de respeito e tolerância. Além de serem os “lugares onde as novas competências devem ser adquiridas ou reconhecidas e desenvolvidas.” (ALARCÃO, 2011, p. 13).

Araújo (2015, p. 36) destaca

Observou-se que o espaço escolar é um ambiente transformador, é um dos veículos de ensino/aprendizagem que pode promover a educação para a cidadania. Diante do estudo, viu-se, que a educação ambiental no espaço escolar torna-se necessária ao passo que toda a população possui direitos para viver em um ambiente limpo, saudável e conservado. A educação ambiental no espaço escolar pode contribuir de forma significativa, pois o aluno além de exercitar no ambiente escolar as práticas estudadas e

conhecimentos adquiridos ainda as levam para suas casas e comunidade onde habitam.

É necessário fazer da escola espaços sustentáveis, que respeitam a diversidade. É importante lembrar que

Tornar a escola um espaço educador sustentável significa romper com a lógica que orienta a dinâmica social atual. Num sistema que valoriza o individualismo em detrimento da coletividade, a competição em vez da colaboração, a hierarquia ao invés das redes cooperativas, as escolas sustentáveis surgem como possibilidade de mudança qualitativa no cenário da educação (BRASIL, 2012, p. 11).

Mas, como fazer da educação ambiental de fato um instrumento de efetivação de direitos? Relembrando o que Ruscheinsky e Vargas (2012, p.169) afirmam sobre a educação ambiental que esta “aprimora a percepção dos elementos fundamentais de sustentação da vida cotidiana (água, ar, terra, energia, etc.) usualmente velados nas referências ao ambiente.” Assim, melhora a percepção dos indivíduos em relação aos lugares de vivência e aprimora as análises e relações com outros espaços.

Há a necessidade das escolas de se adaptarem às transformações sociais e necessidades ambientais, para isso precisam fomentar a mudança

[...] com atividades de sala de aula e atividades de campo, com ações orientadas em projetos e em processos de participação que levem à autoconfiança, a atitudes positivas e ao comprometimento pessoal com a proteção ambiental implementados de modo interdisciplinar. Essa exigência requer uma reorientação do conjunto do processo educativo (conteúdo, metodologia, organização institucional, formação de pessoal) (DIAS, 2003, p. 152).

Entre essas atividades, têm-se como exemplo discussões e projetos com temas sobre reciclagem e separação dos resíduos, melhor uso da água, poluição, pegada ecológica e protagonismo social. Para Araújo (2015, p. 25)

Vê-se, a necessidade da instituição escolar estruturar-se e organizar seu currículo e realizar os trabalhos de maneira interdisciplinar perpassando a transversalidade e que seja capaz de superar a visão fragmentada do conhecimento, de maneira eficaz, e que possa ampliar seus horizontes de cada área do saber. Só assim haverá uma direção/compreensão focada para a Consciência Ambiental e o Meio Ambiente em todas as suas dimensões.

Nesse sentido, ela contribuiria para formação de cidadãos mais conscientes e participativos, que saibam dos seus direitos e que reconheçam quando há violação para não naturalizarem atrocidades sociais nem ambientais.

No início do século alguns programas voltados para a educação ambiental como por exemplo, a realização de conferências infanto-juvenis ligadas ao programa “Vamos cuidar do Brasil” foram criadas. Ainda que de forma pouco crítica

A educação ambiental no MEC atua em todos os níveis de ensino formal, mantendo ações de formação continuada por meio do programa Vamos Cuidar do Brasil com escolas, como parte de uma visão sistêmica de Educação Ambiental. A Educação Ambiental passa a fazer parte das Orientações curriculares do Ensino médio e dos módulos de Educação a Distância na Educação de Jovens e Adultos (MEC, 2007).

Diante o exposto, percebemos que as escolas constituem um espaço de crescimento de ideais e forças capazes de transformar a sociedade devido à pluralidade cultural. E “em se tratando de educação ambiental percebe-se que o espaço escolar é apenas um dos setores onde se pode tratar do assunto em questão, haja vista ser esse espaço amplo e apropriado para a formação da consciência ecológica.” (ARAÚJO, 2015, p. 23).

É preciso que estes ideais sejam resgatados, que se façam escolas que garantam os direitos, que fomentem os debates no âmbito social, ambiental e econômico para que cada sujeito se perceba como protagonista. Afinal, as instituições ferem os direitos e reproduzem o sistema através da formação de mão de obra alienada, com alunos que são podados em seu potencial de análise crítica.

Considerações Finais

Vivemos num sistema econômico que prioriza a produção e venda de mercadorias e a cada dia se amplia a extração dos bens naturais, bem como ao próprio meio ambiente é atribuído um valor de troca. Por consequência, diversos problemas se agravaram e levaram ao surgimento de grupos organizados que lutaram para conter a destruição ambiental. Estes grupos foram fundamentais para emergir o debate e elaboração de leis em todo mundo.

Mesmo com resistência na década de 1980, começaram a surgir algumas leis ambientais no Brasil. Atualmente, contamos com uma ampla legislação, apesar de não ser efetiva e dar brechas que facilitam a agressão ao meio natural.

A educação ambiental ainda é abordada de forma limitada, principalmente nas instituições de ensino, onde é tratada como tema transversal e muitas vezes negligenciada. Sendo assim, há a necessidade da interdisciplinaridade e de mudanças nos currículos e metodologias. Infelizmente, não são todas as instituições que estão dispostas a fazer alterações em suas didáticas.

É necessário criar uma educação ambiental que vai além de questões rasas é preciso uma educação crítica, que questione o papel e a importância de cada indivíduo para a transformação social, para a formação da cidadania com pessoas conscientes de seus direitos e deveres.

A escola como espaço de educação formal é atualmente o local que reproduz os interesses do sistema vigente contribuindo para a formação de mão de obra alienada. O quadro de violência e violações dos direitos humanos nas instituições de ensino têm se ampliado e contribuído para evasão escolar. Perante o exposto, a educação ambiental pode ser um instrumento de humanização das escolas. Mas, é necessário mudanças de posturas, metodologias e também de investimentos públicos nas instituições. É importante reconhecer que um ambiente agradável deve começar nas escolas, para que o conhecimento ali construído se perpetue e consiga alcançar a qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, I. **Professores Reflexivos em uma escola reflexiva**. 8ª ed. São Paulo. Cortez, 2011.

ANDRADE, E. A. **Análise da Violação dos Direitos Humanos na escola Pública**. Trabalho de Conclusão de Curso. Especialização Educação em Direitos Humanos. Universidade estadual do Paraná. Irati, 2015. E-book. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/42299/R%20-%20E%20-%20ELIANE%20APARECIDA%20DE%20ANDRADE.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 11 fev.2020

ARAÚJO, S. A. S. **Direitos Humanos e Educação Ambiental: O despertar da consciência ecológica**. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, Brasília, 2015. E-book. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/14485/1/2015_SoniaAparecidaSilvaAraujo_tcc.pdf. Acesso em: 11 fev.2020

BRASIL, Secretaria de Educação Continuada, **Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Vamos cuidar do Brasil com escolas sustentáveis: educando-nos para pensar e agir em tempos de mudanças socioambientais globais** / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, Ministério do Meio Ambiente; elaboração de texto: Tereza Moreira. -- Brasília: A Secretaria, 2012.

_____. LDB: **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

_____, Ministério da Educação e Desporto. **A Implantação da Educação Ambiental no Brasil**. 1ª ed. Brasília – DF. Coordenação de Educação Ambiental do Ministério da Educação e do Desporto, 1998.

_____ Ministério da Educação. **Educação Ambiental: aprendizes de sustentabilidade**. Cadernos SECAD 1. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília, 2007.

CUBA, M. A. **Educação Ambiental nas Escolas**. ECCOM, v. 1, n. 2, p. 23-31, jul./dez., 2010 Disponível em: <file:///C:/Users/prici/Downloads/607-Texto%20do%20artigo-1240-1-10-20180401.pdf>. Acesso em: 19 Jan. 2020.

DIAS, G. F. **Educação Ambiental: Princípios e Práticas**. 8ª ed.: São Paulo. Gaia, 2003.

DUVOISON, I. A.; RUSCHENSKY, A. **Visão Sistêmica e Educação Ambiental: Conflitos entre o velho e o novo Paradigma**. In: RUSCHENSKY, A (org.). Educação Ambiental Abordagens Múltiplas. 2ª ed. Porto Alegre, RS. Penso, 2012.

HAMMARSTRÖN, F. F. B.; CENCI, D. R. **Direitos Humanos e Meio Ambiente: A Educação Ambiental como forma de fortalecer a interrelação**. Santa Maria, RS. Revista eletrônica em Gestão, educação e Tecnologia Ambiental. REGET/ UFSM, v.5, nº 5, p. 825-834, 2012.

KITZMANN, D.; ASMUS, M. L. **Do treinamento à capacitação: a integração da educação ambiental ao setor produtivo**. In: RUSCHENSKY, A. (org.). Educação Ambiental Abordagens Múltiplas. 2ª ed. Porto Alegre, RS. Penso, 2012.

MÉSZÁROS, I. **A Educação Para Além do Capital**. 2ª ed.: São Paulo: Boitempo, 2008.

MISI, M.; COELHO, N. **Texto Orientador Disciplina Dirc24: Direitos Humanos III**. Universidade Federal Da Bahia (UFBA). Faculdade de Direito Curso de Especialização em Direitos Humanos e Contemporaneidade, 2019.

NUNES, M. **Educação Ambiental no Brasil**. Disponível em: <http://www.ambientelegal.com.br/educacao-ambiental-no-brasil/>. Acesso em 15 Jan. 2020.

PDE, Plano de desenvolvimento da escola. **Direitos Humanos em Educação**. Série Cadernos. MEC, 2006.

PORTO- GONÇALVES, C. W. **O Desafio Ambiental**. 3ª ed. Rio de Janeiro. Record, 2012.

RUSCHENSKY, A. VARGAS, S. H. Nunes de. **Agroecologia e Reforma Agrária: integração possível, educação necessária**. In: RUSCHENSKY, Aloisio (org.). Educação Ambiental Abordagens Múltiplas. 2ª ed. Porto Alegre, RS. Penso, 2012.

RUSCHENSKY, A. COSTA, A. L. **A Educação Ambiental A Partir De Paulo Freire**. In: RUSCHENSKY, A (org.). Educação Ambiental Abordagens Múltiplas. 2ª ed. Porto Alegre, RS. Penso, 2012.

SAITO, C. H. **Política Nacional de educação Ambiental e Construção da cidadania: revendo os desafios contemporâneos**. In: RUSCHENSKY, A. (org.). Educação Ambiental Abordagens Múltiplas. 2ª ed. Porto Alegre, RS. Penso, 2012.

SPERANDIO, V. C. **Direitos Humanos e Meio Ambiente**. Disponível em: <https://periodicos.univag.com.br/index.php/CONNECTION-LINE/article/view/155>. Acesso em: 05 dez. 2019.

Capítulo IX

A residência pedagógica e os multiletramentos no ensino de história

João Augusto Lima de Oliveira²³

Resumo: Esse presente artigo deseja apresentar um estudo sobre às práticas pedagógicas, no ano letivo de 2019, desenvolvidas a partir da implantação do Programa de Residência Pedagógica, com base nos multiletramentos, 1^a e 3^a séries do Ensino Médio no CEMD, Bairro Rio Vermelho em Salvador, Bahia. O programa foi fruto da parceria com a Universidade Federal da Bahia - UFBA/FACED, em Ciências Humanas na disciplina de História. Cinco alunos foram disponibilizados para realizar atividades na unidade de ensino, CEMD, sob responsabilidade do professor de História João Augusto L. Oliveira que os observou e os orientou nas atividades empreendidas.

Palavras-chave: Residência pedagógica. Multiletramentos. Ensino de História.

Fundamentação teórica

A forma didática e analítica empreendidas pelo Programa de Residência Pedagógica, (PRP), em parceria com a Universidade Federal da Bahia-UFBA, serão discutidas neste texto no sentido de demonstrar como o PRP contribuiu para a formação dos residentes pedagógicos, como a utilização da multimodalidade da linguagem que foi introduzida nas séries escolares, no qual o PRP trabalhou, com o incremento

²³ Nasceu em Salvador-Ba, Bacharel em Direito pela UFBA (2018) e Licenciado em História pela UCSAL (2002). Atua profissionalmente como: professor de História no Ensino Básico e é Advogado.

dos meios digitais, ampliando assim a pedagogia do letramento, contribuindo de forma sistemática para ampliar o entendimento da História.

Uma educação que tem como base a prática multiletrada, necessariamente, precisa atender as demandas da sociedade contemporânea. Nesse sentido, os recursos didáticos aliados a uma prática pedagógica que valorize e estimule: criatividade, criticidade nos alunos, através de recursos digitais, como *smartphone* para fins de ensino e aprendizagem são cruciais para a compreensão de sua história e os ajudam a reescrevê-las. Segundo Rojo:

"Essa "nova" forma de linguagem é marcada por um processo de desterritorialização e de descoleção, onde cada pessoa pode fazer sua própria coleção e se manifestar, opinar e/ou influenciar pessoal e digitalmente, por meio de múltiplas linguagens, em especial, pelas novas tecnologias, independente do lugar do mundo em que se encontra e da cultura que a envolve" (ROJO, 2013).

A importância do Programa de Residência Pedagógica para o sistema educacional

Toma-se de empréstimo o conceito do MEC acerca do Programa de Residência Pedagógica:

"O Programa de Residência Pedagógica é uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores e tem por objetivo induzir o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na escola de educação básica, a partir da segunda metade de seu curso. Essa imersão deve contemplar, entre outras atividades, regência de sala de aula e intervenção pedagógica, acompanhadas por um professor da escola com experiência na área de ensino do licenciando e orientada por um docente da sua Instituição Formadora" (Portal do MEC).

De acordo com o PRP, este se deu no Município de São Paulo no ano de 2017. Sendo que o município paulistano que tem proporções

gigantescas foi o primeiro no país a aderir ao Programa criado pelo Ministério da Educação, que faz parte da Política Nacional de Alfabetização. Durante o lançamento da iniciativa: *Construindo a educação integral para o século 21*, que faz parte da agenda do MEC em São Paulo, o ministro da Educação, Mendonça Filho, enalteceu o pioneirismo de um município com as dimensões da capital paulista na implantação do PRP. Naquele momento o prefeito de São Paulo, João Dória, afirmou que a proposta da residência pedagógica seria muito importante não só para o município, mas para todas as cidades brasileiras: "O que estamos lançando aqui hoje pode ser considerado um programa piloto para o todo o Brasil, porque funcionando bem, na maior cidade do país, na maior demanda de educação do país.", afirmou Dória. Não é a nossa intenção cansar o leitor com um rol exaustivo do objeto, mas insisto em colocar para poder direcionar o leitor para as prioridades pensadas pelo MEC - CAPES:

O PROGRAMA

O Programa de Residência Pedagógica é uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores e tem por objetivo induzir o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na escola de educação básica, a partir da segunda metade de seu curso.

OBJETIVOS

1. Aperfeiçoar a formação dos discentes de cursos de licenciatura, por meio do desenvolvimento de projetos que fortaleçam o campo da prática e conduzam o licenciando a exercitar de forma ativa a relação entre teoria e prática profissional docente, utilizando coleta de dados e diagnóstico sobre o ensino e a aprendizagem escolar, entre outras didáticas e metodologias;
2. Induzir a reformulação da formação prática nos cursos de licenciatura, tendo por base a experiência da residência pedagógica;
3. Fortalecer, ampliar e consolidar a relação entre a IES e a escola.
4. Promover a adequação dos currículos e propostas pedagógicas dos cursos de formação inicial de professores da educação básica às orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

COMO FUNCIONA

- 1.** As IES serão selecionadas por meio de Edital público nacional para apresentarem projetos institucionais de residência pedagógica.
- 2.** O Programa será desenvolvido em regime de colaboração com as Secretarias Estaduais e Municipais de Educação.
- 3.** O regime de colaboração será efetivado por meio da formalização de Acordo de Cooperação Técnica (ACT) firmado entre o Governo Federal, por meio da Capes e os estados, por intermédio das secretarias de educação de estado ou órgão equivalente.

O PRP atendeu mais de 35,7 mil bolsistas selecionados. Desse total, 30 mil foram discentes de licenciatura que receberam bolsas de residente e iniciaram as atividades. Os demais foram preceptores, docentes orientadores e coordenadores institucionais que atuaram na execução do programa desenvolvido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES autarquia vinculada ao Ministério da Educação, MEC. É possível, que um dos entraves deste projeto governamental não avance de forma sistemática e eficaz pelos valores nele alocados, mas passaremos para outras discussões, até porque quando nos deparamos com os valores gastos em educação, mais notadamente nos projetos nacionais, percebemos que os mesmos são fadados ao insucesso, por conta dos valores neles restritos no que diz respeito ao pagamento dos professores e bolsistas. O objetivo principal era a melhoria da qualidade na formação inicial do licenciando e uma melhor avaliação dos futuros professores, que contariam com acompanhamento periódico. O programa possuía como requisito a parceria com instituições formadoras e convênios com redes públicas de ensino. Outro sim foi experimentar os formandos dos cursos de licenciatura, para em curso terem um contato com a realidade das escolas públicas no seu cotidiano. Por isso, o programa integrava o aluno-residente no ambiente escolar não como estagiário, mas sim como professor, que teria como objeto de trabalho uma classe de alunos onde ele, o residente, seria o regente por todo o ano letivo, e o preceptor um observador e consultor neste processo.

Procedimentos metodológicos

Quanto à proposta metodológica podemos classificar quanto aos objetivos como descritivos, pois analisa as contribuições do PRP na percepção dos acadêmicos da Residência Pedagógica no projeto. Participaram do estudo cinco acadêmicos do curso de Licenciatura em História da UFBA, bolsistas do Programa Residência Pedagógica (UFBA, 2019).

É inegável que a propagação dos multiletramentos como ferramenta pedagógica para a compreensão dos valores culturais de outros povos, de grupos sociais diferentes e distantes da nossa realidade, bem como a valorização do "outro", nas nossas análises em sala de aula foram muito mais eficazes. O uso híbrido de múltiplas linguagens, em especial as mais tecnológicas, diminuiu a distância do aluno o do seu objeto de estudo, segundo Rojo e Moura em seu livro *Multiletramentos na escola*:

Essa mudança de concepção e de atuação, já prevista nas próprias características da mídia digital e da *web*, faz com que o computador, o celular e a TV cada vez mais se distanciem de uma máquina de reprodução e se aproximem de máquinas de produção colaborativa: é o que faz a diferença entre o e-mail e os chats, mas principalmente entre o *Word/Office* e o *Google Docs*, o *Power Point* e o *Prezi*, o *Orkut* e o *Facebook*, o *blog* e o *Twitter* ou o *Tumblr*. Todas ferramentas permitem, mais que a simples interação, a colaboração. (ROJO; MOURA, 2012, p. 24).

O Projeto de Residência Pedagógica ainda contava com uma coordenadora institucional a Professora Regina Sandra Marchesi da UFBA e coordenadora das unidades de ensino: Colégio Manoel Devoto e Colégio Estadual Senhor do Bonfim a coordenadora e professora Maria Inês Corrêa Marques da UFBA.

Cada residente desenvolveu o seu projeto de intervenção no curso de história em sua turma. O PRP em parceria com a UFBA e a CAPES tem como proposta instrumentalizar estudantes do 7º e 8º semestres do curso de História para conhecer a realidade das salas de aulas em escolas públicas. No mesmo compasso, algumas escolas foram selecionadas como foi o caso do tradicional Colégio Estadual Ma-

noel Devoto (CEMD). Dois professores da referida escola foram selecionados para serem os preceptores deste programa federal, na disciplina História no ano letivo de 2019. O referido programa atuou em âmbito estadual em todo o Brasil. O PRP fez parte da modernização do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID, e trouxe novidades, como a formação do estudante do curso de graduação, que teria estágio supervisionado, com ingresso a partir do quarto semestre da licenciatura, nas escolas de educação básica.

Em termos de estrutura, o PRP contava com um quadro técnico de doutores em educação da UFBA, professores especialistas e mestres das escolas estaduais. A interação do projeto com a realidade dos residentes salientou que o projeto retrata bem o momento que a educação está passando, sendo possível fazer a ligação entre a teoria e prática. Além dos pontos positivos questionou-se aos residentes em relação aos pontos negativos e a queixa corrente era sobre a parte financeira paga aos residentes, além do valor da bolsa ser irrisório, onde atrasos foram uma constante. Os bolsistas do curso Licenciatura em História da UFBA, um conjunto de 24 jovens participantes do PRP, alocados em cinco escolas estaduais foram inicialmente examinados sobre as contribuições positivas que o programa estaria trazendo para seu desenvolvimento profissional, quando indagados em entrevista, sobre o impacto do programa em sua vida acadêmica, a maioria dos residentes afirmaram que a possibilidade de poder vivenciar o seu futuro como docente, foi muito enriquecedor. Após seleção de residentes e preceptores, um número de dez jovens estudantes de licenciatura em história da UFBA integrou-se na comunidade escolar CEMD, citada no texto acima, sob a orientação de um coordenador da universidade e dois preceptores da escola, sendo cinco residentes por preceptores. Os trabalhos iniciaram em março de 2019, nas séries da 1ª A, B, C e 3ª A e B do CEMD. Os residentes participaram da semana pedagógica empreendida na escola e elaboraram projetos, tais como: interdisciplinar da unidade de ensino, o plano anual do curso, e o projeto de intervenção que todo residente deveria executar com o objetivo de contribuir no processo de aprendizagem da disciplina História, a partir dos multimodais da pedagogia do letramento no ensino de História que tivesse o condão de estimular os alunos a despertarem no entendimento de que eles, os alunos, são sujeitos ativos da História e não apenas meros espectadores. Portanto dizia Freire: "Quando o homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade

e procurar soluções. Assim, pode criar um mundo próprio, seu Eu e as suas circunstâncias." (FREIRE, 1979, p. 30-31).

Exposições dos resultados e discussões

Diante do exposto é importante trazer para a luz do texto, a síntese dos projetos de intervenção dos residentes: Bianca, Emerson, In-dira, Isabela e Victoria.

O Projeto de intervenção de Bianca Santos de Carvalho em 2019, no CEMD versou sobre os Direitos Humanos na história. A residente justifica que vivenciamos na atual conjuntura, constantes violações dos nossos direitos civis. E muitas dessas ações passam de forma despercebida por falta de compreensão da sociedade que desconhece os seus direitos. A residente parte do pressuposto de que instrumentalizando os alunos, ela possa contribuir para a formação dos estudantes no tocante ao seu papel enquanto cidadão, utilizando de textos históricos contidos no livro didático adotado, e textos extraídos da *internet*, bem como textos de ordem jurídica, construiu-se um fórum virtual para debates.

O residente Emerson Senna, no seu projeto de intervenção, propôs a criação de um serviço de orientação vocacional, porém infelizmente não foi possível a concretização do projeto, devido ao fato da escola não ter ferramentas adequadas para sua concretização, bem como não é o foco do Programa Residência Pedagógica. Desenvolveu um espaço cibernético com faculdades de psicologia para tirar dúvidas vocacionais dos discentes.

No mesmo compasso, o projeto de intervenção da residente In-dira Naiara Silva Santos vem tratar do tema: História da alimentação e a sua relação com a cultura humana. Abordou como as formas de se alimentar foram mudando através do tempo e como deixou de ser simplesmente uma necessidade biológica e passou estar relacionada com questões geográficas e culturais. Sendo assim, durante a realização do projeto foram abordadas questões como alimentação e religiosidade; alimentação e festas; alimentação e interação entre povos; alimentação e memória, etc. Para tanto, foram utilizados textos de receitas africanas

através de pesquisas antropológicas feitas pela classe na *internet* e construção de *blog*.

Com o mesmo interesse a residente Isabela Teixeira atou com o seu projeto de intervenção: Negros em luta por direitos humanos no Brasil - álbum de personagens no passado e presente. A objetivo da estudante utilizando os conteúdos trabalhados em sala: Egito, Império Kerma e Reino de Punt, identificar a capacidade produtiva dos povos africanos na antiguidade; ampliar o olhar perpetrado para o continente africano, bem como relacionar o conhecimento das civilizações africanas com a construção da autoestima dos negros. A residente tem como justificativa para o seu projeto a negação e inviabilização da cultura negra, nos espaços intelectuais, processo resultante da colonização. Para a execução do projeto, a residente usou de textos da *internet*, o livro de didático, bem como livros que versavam sobre a temática, entrevistas, e utilizou a linguagem dos desfiles de moda negra em sala de aula.

A residente Victoria Moreira Paixão Ribeiro traz no seu projeto de intervenção a temática relacionada à questão racial e de gênero. O objetivo foi mostrar mulheres negras que fizeram parte da história e não aparecem nos livros didáticos. Por conta da maioria dos estudantes serem negros e apesar disso, a história é contada do ponto de vista da branquitude. A intenção do projeto era trazer personalidades negras importantes para a história e mais conectadas com a realidade dos estudantes. Para a residente, “os alunos acabam perdendo o interesse pelo assunto, pois não há uma identificação com aqueles que são mostrados nos livros didáticos e dessa forma, não se identificam com a memória do país”. Foram utilizados livros da temática, o livro didático, textos avulsos da *internet*, bem como filmes e documentários e culminou com a construção de exposição de fotografia dos alunos.

Os referidos residentes reforçaram que esta vivência no cotidiano escolar é de extrema importância para a construção de suas identidades profissionais. As falas a seguir retratam este resultado no Quadro 1:

Quadro 1: Depoimentos dos residentes.

Residente	Comentários
Bianca Santos Carvalho	"foi positivo reger por um ano uma turma sozinha, apenas comunicando e trocando ideias com o professor titular".
Emerson Senna	"o PRP proporciona oportunidades de poder dar aula e estar em sala de aula, e ter contato direto com os alunos, sem a presença do professor titular".
Indira Naiara Silva dos Santos	"ter contato com os alunos e a sala de aula, é algo mágico"!
Isabela Teixeira	"mesmo sendo jovem e quase da mesma idade dos alunos me senti professora, foi muito legal".
Victória Moreira Paixão Ribeiro	"o PRP valoriza dando oportunidade para estar atuando como professor".

Os residentes também foram arguidos quanto ao que aprenderam com a participação no PRP. Dentre as respostas dos residentes a que mais se destacou foi: "sinto-me um pouco mais preparado depois de participar do Programa Residência Pedagógica".

E como preceptor deste projeto no Colégio Estadual Manoel Devoto - CEMD tive a certeza de que foi um grande aprendizado a soma das trocas de experiências ainda não deslumbrado nos meus vinte (20) anos de regência ininterrupta, e coaduna com a expressão de Nóvoa que diz: "A identidade é lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão" (NÓVOA, 2007, p. 16). E no ensinamento de Rojo:

O Brasil precisa de professores críticos, ousados, inovadores e motivados, que topem o desafio de representar a divisão canônica disciplinar da escola - que já comprovou não ser atrativa aos estudantes da atual geração - para implantar uma cultura de práticas de leitura e escrita voltada a formação crítica dos estudantes, capaz de criar novos sentidos numa sociedade hipermultimodal em constante transformação" (ROJO, 2013, p. 1055).

Considerações Finais

O PRP implementado no CEMD apontou a probabilidade de qualificação, formando docentes mais cientes do contexto em que se tornarão professores produtores de conhecimentos, com posturas mais reflexivas acerca da própria prática docente. Sem dúvidas, o incremento das técnicas dos multiletramentos possibilitou que o projeto de intervenção adotado pelos residentes lograsse êxito devido ao uso total das novas tecnologias no ambiente da sala de aula, o que possibilitou aos alunos reescreverem os fatos estudados. Relatos dos estudantes, participantes da Residência Pedagógica, demonstram uma colaboração mais atenta aos anseios dos docentes, haja vista, a experiência no Colégio Estadual Manoel Devoto o qual fui preceptor dos 5 Residentes, que trabalharam em conjunto com professores experientes, alunos e pais.

Os principais reforços do PRP na formação de professores apresentados pelos Residentes bolsistas foram: uma melhor relação entre a universidade e escola básica, desenvolvida principalmente por meio da socialização profissional e pela relação entre teoria e prática; desenvolvimento profissional docente, destacando a afinação da prática docente no cotidiano escolar; valorização da profissão docente pela adaptação e conscientização das condições de trabalho profissional; aumento da refletividade docente por meio da reflexão da prática docente; novas metodologias de ensino e aprendizagem a partir de multiletramentos e o trabalho colaborativo por meio da integração de profissionais de diferentes argumentos educativos. Nesse sentido, os demais métodos formativos representados para sua formação reflexiva devem ser, cuidadosamente estudados, avaliados e ressignificados. Por fim, esse estudo analisou as contribuições do PRP para a formação dos estudantes em História no ano de 2019 dentro do CEMD e como as técnicas dos multiletramentos foram importantes para o desenvolvimento e evolução dos projetos de intervenção. Considerando aspectos como organização, gestão, fundamentação e metodologia.

Do ponto de vista do preceptor o interesse em colaborar com o PRP/UFBA decorre da suma importância do entendimento, ao longo das vivências em sala de aula, da necessidade de, dentre os vários motivos, contribuir, de forma participativa aos novos “colegas” que em

breve estarão chegando às escolas, na tentativa de fortalecer os vínculos desses estudantes, futuros colegas de profissão, em sua permanência com dignidade, nos seus itinerários formativos, com o pensar em uma nova orientação dos tempos de aprendizagem, uma ressignificação dos espaços escolares e uma integração dos processos pedagógicos às especificidades culturais do contexto social e histórico em que a escola está inserida.

No nosso entender, faz-se necessário considerar também a importância da pesquisa na prática pedagógica, como mecanismo de construção criativa do conhecimento, intensificar o uso das tecnologias da informação, da comunicação interagindo com a arte, com a cultura corporal, com o lúdico. Por fim, acrescentamos que, o fortalecimento dos vínculos dos estudantes com os espaços de aprendizagem supõe a criação de condições objetivas favorecedoras de uma educação com qualidade e dignidade. Tendo em vista os ganhos que as ações do Programa têm trazido as escolas da educação básica, ao curso de graduação e, especialmente as pessoas envolvidas – alunos e professores em suas diversidades – a continuidade do Programa de Residência Pedagógica é, visivelmente necessária. O impacto das ações e das atividades desenvolvidas nos programas, na formação de professores, é significativamente abrangente.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4ª Ed. Lisboa: Edições 70, 2011.118 p.

EDITAL CAPES 05/2019 que dispõe sobre a Residência Pedagógica. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica>. Acesso em: 15 out. 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1999.p. 30-31.

NÓVOA, A. **Os professores e as histórias da sua vida**.In: NÓVOA, A. (Coord). **Vida de professores**. 2ª Ed. Portugal: Porto, 2007. p.11-30.

EDITAL CAPES 05/2019 que dispõe sobre a Residência Pedagógica. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica/>.Da violência do âmbito escolar. Acesso em: 15 out. 2020.

Revista Brasileira de Educação. São Paulo: Parábola Editorial, v. 18, n. 55, out.-dez., 2013, p.1055. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/270489164_Multiletramentos_na_escola/. Acesso em: 15 out. 2019.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. 128 p.

ROJO, R. H. R.; ALMEIDA, E. M. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. 264 p.

Capítulo X

A compulsoriedade do ensino remoto: do percurso do letramento digital do- cente

Lisandra Amparo Ribeiro Pimentel²⁴

Débora Oliveira Mota Leal Pereira²⁵

Ademário Jesus Carvalho²⁶

Fernanda Figueira Fonseca²⁷

²⁴ Mestranda em Estudos da Linguagem (PPGEL/UNEB); Especialista em Gênero e Sexualidade na Educação (UFBA); Especialista em Educação a Distância (UNEB); Especialista em Educação Especial - Deficiência Visual (UNEB); Especialista em Didática para o Ensino Superior (UNIBAHIA); Graduada em Letras Vernáculas (UFBA); Bacharel em Comunicação Social - Relações Públicas (UNIFACS); Professora de Língua Portuguesa e Redação do Colégio São Rafael, Salvador, Bahia. E-mail: lispiment@hotmail.com

²⁵ Mestranda em Estudos da Linguagem (PPGEL/UNEB); Especialista em Currículo Escolar (UFBA) e em Língua Inglesa (FINOM); Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários (UFBA); Licenciada em Letras (UNIJORGE); Professora de Língua Inglesa (em licença) - Irecê, Bahia. E-mail: domleal29@yahoo.com.br

²⁶ Mestrando em Estudos de Linguagem (PPGEL/UNEB); Especialista em Linguística (UESB); Graduado em Letras (UESB); Professor de Língua Portuguesa - Ipiáú, Bahia; Diretor do Departamento Pedagógico da Secretaria de Educação de Jitaúna, Bahia. E-mail: demadicarvalho@outlook.com

²⁷ Mestranda em Estudos de Linguagem (PPGEL/UNEB); Especialista em Estudos Linguísticos e Literários (UFBA); Graduada em Letras Vernáculas (UNEB); Coordenadora e Articuladora da Área de Linguagens na Coopeducar; Gestora da Plataforma Virtual de Aprendizagem Coopeducar. E-mail: fffnanda1@hotmail.com

Resumo: Este artigo de reflexão objetiva reconhecer a importância do letramento digital docente para o enfrentamento dos desafios que se erguem na hodierna conjuntura educativa, suscitando competências necessárias à *práxis* pedagógica remota e efetiva, problematizando o caráter compulsório dessa formação continuada docente. Para tanto, metodologicamente, optou-se por uma breve consulta literária sobre o Ensino Remoto dado o isolamento social provocado pela pandemia causada pela Covid-19. Inegável é a relevância da formação continuada docente, sobretudo pela capacitação tecnológica, contudo, urge uma relação menos técnica e mais colaborativa, autônoma e deliberada.

Palavras-chave: Ensino Remoto. Novas Mídias. Letramento Digital. *Práxis* Pedagógica.

Introdução

De um lugar alternativo a uma posição necessária, a educação a distância tem atravessado os tempos e exercido um papel importante na formação de sujeitos em diferentes realidades e com demandas diversas. Na Cultura da Convergência (JENKINS, 2009), dos modais usados para a promoção do ensino remoto, as plataformas digitais têm assumido lugar de destaque, exigindo de coordenadores e professores muito mais que habilidades técnicas, configurando-se em um dilema e tanto no que se refere à conferência de qualidade e eficiência ao seu fazer pedagógico.

Das plataformas educativas às *lives*, as atuais configurações educacionais demandam competências antes relegadas ao uso fortuito em sala de aula, ainda que a conjuntura social já demonstrasse a sua latência, dadas as correntes transformações combustadas nas últimas décadas, sobretudo no que tange aos avanços tecnológicos. Em um contexto de crise, em especial no que se refere à decretação do isolamento social, em março de 2020 no Brasil, em decorrência do estado de pandemia causada pela disseminação mundial do novo coronavírus, reconfigurar o processo educacional se tornou uma premissa incontestável. Sendo assim, a condensação de conhecimentos, de didáticas, de modais e de recursos pedagógicos fez-se axiomática ao educador.

Configurou-se, então, o chamado Ensino Remoto Emergencial (ERE) que, diferente da Educação a Distância - EAD (que prioriza a mediação didático-pedagógica via tecnologias digitais), não é uma modalidade educacional regulamentada - conforme o Decreto do MEC nº 9.057 de 25 de maio de 2017 (BRASIL, 2017). Desse modo, o Ensino Remoto Emergencial, como o próprio conceito exprime, trata-se de uma proposta de caráter emergencial, de que “[...] os docentes precisam se apropriar rapidamente de bases conceituais, teóricas, metodológicas para redimensionar seus planejamentos didáticos e suas práticas pedagógicas” (OLIVEIRA *et al.* 2020, p. 15).

É desse contexto de emergências digitais que a presente discussão se fatura, assentindo como objetivo precípua: reconhecer a importância do letramento digital docente para o enfrentamento dos desafios que se erguem na hodierna conjuntura educativa, suscitando competências necessárias à *práxis* pedagógica remota e efetiva. E, no intuito de convalidar e colacionar esse certâmen, definiu-se como percurso metodológico a consulta literária, por meio de uma pesquisa bibliográfica, materializada por livros, artigos científicos e de reflexão, dissertação e teses. Também foram consultadas publicações constantes em repositórios e em bases de dados eletrônicas – *SciELO* e *Lilacs* – nos últimos 20 anos, tendo como principais descritores: ensino remoto, educação a distância, novas mídias, letramento digital e *práxis* pedagógicas.

Das competências cabíveis ao profissional docente, auferir deficiências e ineficiências no processo de ensino e de aprendizagem tem ganhado matizes singulares na medida em que as relações se engendram por novas mídias, as quais se instilam pela participatividade; todavia, ainda é flagrante a resistência docente a essa reconfiguração, mormente pelo caráter compulsório desse letramento. Destarte, este constructo teórico ergueu-se em busca de respostas e alternativas para o enfrentamento dos coeficientes de impedimento do processo de letramento digital docente, delineando-se pela seguinte temática: “A Compulsoriedade do Ensino Remoto: do percurso do letramento digital docente”.

Das aprendizagens, das novas mídias, dos letramentos necessários

De um lugar secundário e até marginal, as mídias digitais circulavam pelo ambiente escolar de forma até então incipiente, mesmo em meio a uma latente e cada vez mais ampla cultura da participação, dividindo opiniões sobre sua funcionalidade e aplicabilidade pedagógica, até que o seu uso se tornou uma contingência. Dessa forma, de modo compulsório, o letramento digital acabou se tornando uma prerrogativa à *práxis* pedagógica remota – uma exigência aos profissionais de educação neste tempo (CARNEIRO, 2020).

É sabido que a educação no Brasil, de um modo geral, padece de obsolescência técnico-metodológica – da organização curricular às metodologias –, reproduzindo práticas que, por vezes, obstaculizam processos e aprendizagens de modo significativo. No que se refere à incorporação das novas mídias aos fazeres pedagógicos, muitos são os fatores impeditivos que se erguem à sua efetivação no espaço da sala de aula: resistência à promoção dos multiletramentos, rejeição à adoção de multimodais pedagógicos, indisposição por parte de muitos professores à reconfiguração de suas práticas, apego a didáticas reiteradamente improdutivas, entre outros. (CARNEIRO, 2020).

A esse respeito, Silva Neta e Capuchinho (2017) assentem que:

[...] ainda temos dificuldade em inserir as novas tecnologias da informação e comunicação no processo de ensino, a fim de transformar as características do ensino tradicional: fragmentação do conhecimento em disciplinas, classificação dos estudantes por faixa etária, divisão do tempo escolar em horas/aula, bem como a visão de alguns professores acerca do que seja ensinar e aprender. (SILVA NETA; CAPUCHINHO, 2017, p. 149).

Há de se salientar que, para além da inserção ou não das novas tecnologias no contexto escolar, há um sem número de instituições escolares que padecem de infraestrutura básica para o seu funcionamento, sobretudo na esfera pública, tanto de ordem material – equipamentos; instalações; produtos de higiene e limpeza, para a alimentação, de uso pedagógico –, quanto humano – professores, auxiliares de

classe, serventes, coordenadores, entre outros profissionais fundamentais à decorrência educacional.

No tocante à tecnologia para uso pedagógico, também é sabido que essa sozinha não se encarrega de resolver as questões, as deficiências e as demandas características da educação brasileira. Amorim (2017, p. 26) enfatiza que “A inovação permite a implantação de educação transformadora, aquela educação que promove o progresso dos alunos, quebra as estruturas fixas que são resultantes de processos pedagógicos rígidos”.

Uma realidade imersa em descasos, negligências e carências, contudo, não se configura razão para que novos meios e novas práticas didático-pedagógicas sejam buscadas, até porque o uso de novos modos educativos pode ser uma via de promoção de novas aprendizagens e novas formas de se fazer educação, especialmente no que se refere à efervescência tecnológica que contornam o espaço escolar. Nesse sentido Barreto (2011) pontua que:

[...] a questão não é introduzir na escola as várias mídias, as linguagens e os textos que emergem do digital. É preciso, acima de tudo, criar condições para formas de leitura plurais e para concepções de ensino e aprendizagem que considerem o aprendiz como protagonista, a fim de diminuir a distância entre as leituras e as práticas que se desenvolvem fora da escola e aquelas que são privilegiadas por ela. (BARRETO, 2011, p. 67).

Dessa maneira, entre a transposição de papéis e o desenvolvimento de competências para a convergência, na pauta das emergências educacionais da contemporaneidade, o professor se depara com a urgência de seu letramento digital para a sua efetiva integração pedagógica. Há um impulso em prol de mudanças em posturas, nos modos, nas perspectivas do aprender e do ensinar; o que tem deflagrado reflexões acerca de funções e papéis dentro do processo de construção e usos do conhecimento. A esse respeito Silva *et al.* (2005) asseveram:

O letramento, contudo, é a competência em compreender, assimilar, reelaborar e chegar a um conhecimento que permita uma ação consciente, o que encontra correspondente no letramento digital: saber utilizar as TICs, saber

acessar informações por meio delas, compreendê-las, utilizá-las e com isso mudar o estoque cognitivo e a consciência crítica e agir de forma positiva na vida pessoal e coletiva (SILVA *et al.*, 2005, p. 33).

Ainda que controvérsias relativas à aplicabilidade, às vantagens e às desvantagens sejam assinaladas, polarizando a classe docente entre aqueles que se indispõem e os que aderem às novas mídias educacionais, não se faculta mais o uso destas, pois estas se configuram como estritamente compulsórias.

Estamos preparando estudantes para um futuro cujos contornos são, na melhor das perspectivas, nebulosos. Não sabemos que novos postos de trabalho existirão. Não sabemos quais novos problemas sociais e políticos emergirão. Mesmo assim, estamos começando a desenvolver um retrato mais claro das competências necessárias para eles poderem participar de economias e sociedades pós-industriais digitalmente interconectadas (DUDENEY; HOCKLY; PAGRUM, 2016, p. 17).

Por *Letramento Digital*, entende-se “certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela diferentes do estado ou condição – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel” (SOARES, 2002, p. 151). Destaque-se que as práticas de leitura e escritura transpõem os modais, porém, a necessidade de se desenvolver competências para o uso eficiente das tecnologias educacionais por parte dos professores é indiscutível, pois não se pode pressupor que as mídias sozinhas o façam.

E, para além de habilidades, há autores que enfatizam os propósitos desses letramentos, como define Buzato (2006):

Letramentos Digitais (LDs) são conjuntos de letramentos (práticas sociais) que se apoiam, entrelaçam e apropriam mútua e continuamente por meio de dispositivos digitais para finalidades específicas, tanto em contextos socioculturais geograficamente e temporalmente limitados, quanto naqueles construídos pela interação mediada eletronicamente (BUZATO, 2006, p. 16).

Essas práticas sociais espelham as transformações que vêm ocorrendo nos mais diversos setores e, no contexto educativo, isso também é perceptível, posto que os modos de circulação dos conhecimentos passam a ser compartilhados com outros lugares de legitimação – que não pela escola ou pelos professores –, causando, por vezes, desconfiança e desconforto em muitos docentes que, segundo Martín-Barbero (2006), acabam adotando uma postura defensiva diante das novas mídias digitais, resistindo pretensa e equivocadamente aos avanços desse instrumental na área pedagógica.

Imperativo é esplandecer que as funções das tecnologias educativas não se restringem ao uso instrumental – fonte de pesquisa, repositório de produções, meio colaborativo, espaço de discussão, disseminação e compartilhamento de informações e conhecimentos –, porquanto possibilita que os sujeitos envolvidos – aprendiz e docente – protagonizem suas participações, exercitem sua proatividade, conforme cintila Moran (2015), dado o amplo campo editorial que essa cultura participativa faculty.

[...] as tecnologias ampliam as possibilidades de pesquisa *online*, de trazer materiais importantes e atualizados para o grupo, de comunicar-nos com outros professores, alunos e pessoas interessantes, de ser coautores, “remixadores” de conteúdos e de difundir nossos projetos e atividades, individuais, grupais e institucionais muito além das fronteiras físicas do prédio (MORAN, 2015, p. 19).

A atualização de conhecimentos e práticas é fulcral à atuação do professor na era digital; se, por muito tempo, um sem número de docentes limitava-se ao conhecimento obtido em sua formação inicial, reproduzindo-o sistematicamente; com as tecnologias digitais, essa postura acomodada fada-se à definitiva obsolescência. Na percepção de Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2015), é capital à *práxis* docente o enriquecimento intelectual e tecnológico intermitente, dada a contiguidade da inovação que se prerroga na hodiernidade. Dessa forma, o letramento digital é estrutural à educação em tempos de novas mídias, logo, objeto a ser perseguido pelo professor reflexivo. E é nesta perspectiva da reflexão que a transmutação docente precisa se perfazer para atuar com desenvoltura e plenitude em meio à digitalização pedagógica: por letramentos contínuos.

Dos desafios do letramento digital compulsório

Na conjuntura emergencial de formação docente em contextos digitais, essencial é que se considerem os níveis de letramento do professor para a melhor aquisição/assimilação dessa competência, pois não se pode pretender que esse sujeito, de pronto, esteja apto a utilizar de forma plena os instrumentais digitais em seu fazer pedagógico, como se fosse algo meramente intuitivo. (CARNEIRO, 2020). Até porque, na formação inicial desse profissional, pouco ou nada se trabalha efetivamente as competências tecnológicas de maneira essencial, há, usualmente, uma abordagem secundarizada e ainda muito incipiente quanto ao uso efetivo das mídias digitais; o percurso das práticas pedagógicas digitais foi sendo facultado às graduações e relegado a especializações, extensões, aperfeiçoamentos.

Ressalte-se que, na lida com os nativos digitais – os educandos – em um ambiente por estes dominados, há uma intersecção de papéis, uma vez que os educadores – “alfabetizando” digitais ou “imigrantes digitais” – têm de se transmutar dos processos tradicionais de aquisição de conhecimento para os mediados pelas tecnologias digitais. (PEREIRA, 2014).

Essa transmutação já vem sendo deflagrada paulatinamente no espaço escolar, embora os ajustes ao ritmo da modernidade ainda sejam muito incipientes, não se tratando essa adaptação somente do uso de recursos tecnológicos, mas de uma mudança de percepção e de postura. Conforme enfatiza Celani (2004), é imprescindível que a cultura da certeza ceda à cultura das incertezas, de sorte que as mudanças comecem pelo abandono dos “velhos mapas”, de velhas práticas. Na verdade, urge práticas de valorização de posturas mais colaborativas, mais participativas, mais autônomas, até porque a construção de conhecimentos prerroga a assunção de responsabilidade e comprometimento com a (in)formação necessária à atuação em sociedade, ou seja, para além do contexto escolar.

O cenário em que essas práticas são encenadas é singularmente descrito por Amorim (2017), como a seguir:

O modelo atual de escola tem mais de mil anos de reprodução. Já destacamos que se trata de um modelo escolar

que continua a reproduzir e a transmitir um tipo de conhecimento, utilizando velhos métodos, antigas formas de organização do espaço escolar, que reforçam a pedagogia dos conteúdos, pela transmissão de conhecimentos que colocam a escola no caminho do imobilismo, a estar em descompasso em relação à inovação educacional que é exigida pela contemporaneidade. (AMORIM, 2017, p. 34).

As demandas educacionais contemporâneas também implicam coeficientes – resistência docente ao desenvolvimento de competências tecnológicas, sucateamento e desuso de equipamentos, rejeição a mudanças, entre outros – que obstaculizam a inserção e a integração dos modais digitais no espaço pedagógico, tornando a transmutação e o letramento digital processos ainda um tanto extenuantes a muitos educadores. Novos paradigmas passam a permear o processo de ensino e aprendizagem, fazendo emergir novas demandas, sobre isso, Reis, Nantes e Maciel (2018) salientam que, para realizar uma boa atividade pedagógica mediada pelas novas tecnologias, é fundamental que um “projeto de educação tecnológica” com respaldo teórico, interseccionando a capacidade intelectual e o fazer do educador de maneira mais efetiva.

Considerações finais

Em função das transformações por que passam as sociedades hoje, e mais especificamente no espaço escolar, a necessidade do uso da tecnologia e das mídias digitais têm promovido ressignificações acerca das relações que se estabelecem com saberes, e os modos e meios de se ensinar e se aprender que convergem para esse caminho de intensas e recorrentes transformações.

Todas essas mudanças dizem respeito ao processo de transformação digital, uma decorrência natural da mudança de era, que estamos vivendo, com efeitos disruptivos em diversos segmentos e essa transformação têm também por consequência uma nova visão e perspectiva dos profissionais docentes.

O isolamento social que nos urgiu a indispensabilidade dos meios digitais conveio para desmascarar a realidade do letramento digital flagrante a resistência docente a essa reconfiguração, a decadente infraestrutura básica para a sustentação desse letramento, sobretudo na esfera pública. A emergência de formação continuada docente, mais especificamente do letramento digital dos imigrantes digitais, está relacionada a um novo comportamento e posicionamento da docência em função dessa compulsoriedade do ensino remoto em que a atuação do professor na era digital não deve limitar-se ao conhecimento obtido em sua formação inicial, reproduzindo-o de forma sistêmica; com as tecnologias digitais, essa postura acomodada fada-se à definitiva obsolescência.

A coexistência das *mídias digitais* e das imprescindibilidades do ensino remoto só tem a contribuir para o melhor tratamento das informações e conhecimentos no seio escolar, pois possibilita o dialogismo entre gerações, logo, um aprendizado mútuo, de modo que seu uso não se assinta na superficialidade, ou que os meios sejam relegados a uma subutilização, maculando sua potencialidade pedagógica.

Foi nesse sentido que este artigo se desenrolou da percepção das compulsoriedades do ensino remoto, da formação continuada docente e dos letramentos necessários à potencialização das habilidades e competências de educandos e educadores em um cenário de intermitentes transformações. A viabilização do letramento digital por meio da capacitação e qualificação é um determinante ao processo de inclusão digital de sujeitos sociais, a qual não se restringe a quaisquer que sejam os espaços, muito menos promove a exclusão, prerrogativa esta de qualquer propósito pedagógico de qualidade.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, A. **Inovação e Gestão Escolar e Educacional na Contemporaneidade**. São Paulo: Chiado, 2017.
- BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. M. (Org.). **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015. 279 p.
- BARRETO, R.G. (Org.). **Tecnologias educacionais e educação a distância: avaliando políticas e práticas**. Rio de Janeiro: Quartet, 2011. 192 p.
- BRASIL, **Decreto MEC nº 9.057**, de 25 de maio de 2017. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/20238603/do1-2017-05-26-decreto-n-9-057-de-25-de-maio-de-2017-20238503. Acesso em: 19 out. 2020.
- BUZATO, M. E. K. **Letramentos digitais e formação de professores**. São Paulo: Portal Educarede, 2006. Disponível em: http://www.educarede.org.br/educa/img_conteudo/marcelobuzato.pdf. Acesso em: 22 jun. 2020.
- CARNEIRO, R. F. S. **Letramento Digital na Educação de Jovens e Adultos: Colégio Estadual Daniel Lisboa – Salvador, Bahia**. 2020. 111f. Dissertação (Mestrado Profissional) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador-Ba, 2020.
- CELANI, M. A. A. Culturas de aprendizagem: risco, incerteza e educação. In: MAGALHÃES, Maria Cecília (org.). **A formação do professor como um profissional crítico: linguagens e reflexão**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.
- DUDENEY, G.; HOCKLY, N.; PEGRUM, M. **Letramentos Digitais**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- JENKINS, H. **A Cultura da Convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

MARTÍN-BARBERO, J. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. *In: MORAES, D. Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

MORAN, J. M. Educação Híbrida: Um conceito chave para a educação, hoje. *In: BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. M. (Orgs). Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação [recurso eletrônico]*. Porto Alegre: Penso, 2015. e-PUB.

OLIVEIRA, M. S. L. *et al. Diálogos com docentes sobre ensino remoto e planejamento didático*. Recife: EDUFRPE, 2020.

PEREIRA, F. R. S. C. **O uso do Facebook como ferramenta pedagógica em sala de aula: um estudo de caso na Escola Estadual Napoleão Ábdon da Nóbrega**. 2014. 42 p. Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Prática Pedagógicas Interdisciplinares) – Universidade Estadual da Paraíba, UEPB, 2014.

SILVA, H.; JAMBEIRO, O.; LIMA, J.; BRANDÃO, M. A. Inclusão digital e educação para competência informacional: uma questão de ética e cidadania. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v.34, n. 1, p. 28-36, 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19652005000100004&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 20 jun. 2020.

SILVA NETA, M.; CAPUCHINHO, A. C. Educação Híbrida: Conceitos, Reflexões e Possibilidades do Ensino Personalizado. **II Congresso sobre Tecnologias na Educação**. Universidade Federal da Paraíba - Campus IV Mamanguape - Paraíba – Brasil 18, 19 e 20 de maio de 2017. Disponível em: http://ceur-ws.org/Vol-1877/CtrlE2017_AC_13_62.pdf. Acesso em: 19 jun. 2020.

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 81 p. 143-160, dez. 2002.



International Group of Mentoring

www.editoraigm.com.br

+55 (11) 94205-8079

Este livro foi elaborado pela Editora
IGM de Quirinópolis, GO, e impresso
em Gráfica parceira em papel Pólen
80g, fonte Cambria.